



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE CULTURA E TERRITÓRIO

ROSÂNGILA DOMINGOS GUALBERTO

O LUGAR CONTADO: Narrativas em torno à Chapada dos Negros em Arraias - TO

**ARAGUAÍNA
2017**

ROSÂNGILA DOMINGOS GUALBERTO

O LUGAR CONTADO: Narrativas em torno à Chapada dos Negros em Arraias – TO

Trabalho apresentado ao Curso de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território da Universidade Federal do Tocantins como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos de Cultura e Território.

Área de concentração: Estudos interdisciplinares em Estudos de Cultura e Território

Linha de pesquisa: Paisagens, Narrativas e Linguagens

Orientador: Prof. Drº Dornival Venâncio Ramos Júnior

**ARAGUAÍNA
2017**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

G8991 Gualberto, Rosângila Domingos.

O Lugar Contado: Narrativas em torno à Chapada dos Negros em Arraias-TO . / Rosângila Domingos Gualberto. – Araguaína, TO, 2017.

125 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Estudo de Cultura e Território, 2017.

Orientador: Dr. Demival Venâncio Ramos Júnior

1. Chapada dos Negros. 2. Narrativa. 3. Memória. 4. Patrimônio. I. Título

CDD 306

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ROSÂNGELA DOMINGOS GUALBERTO

O LUGAR CONTADO: Narrativas em torno à Chapada dos Negros em Arraias – TO

Trabalho apresentado ao Curso de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território da Universidade Federal do Tocantins como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos de Cultura e Território.

Área de concentração: Estudos interdisciplinares em Estudos de Cultura e Território.

Linha de pesquisa: Paisagens, Narrativas e Linguagens.

Orientador: Prof. Dr. Demival Venâncio Ramos Júnior.

Aprovada em: 24/08/2017

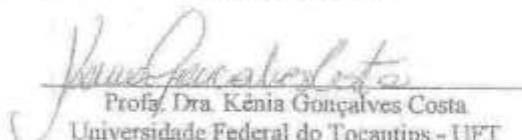
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Demival Venâncio Ramos Júnior
Universidade Federal do Tocantins - UFT
Orientador



Prof. Dr. Jerônimo da Silva e Silva
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - UNIFESSPA
Avaliador externo



Profa. Dra. Kénia Gonçalves Costa
Universidade Federal do Tocantins - UFT
Avaliadora interna

*À minha mãe querida, pelo apoio e confiança
em minhas escolhas.
Às crianças, aos jovens, aos velhos e às
futuras gerações de Arraias.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu refúgio.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pelo auxílio financeiro.

À grande família: mãe, irmãos, irmãs, sobrinhos e sobrinhas. É amor demais!

Ao professor Dernival Venâncio Ramos Júnior pela orientação e comprometimento.

À professora Valdirene Gomes dos Santos de Jesus pelo comprometimento no auxílio dos documentos referentes ao processo de patrimonialização da Chapada dos Negros.

Ao guia, Denilson Costa, sem ele possivelmente não teria as visitas à Chapada.

Aos narradores de Arraias que gentilmente concederam as suas narrativas para este trabalho.

Aos professores (as) do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território – PPGCult.

A todos estes, muito obrigada!

RESUMO

Este trabalho se constitui em uma pesquisa interdisciplinar a partir do diálogo entre memória, narrativa e lugar. Ele lida com dois conjuntos de narrativas: orais e as documentais. Essas narrativas tem como tema a Chapada dos Negros em Arraias-TO. Objetiva-se analisar os significados da Chapada nas narrativas orais e escritas dos moradores de Arraias-TO. Os procedimentos metodológicos utilizados foram a pesquisa qualitativa, a pesquisa bibliográfica, a história oral e a análise documental. O estudo se tece através do diálogo entre autores, como Lima (2003), Haesbaert (2006), Thompson (1992), Anderson (2008), Choay (2006) e outros. A Chapada dos Negros foi o primeiro povoado e teve início no ciclo do ouro, no século XVIII por volta de 1731. Hoje existe o sítio arqueológico com os vestígios do antigo garimpo construído por escravos, e, ainda, a memória e as narrativas dos moradores. O local consiste num patrimônio histórico e cultural, relacionado a um bem relevante para a identidade histórica e cultural dos arraianos. Os resultados foram que: a história do lugar se constitui por meio de narrativas e saberes transmitidos pelos mais velhos; o movimento de patrimonialização ocorrido foi uma estratégia de defesa territorial e mostra a articulação entre preservação da história e da memória do lugar como uma dimensão simbólica e ambiental do território; e que as narrativas orais constituem a Chapada em lugar de memória e evidenciam os sentidos do lugar para a identidade arraiana.

Palavras-Chave: Chapada dos Negros. Narrativa. Memória. Patrimônio.

RESUMEN

Este trabajo se constituye en una investigación interdisciplinaria a partir del diálogo entre memoria, narrativa y lugar. Ella lidia con dos conjuntos de narrativas: las orales y las documentales. Esas narrativas tienen como tema la *Chapada dos Negros* en Arraias-TO. Se objetiva analizar los significados de *Chapada* en las narrativas orales y escritas de los residentes de Arraias-TO. Los procedimientos metodológicos utilizados fueron la investigación cualitativa, la investigación bibliográfica, la historia oral y el análisis de documentos. El estudio se plantea a través del diálogo entre autores, como Lima (2003), Haesbaert (2006), Thompson (1992), Anderson (2008), Choay (2006) y otros. *Chapada dos Negros* fue el primer pueblo y tuvo su inicio en el ciclo de oro, en el siglo XVIII a eso de 1731. Hoy existe el sitio arqueológico con los vestigios de la antigua mina construida por esclavos, y, todavía, la memoria y las narrativas de los residentes. El local consiste en un patrimonio histórico y cultural, que está relacionado a un bien relevante para la identidad histórica y cultural de los ciudadanos de Arraias. Los resultados fueron que: la historia del lugar se constituye a través de narrativas y saberes transmitidos por los mayores; el movimiento de patrimonización ocurrido fue una estrategia de defensa territorial y muestra la articulación entre preservación de la historia y de la memoria del lugar como una dimensión simbólica y ambiental del territorio; y que las narrativas orales constituyen a *Chapada* un lugar de memoria y evidencian los sentidos del lugar para la identidad de Arraias.

Palabras Clave: *Chapada dos Negros*. Narrativa. Memoria. Patrimonio.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1: População residente de Arraias por cor ou raça 2010	17
Figura 1: Localização de Arraias no mapa do Estado do Tocantins	18
Figura 2: Área de mineração de ouro século XVIII	20
Figura 3: Arraias, 1740	22
Figura 4: Painel histórico de Arraias	26
Figura 5: Localização das principais ruínas da Chapada dos Negros em Arraias	33
Figura 6: Buraco do testa	35
Figura 7: Buraco do testa	36
Figura 8: Secador de ouro	37
Figura 9: Regos para a passagem de água	38
Figura 10: Muro de pedra para a passagem de água	39
Figura 11: Lavagem do ouro	40
Figura 12: Represa	41
Figura 13: Pilão de pedra	43
Figura 14: Pilão de pedra	44
Figura 15: Casa do ouro	46
Figura 16: Senzala	47
Figura 17: Senzala	48
Figura 18: Cemitério	49
Figura 19: Capela	50
Figura 20: Amontoados de terra	51
Figura 21: Escavação aurífera	52
Figura 22: Escavação para aparar água da chuva	53
Figura 23: Igreja Nossa Senhora do Rosário	54
Figura 24: Casa de pedra	55
Figura 25: Ponte de pedra	56
Figura 26: Placas de identificação de algumas ruínas da Chapada dos Negros	68
Figura 27: Ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos em Natividade - TO....	71
Figura 28: Museu histórico e cultural de Arraias - TO	75
Figura 29: Casario de Natividade - TO	76
Figura 30: Arraias "Cidade das Colinas"	96
Figura 31: Centro histórico de Arraias	97

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I - CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DE ARRAIAS-TO.....	19
1.1. A mineração em Arraias	19
1.2. A Chapada dos Negros	27
1.2.1. Algumas ruínas da Chapada dos Negros	32
CAPÍTULO II - PATRIMONIALIZAÇÃO DA CHAPADA DOS NEGROS: processos, sujeitos e associações.....	58
2.1. Algumas discussões sobre patrimônio cultural.....	58
2.2. Estratégias de defesa territorial: sujeitos e associações.....	60
2.3. Processo de patrimonialização da Chapada dos Negros: Vistoria e Parecer Técnico do IPHAN 2014.....	69
CAPÍTULO III - A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO: a Chapada dos Negros como lugar.....	79
3.1. Lugar e Memória	79
3.2. Garimpando narrativas: o imaginário do ouro na Chapada dos Negros.....	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
RELAÇÃO DAS FONTES ORAIS	102
REFERÊNCIAS	104
ANEXOS.....	110
ANEXO A – Termo de Concessão de Direitos. 2016.....	111
ANEXO B – <i>Jornal do Tocantins</i> . Resistência Cultural à Chapada dos Negros. (S/D).	112
ANEXO C – <i>Jornal História</i> . Ato público em Arraias quer políticas de preservação do patrimônio histórico. 2010.....	113
ANEXO D – Parecer Técnico nº 78/14. Superintendência do IPHAN/TO. 2014.....	114

INTRODUÇÃO

Entendo que se faz necessário traçar o perfil da pesquisadora quanto à sua afinidade, apreço e relação com o objeto da pesquisa, tendo em vista que esse fator foi fundamental para a construção desse trabalho.

Eu, a autora desta pesquisa, natural de Campos Belos – GO sou filha de Ramiro Domingos Correia e de Domingas Francisco Gualberto, ambos lavradores que moravam numa fazenda no município de Arraias-TO.

Meus pais tiveram oito filhos, na verdade tiveram dez, como diz minha mãe, mas vivos são oito, cinco homens e três mulheres, eu sou a mais nova. Como fui a última a nascer, nasci em Campos Belos-GO (uma cidade vizinha de Arraias) porque, na época, minha mãe teve que se submeter a uma cirurgia para não ter mais filhos depois de mim e, na cidade de Arraias, não tinha estrutura para realizar tal cirurgia. Então, o patrão de meus pais fez com que eu pudesse nascer em uma cidade mais próxima para que o procedimento fosse realizado. Eu nasci nesta cidade e também fui batizada lá.

Quando eu tinha três anos de idade, meu pai faleceu. Com a ausência dele, minha mãe, analfabeta, teve que nos criar sozinha. Foi um período difícil para nossa família, meus irmãos tiveram que se separar e morar em outras cidades para trabalhar e ajudar nossa mãe a cuidar de mim e dos outros pequenos. A vida ali naquele espaço já não era mais a mesma. Depois de algum tempo, mudamos da fazenda para a cidade.

Eu e meus irmãos não tivemos referências que nos motivassem a estudar. Tanto da parte da família de meu pai quanto da de minha mãe, ninguém gostava de estudar. Mas minha mãe sempre teve a consciência de que seus filhos precisavam estudar para que pudessem ter um futuro melhor. Com o esforço dela, seus filhos conseguiram estudar e, hoje, quatro já concluíram o Nível Superior.

Na cidade, lembro-me que moramos em uma casa de dois cômodos. Como éramos muitos, à noite, para dormir, minha mãe improvisava camas no chão. Lembro-me que ela trabalhava fora e nós ficávamos sempre sozinhos. Nós éramos muito felizes. Ainda me lembro que eu ia para a escola e brincava até tarde na rua com as outras crianças.

O “lugar” faz parte de minha história. Pois bem, o fato é que o primeiro contato que tive com esta temática foi com doze anos de idade, quando entrei na Capoeira. Foi na Capoeira que eu aprendi sobre a história de minha cidade e, principalmente, sobre a Chapada dos Negros. Fazer parte deste Movimento Social Negro em Arraias foi um despertar pelo

conhecimento e compreensão do passado de nossa gente, pela memória e cultura da cidade, pois trata-se de uma cidade histórica que traz a memória como patrimônio social existente.

Mas não há a existência de trabalhos referentes à Chapada dos Negros ocasionando assim na perda desta memória esquecida no tempo, como está acontecendo aos poucos. O Mestre, de codinome Mestre Fumaça, colocou o nome do grupo de Capoeira Associação Cultural Chapada dos Negros – ACCN, justamente por esta questão da história da cidade, na tentativa de levar à conscientização das pessoas e, principalmente, dos moradores por uma Arraias quilombola e de pertencimento de uma identidade afrobrasileira.

No ano de 2008, com dezessete anos de idade, eu ingressei na Universidade Federal do Tocantins – UFT, Campus de Arraias para cursar Pedagogia. Durante o curso, tive contato com professores pesquisadores que estudavam a história da cidade e fui bolsista de um projeto que se chamava Cultura e Territorialidade das Comunidades Afrodescendentes no Município de Arraias-TO. Por meio deste projeto e da capoeira foi aumentando o despertar para que eu buscasse algo mais profundo sobre a temática.

No ano de 2012 eu concluí a faculdade. Sempre quis fazer Mestrado para que, um dia, eu pudesse voltar para a Universidade Federal do Tocantins, no campus de Arraias, como professora, pois, somente dois professores do referido campus são daquela região. Somente no ano de 2015 eu entrei no Mestrado em Estudos de Cultura e Território, porque além do interesse no Mestrado, considero a temática relevante para a história de Arraias. Este ano, 2017, estou aqui, prestes a ser uma mestra.

O presente estudo intitulado *O Lugar Contado: narrativas em torno à Chapada dos Negros em Arraias-TO*, tem por objetivo analisar os significados da Chapada dos Negros nas narrativas orais e escritas dos moradores de Arraias-TO. O trabalho problematiza a relação dos moradores com a Chapada dos Negros, considerando que o município iniciou-se no ciclo do ouro, no século XVIII por bandeirantes, com o Arraial da Chapada dos Negros, por volta de 1731. O local foi o início da cidade. Hoje existe o sítio arqueológico com os vestígios do antigo garimpo construído por escravos, o qual se encontra a 3 km da sede do município.

Considerando que o Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura e Território tem como um de seus objetivos principais produzir investigações de caráter interdisciplinar sobre a relação entre cultura e território, este trabalho se constrói a partir do encontro de saberes de agentes sociais, bem como, consiste em uma abordagem interdisciplinar que possibilita a troca entre diferentes saberes das ciências sociais e humanas. Para Fazenda (2008), esse tipo de pesquisa aborda a interação entre duas ou mais disciplinas que se reúnem diante de um mesmo objeto a ser pesquisado. Assim, “a interdisciplinaridade caracteriza-se

pela intensidade das trocas entre os especialistas e pela integração das disciplinas num mesmo projeto de pesquisa”. (FAZENDA, 2007, p. 31).

O trabalho lida com dois conjuntos de narrativas sobre a Chapada dos Negros: as narrativas orais e as narrativas documentais. Essas narrativas vão constituindo a Chapada como lugar e narrando-a. Para Barros (2012), dialogar sobre significados e analisar é também uma forma de narrar, podemos atribuir diversos sentidos à palavra “narrativa”, se existe ações humanas e significados já é uma narrativa.

O “narrar é configurar ações humanas específicas, mas é também discorrer sobre significados, analisar situações.” (BARROS, 2012, pp. 07-08). Em tudo o que acontece, algo está sendo narrado, uma vez que, ao contar uma história, não estamos apenas narrando a continuidade dos atos humanos, mas também conversando sobre os seus significados.

No decorrer das narrações, é possível perceber que as narrativas orais da Chapada dos Negros refletem em um processo de aprendizagem que, por meio da oralidade e dos ensinamentos dos mais velhos ocorre a conservação da tradição desses saberes, que são valores culturais presentes no modo de vida dos arraianos.

Para Gohn (2006), os conhecimentos são repassados a partir das práticas e experiências anteriores, de modo que as narrativas socializam os indivíduos, desenvolvem hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e de expressar no uso da linguagem de acordo com valores ou crenças herdados.

De acordo com Brandão (2007), tudo o que sabemos é adquirido pelas diversas situações de troca com as pessoas, pois, pela simples convivência com os outros, o saber flui. Assim, a educação passa por uma união de saberes, valores, hábitos e maneiras de interagir com o meio onde estamos inseridos, possibilitando um aprendizado de coisas da vida.

As narrativas orais consistem num ato social que estabelece a construção da vivência humana. O narrar permite a reunião de vários costumes e valores de um povo, mantendo as suas características, contribuindo para que determinada memória não se perca, seja silenciada:

[...] essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas. O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. (POLLAK, 1989, p. 03).

Ao narrar uma história, o indivíduo também educa, preserva e transfere o saber. Dessa forma, para Freire (1996), o ensinar gera as possibilidades para a produção ou para a

construção do saber, e a educação, por meio das narrativas orais como experiência especificamente humana, é uma forma de mediação no mundo.

Para a realização desta pesquisa foram feitos os seguintes procedimentos metodológicos: no primeiro momento, uma pesquisa bibliográfica para um contato direto com as fontes; no segundo momento, para a coleta dos dados, utilizou-se a história oral por meio de entrevista semi-estruturada aberta e sem muitas questões.

A temática central das entrevistas gira em torno da percepção e da relação que os moradores têm com o lugar, abrangendo temas em torno da história do antigo garimpo, da memória, noções do patrimônio histórico e cultural e das histórias por meio de narrativas que perpassam o imaginário do ouro na Chapada dos Negros. A partir desses temas e de acordo com as respostas narradas, surgiam novas perguntas. Dessa forma, os moradores tinham liberdade para narrar seus pensamentos e sentimentos sobre a Chapada dos Negros, além da garantia de melhor atribuição dos significados que possibilitasse uma compreensão a respeito dos usos desses significados que os arraianos constroem em torno das ruínas da Chapada dos Negros. Utilizou-se, também, registros fotográficos que foram fundamentais para a exposição das ruínas.

A entrevista foi realizada com treze (13) pessoas, sendo doze (12) moradores e um (1) arqueólogo da superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Com pessoas de faixa etária de 43 a 90 anos, a entrevista foi gravada e autorizada através do Termo de Concessão de Direitos (Anexo A), porém, algumas foram autorizadas pelo áudio no decorrer das entrevistas. Estas entrevistas foram transcritas e analisadas. As narrativas estão citadas com destaque em itálico para que houvesse uma distinção das outras citações comuns no texto. No terceiro momento, foi utilizada a análise de documento para verificar informações existentes sobre a temática abordada. Esta fonte é reservada a documentos escritos ou não, ou seja, são as fontes primárias. (MARCONI; LAKATOS, 2010).

Optou-se pelo uso da história oral por meio da perspectiva do Thompson (1992) pelo fato desta metodologia lançar a vida para dentro da própria história, e isso faz abrir o seu campo de ação, além de ser ela mesma a natureza essencial do método. As fontes orais ainda constituem “num instrumento útil na investigação da complexidade e da dinâmica social, por sua natureza peculiar, marcada por um processo de diálogo entre duas pessoas, por meio do qual se produzem versões únicas da realidade social”. (KHOURY, 2001, p. 81).

Em virtude disso, a relevância desta pesquisa está na proposta de pensar como as narrativas orais constituem lugar e como a experiência narrada transforma o espaço em

lugares. Os trabalhos produzidos sobre Arraias são referentes aos processos históricos da cidade, porém, não tratam dos significados da Chapada dos Negros nas diversas narrativas orais dos moradores.

Nessa perspectiva, segundo Portelli (1996):

A motivação para narrar consiste precisamente em expressar o significado da experiência através dos fatos: recordar e contar já é interpretar. A subjetividade, o trabalho através do qual as pessoas constroem e atribuem o significado à própria experiência e à própria identidade, constitui por si mesmo o argumento [...]. (PORTELLI, 1996, p. 02).

De acordo com Lima (2003), as narrativas orais constituem modos de observar e compreender o mundo, desenvolvem moralidades e conhecimentos, e também constituem formas expressivas em torno das quais as pessoas e grupos de pessoas dizem sobre as suas visões de mundo, seus valores e suas experiências que a memória coletiva narra.

Para Tuan (2013), o lugar é pertencimento e, ao adquirirmos experiências, valores, definição e significado em um determinado espaço, ele transforma-se em lugar, pois, “o lugar é onde guardamos nossas memórias e onde somos nós mesmos”. (TUAN, 2013, p. 10). Desse modo, as narrativas orais sobre a Chapada dos Negros são o lugar de produção de sentidos e de hábitos coletivos onde os moradores produzem significado ao lugar onde pertencem. De tal modo, são essenciais no resgate da memória e da interpretação do passado.

Para Nora (1993), a memória é sempre atual e está sempre ligada ao presente, se alimenta de lembranças vagas, flutuantes e simbólicas. A memória se enraíza no espaço, no objeto, na imagem, no gesto. Ao recorrer à memória do passado ela se volta a pertencer no presente, os narradores narram acontecimentos ocorridos em tempos antigos e outros do presente de uma forma que as narrativas orais vão criando detalhes de singularidades e se tornando, de algum modo, atuais. Assim, para Cabral (2014), há uma continuidade que ocorre por meio da materialidade fazendo com que o passado e o presente permaneçam próximos.

A partir da relação que os moradores adquirem com o lugar, vão surgindo os sentidos. Essas narrativas vão sendo experimentadas pelos sujeitos e assim fazendo significado em função de suas práticas específicas, pois o sujeito vai agir de acordo com suas interpretações. A identificação desses lugares por um determinado grupo representa uma das formas mais importantes de atribuir um sentido e sentimento a esses espaços.

A partir do ano de 2010, com a chegada de novos projetos mineradores na região, surgem estratégias de defesa da Chapada dos Negros, a principal delas foi a patrimonialização do lugar para um possível tombamento. A Chapada dos Negros, tendo em vista os seus

aspectos históricos e arqueológicos, consiste num Patrimônio Histórico e Cultural. Está relacionada a um bem onde é possível conscientizar os indivíduos proporcionando-os a adquirir conhecimentos para compreensão da história local, e adequando-os à história de si mesmos, sendo assim, importante para a formação da identidade histórica cultural.

Na cidade de Arraias existem sujeitos que buscam métodos de proteção visando a patrimonialização da Chapada dos Negros. São medidas adotadas devido a ausência de preservação do lugar que, de acordo com esses sujeitos, é o início da história e da memória da cidade. Por esse motivo, necessita que seja adotado algum tipo de preservação por meio de processos, sujeitos e associações seguidas de estratégias de defesa territorial, que a patrimonialização do sítio ocorre em torno da tentativa de tombamento do local como patrimônio histórico e cultural.

Reconstituir as histórias em torno da Chapada dos Negros por meio das narrativas dos moradores é tentar obter os significados que os mesmos põem em seus relatos. É o mesmo que imaginar “um arqueólogo querendo reconstituir, a partir de fragmentos pequenos, um vaso antigo. É preciso mais que cuidado e atenção com esses cacos; é preciso compreender o sentido que o vaso tinha para o povo a quem pertenceu”. (LIMA, 2003, p. 414). Dessa forma, para analisar os significados da Chapada dos Negros é preciso cuidado nas narrativas para compreender o significado e o lugar em que essas narrativas adquirem no contexto e para os moradores.

Percorrer o período do ouro na Chapada dos Negros, para Lima (2003), é deparar-se com um conjunto de imagens e eventos assombrosos que, ao mesmo tempo em que explica a escravidão da época, elabora também uma moralidade assentada de significados. Os narradores de Arraias expressam os seus valores culturais materiais, imateriais e sociais em torno de seus antepassados que foram escravizados na época da mineração, e estão entrelaçadas transmitidas de um para o outro, o que se torna importante para a preservação da memória.

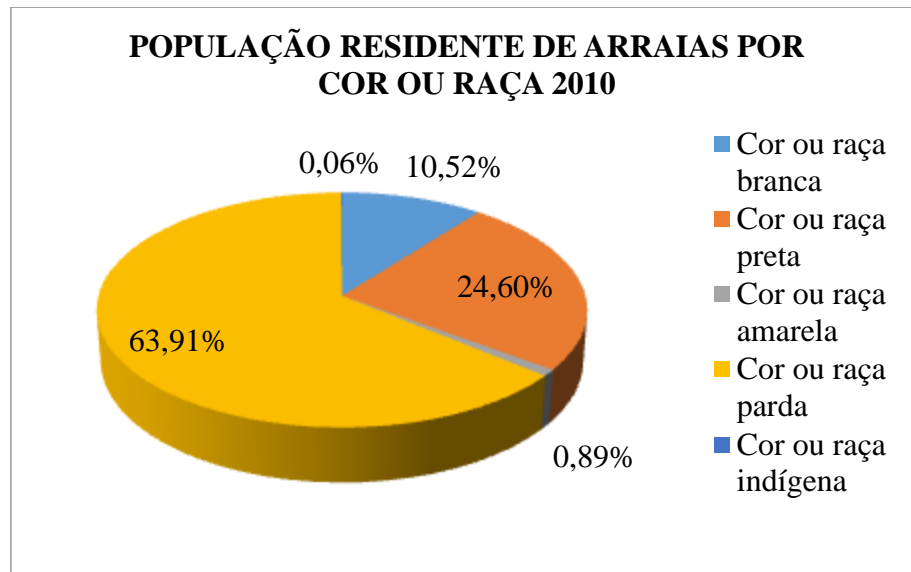
As narrativas aqui contadas não foram com o intuito de separar o real do irreal no que diz respeito à veracidade dos acontecimentos, pelo contrário, pois estas narrativas são “o lugar em que o real e o irreal se fundem, tornando-se indistintos, [...] esse lugar é onde a sociedade se vê e interpreta”. (LIMA, 2003, p. 24). Até porque, o interessante da história oral é justamente não ter essa preocupação com o verídico e o não verídico. “Nosso interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida”. (BOSI, 1994, p. 37).

As narrativas em torno à Chapada dos Negros são características da construção da identidade afrobrasileira dos moradores de Arraias. As ruínas presentes no local são testemunhos de um fato ocorrido e por trás delas vivem histórias que são repassadas pelas narrativas do povo possibilitando a construção de saberes e conhecimento, pois “a construção da narrativa revela um grande empenho na relação do relator com a sua história”. (PORTELLI, 1997, p. 31).

Essas narrativas estão presentes no cotidiano dos moradores. Contá-las significa o fortalecimento e a transmissão de um saber passado de geração a geração, “se não nos apressarmos em reunir seus testemunhos e ensinamentos, todo o patrimônio cultural e espiritual de um povo cairá no esquecimento juntamente com eles, e uma geração jovem sem raízes ficará abandonada à própria sorte”. (BÁ, 2010, p. 177). Por meio das narrativas é possível notar a história da cidade, suas apreensões de tempo, o espaço interpretado com vestígios afetivos e morais de acontecimentos relevantes.

Contudo, percebe-se que a cidade trata-se de uma das mais antigas do Estado do Tocantins e do Goiás, sendo considerada uma cidade histórica observada por sua construção de tipo colonial português. Conta-se que os escravos trazidos da África para o Brasil e depois para Arraias são originários do Estado da Bahia, visto que muitos dos costumes dos moradores são caracteristicamente baianos.

O município de Arraias possui uma população de 10.645 habitantes. É composto, em sua maior parte, por negros, sendo que 88,51% da população são pretas e pardas (IBGE, 2010). Como mostra o Gráfico 1:

Gráfico 1: População residente de Arraias por cor ou raça 2010

Fonte: IBGE. Censo Demográfico 2010. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=170240>>. Acesso em: 14 dez. 2016.
Autora: GUALBERTO, 2016.

A estrutura da dissertação está organizada em três (03) capítulos. Tendo em vista as narrativas orais da Chapada dos Negros e essa construção por meio da memória dos moradores, foi necessário revisar pressupostos teóricos sobre a história de Arraias, pois, falar sobre a Chapada dos Negros também é, ao mesmo instante, falar da história da cidade.

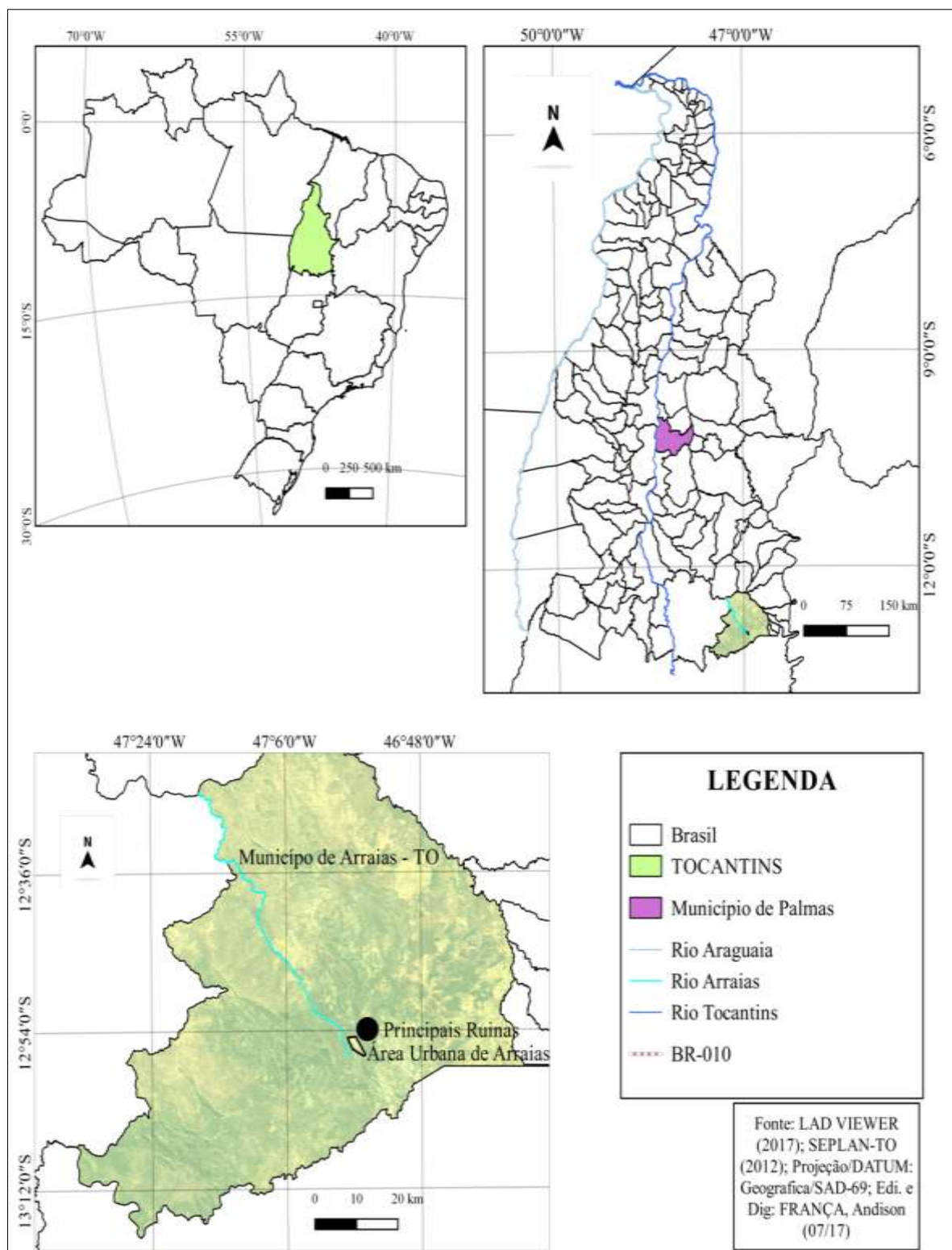
O primeiro capítulo problematiza uma breve *Contextualização Histórica de Arraias-TO*. Este capítulo discute o processo de mineração em Arraias que resultou na construção do primeiro povoado em torno ao garimpo, o arraial da Chapada dos Negros; aborda a história desse povoado narrada pelos moradores e algumas fontes escritas descritas; e ainda apresenta algumas imagens.

O segundo capítulo, *Patrimonialização da Chapada dos Negros: processos, sujeitos e associações*, discute a patrimonialização da Chapada dos Negros, abordando os processos, sujeitos e associações e analisa as estratégias de defesa territorial desses sujeitos em torno à tentativa de tombamento do local como patrimônio histórico e cultural.

O terceiro capítulo problematiza *A Construção do Espaço: a Chapada dos Negros como lugar*. Este capítulo aborda o lugar, a memória e a cultura; trata ainda das narrativas orais dos moradores sobre assombração e de mistérios em torno à Chapada dos Negros e seus significados.

Antes do início dos capítulos, segue um mapa de localização do município de Arraias na região sudeste do Estado do Tocantins. (Figura 1).

Figura 1: Localização de Arraias no mapa do Estado do Tocantins



Fonte: SEPLAN TO DATUM SAD 69, 2012.

CAPÍTULO I

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DE ARRAIAS-TO

Eu vim de longe, vim no navio negreiro, conhecido por
tumbeiro que aqui desembarcou amontoado, sem camisa,
espatifado, vim aqui pra ser escravo, apanhar sem merecer...
(Trecho da ladainha de Capoeira)

1.1. A mineração em Arraias

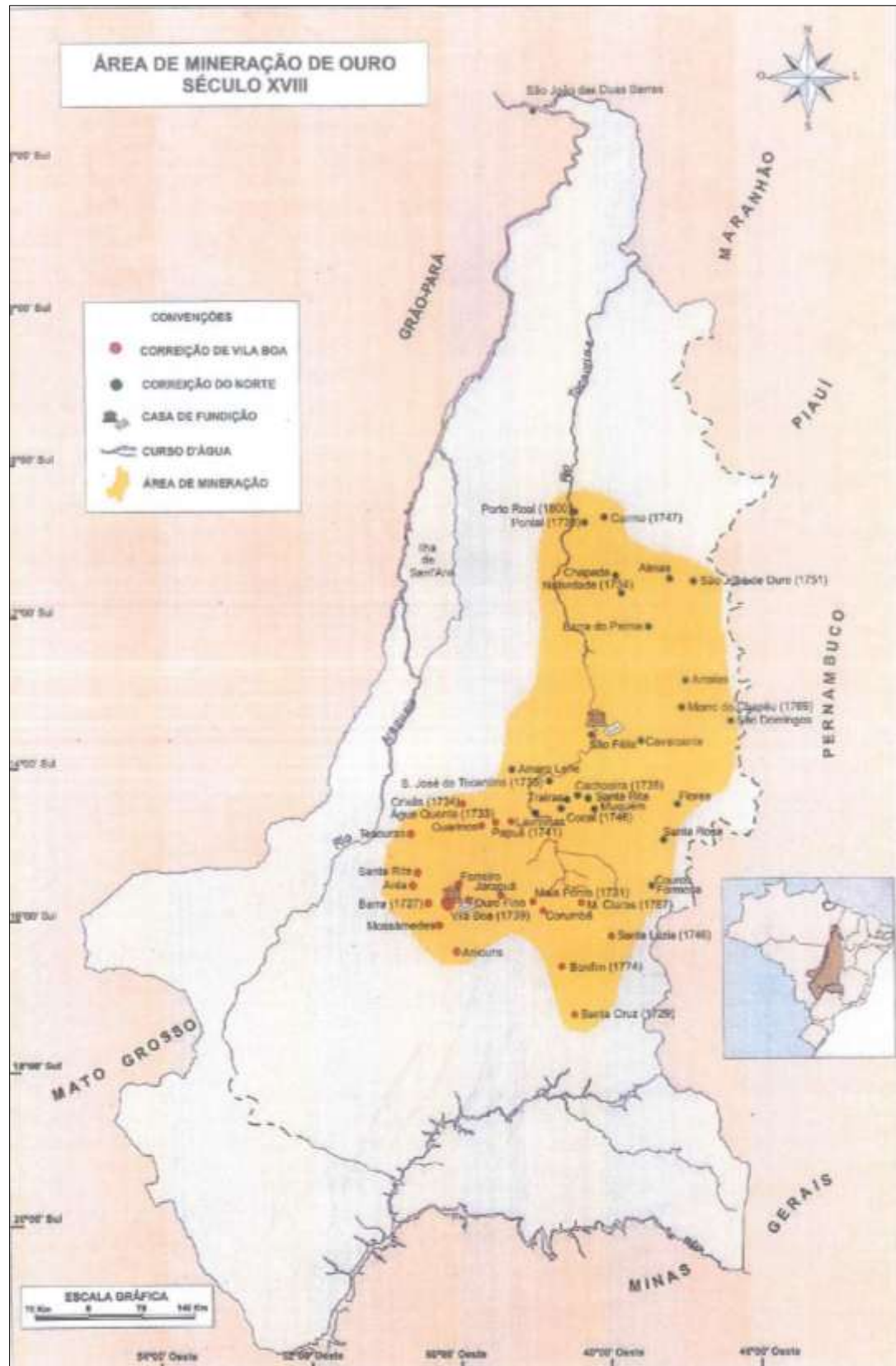
No século XVIII, a busca pela exploração aurífera fez com que houvesse o comércio de escravos da África para o Brasil. Para Apolinário (2007) foi o período da diáspora negra-africana, no qual foram trazidos muitos africanos e africanas à força para a colônia, para trabalharem na condição de escravos. Levados às diversas regiões brasileiras para lidarem principalmente com a produção da cana-de-açúcar por meio das atividades de engenhos, na mineração do ouro e de outros minérios e em trabalhos domésticos.

No Norte da Província de Goiás, a região que hoje é o estado do Tocantins, por volta de 1700, surgiu o período do “ciclo”¹ do ouro. Nesse intervalo, criaram-se muitas cidades na região, dentre elas, Arraias. Por volta do ano de 1731, o Arraial da Chapada dos Negros foi fundado. A descoberta e extração do ouro fez com que houvesse os primeiros habitantes, (Figura 2).

Segundo Apolinário (2007, p. 76), “diz a tradição popular, em Arraias, que, antes de ser povoada pelos mineradores brancos, essa chapada era núcleo de escravos aquilombados. Esses negros eram escravos fugidos das áreas mineradoras de outros arraiais”. O local onde estes homens e mulheres viveram ao chegarem à região ficou conhecido como Chapada dos Negros.

¹ Estamos usando “ciclo” como metáfora temporal de periodização, não de sistema socioeconômico.

Figura 2: Área de mineração de ouro século XVIII



Fonte: ROCHA, Leandro Mendes et al. (2001, p. 43).

De acordo com Apolinário (2007), nesse período, nos primeiros momentos, a atividade mineradora nas minas de Arraias foi basicamente de cascalho, em jazidas sedimentares. O ouro aluvional era, normalmente, encontrado no fundo dos córregos e ribeirões, dessa forma, o ouro retirado vinha misturado com a areia. Para a extração desse ouro que consistiam em técnicas africanas, era necessário que o mesmo fosse peneirado por meio de um instrumento denominado bateia². Dessa forma, era um método bastante cansativo, os escravizados ficavam por muito tempo submersos na água e expostos ao sol escaldante.

Após esse primeiro momento de cascalho, parafraseando Apolinário (2007), a atividade mineradora passou a ser realizada nas grupiaras em serras e chapadas. Nesse método, a extração do ouro necessitava da construção de regos para a captação de água, principalmente das chuvas com formação de correntes de água para a lavagem do ouro extraído. Esse procedimento exigia ainda mais da resistência física dos escravos.

Eram muitas as consequências das péssimas condições de trabalho às quais os escravos eram submetidos, causando muitas mortes, “as péssimas condições de trabalho deixavam os escravos à mercê de diversos males como gripes, pneumonias, pleurites, desvios na coluna e outras enfermidades próprias da garimpagem”. (APOLINÁRIO, 2007, p. 96).

Arraias foi povoada por afrodescendentes e africanos que eram escravizados no processo de mineração, porém, também foi habitada por outros grupos étnicos, como os Akroás, Xakriabá, Xavante, Xerente, Krahô, Apinayé, Javaé, Xambioá e Karajá, como constam nos estudos de Apolinário (2006; 2007). No entanto, muitas maldades foram praticadas por meio da catequização, fazendo com que muitos povos indígenas, nações numerosas no local desaparecessem. (TESKE, 2010).

A história das migrações colonizadoras está cheia de povoados e garimpos que surgiram e decaíram, deixando apenas vestígios das memórias espaciais do futuro dos pioneiros que criaram esses lugares. (LITTLE, 1999, p. 14).

Para Parente (2007), a mão de obra indígena era menos significativa que a negra no trabalho escravo, e teve serventia para a contribuição da localização das minas. Foram declaradas guerras de extermínio contra os indígenas por serem considerados empecilhos para os mineiros terem acesso às jazidas de ouro recém-descobertas.

De acordo com Apolinário (2007), por volta de 1740, com a descoberta de ouro e riqueza, muitos exploradores foram atraídos para a localidade, como é o caso do governador

² Uma bacia grande e rasa feita de madeira ou metal. Neste instrumento, o ouro era peneirado para separá-lo da areia e de outros cascalhos.

da província de São Paulo, D. Luís de Mascarenhas. O governador visitou aquela região na época tomando posse das minas auríferas, implantando a capitania de Goiás para oficializar os povoados que surgiam. Com a ajuda do capitão Felipe Antônio Cardoso e muitos escravos, o governador transferiu a sede do Arraial da Chapada dos Negros para o local onde hoje fica a cidade de Arraias.

Naquele momento, não se extinguiu totalmente as atividades de mineração, pois, ainda prosseguiu se desenvolvendo em torno da exploração aurífera. Não há registro historiográfico sobre a vistoria às minas em Goiás de D. Luís de Mascarenhas, porém, sabe-se que o governador ordenou a sede do arraial para o local que hoje é a cidade de Arraias de forma improvisada e de características irregulares, iniciando-se um novo núcleo urbano (Figura 3).

Figura 3: Arraias, 1740



Fonte: Prefeitura Municipal de Arraias. Disponível em: <
http://www.arraias.to.gov.br/fotos_bancoimagens/21.jpg>. Acesso em: jul. 2017.

Conta-se que, de início, o povoado se chamava Nossa Senhora dos Remédios de Arraias por ter se desenvolvido em torno da Igreja Nossa Senhora dos Remédios. Conta-se que o povoado do garimpo na serra e a fundação da cidade pode ser que tenham funcionado ao mesmo tempo, pois há relatos orais de que o motivo da cidade não ser fundada na serra, foi a falta de água.

Para Apolinário (2007), em 1749, as minas já demonstravam esgotamento. Entretanto, em 1792, descobre-se uma rica mina nas terras de Dom José Matias, que deu o nome de Ouro Podre devido a sua coloração parda. Essa descoberta aumentou novamente grandes grupos de aventureiros em Arraias. No entanto, o consumo não demorou muito tempo, pois representantes da Coroa Lusa ordenaram a paralisação das atividades, a fim de evitar que o ouro clandestino extraído fosse desviado sem devida tributação. Com a força repressiva do Estado, várias pessoas foram presas e levadas à Vila Boa, atual Cidade de Goiás.

De acordo com Apolinário (2007), o ouro extraído das minas de Arraias servia para sustentar o mercantilismo europeu. O pouco que ficava nas terras arraianas era utilizado pelos mineiros para o pagamento de suas dívidas, as quais muitos morriam sem quitar. “Os senhores escravistas deixavam de herança para as suas famílias somente a pobreza”. (APOLINÁRIO, 2007, p. 79).

No final da segunda metade do século XVIII, com as técnicas rudimentares de extração nos veios auríferos, a morte de muitos escravos devido às péssimas condições de trabalho, a falta de capital, dentre outras causas, levou o ouro a declinar. No entanto, Arraias, juntamente com a cidade de Natividade – TO, conseguiu sobreviver ao enfraquecimento do ouro e dar continuidade ao trabalho escravo por meio de fazendas no trabalho com a pecuária. As fazendas, desde o início da extração do ouro, estiveram presentes sendo subsidiárias da mineração e da agricultura. Nesse período, os escravizados passaram a se dividir nas atividades de roças de subsistência e nas fazendas criatórias condicionados à vontade dos senhores. (APOLINÁRIO, 2007).

O sistema escravista passou por um período de resistência negra por parte dos escravos contra o regime. “No mundo dominante dos brancos, os homens e mulheres negras escravizadas criavam espaços de liberdade e resistiam à exploração de um sistema que teimava em coisificálos”. (APOLINÁRIO, 2007, p. 93).

Esses homens e mulheres escravizados realizavam formas de resistência anti-escravista de muitas maneiras. As principais foram as fugas e as formações de quilombo que se tornaram frequentes. Fugiam do trabalho excessivo e desgastante das áreas mineradoras e adentravam nas matas em busca da liberdade.

Dada a falta de um número grande de feitores armados nas lavras mais distantes, a escravidão mineradora facilitava a fuga e a formação de quilombos. [...]. Os maus-tratos e a brutalidade nas minas ou nos engenhos com frequência levavam os africanos à revolta e, se bem-sucedidos, a formar quilombos nas montanhas vizinhas. (KARASCH, 1996, p. 244).

Apolinário (2007, p. 123) explica que “Quilombo é um termo banto que derivaria de ki-lombo, uma sociedade iniciativa de jovens guerreiros ‘mbundu’ adotada pelos invasores jaga (ou imbangala), estes compostos por diferentes grupos étnicos africanos desvinculadas de suas comunidades”.

Apolinário (2007) ainda afirma que:

É importante destacar que, na sua maioria, a população quilombola do período colonial não era constituída apenas de homens e mulheres negros fugidos, pois para lá poderia convergir diferentes atores sociais como perseguidos da justiça, indígenas aventureiros, vendedores e outros. Também é correto afirmar que, ao contrário do que se afirmava, muitos dos quilombos eram organizados próximos aos engenhos, arraiais, vilas e mantinham toda uma estrutura de apoio e interesse que envolviam escravos, negros e negras forras e os brancos menos afortunados. (APOLINÁRIO, 2007, p. 124).

Contudo, esses fugitivos eram caçados por bandeirantes e capitães-do-mato, estes eram nomeados pelos senhores de escravos e criavam tropas especializadas para apreensão de escravos que, quando pegos, eram submetidos a cruéis castigos como açoites e troncos, além da sociedade escravista que também os punia (APOLINÁRIO, 2007). É importante destacar que o relevo propiciou, nesta região, a formação de verdadeiros territórios negros.

Na época setecentista, na cidade de Arraias, assim como em outras onde havia a prática de escravidão, ocorreu formas de resistências coletivas que levaram à formação de quilombos (TESKE, 2009). Os quilombos foram importantes pela predominância das diferentes miscigenações de vários grupos étnicos africanos e indígenas na sociedade, contribuindo para o processo de formação das culturas afro-brasileiras com as suas variações regionais e gestando-se no tempo as diferentes estratégias de práticas culturais.

A cidade de Arraias dispõe de duas Comunidades Remanescentes de Quilombo reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares, órgão ligado ao Ministério da Cultura. Consiste em comunidades negras rurais que “souberam aproveitar as brechas deixadas pelo sistema e com astúcia pessoal, burlaram a ordem instituída e resistiram ao cativoiro” (APOLINÁRIO, 2007, p. 134).

As duas comunidades são a Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, situada a 35 km do município, e a Comunidade Quilombola Kalunga Mimoso, situada a 120 km do município,

lutam pela manutenção dos seus territórios e pela preservação da sua cultura e ainda disputando os espaços de sobrevivência comunitária.

De acordo com Nascimento; Jesus (2008), a Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra é constituída por remanescentes de quilombo e teve suas terras tituladas em 2004:

[...] cujo reconhecimento da identidade afrodescendente, se dá a partir dos artigos 215 e 116 da Constituição Federal de 1988; da Lei nº 7.668/1988, que cria a Fundação Cultural Palmares, [...] do decreto lei nº. 4.887/2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes dos quilombos; da Certidão de Auto-Reconhecimento expedida em 25 de agosto de 2004 reconhecendo assim a Lagoa da Pedra como remanescente das comunidades dos quilombos. (NASCIMENTO; JESUS, 2008, p. 02).

A partir de pesquisa feita na comunidade, Nascimento; Jesus (2008) constataram que a Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra possui 80 alqueires de área, com 37 famílias somando, aproximadamente, 180 pessoas. A maioria vive em casa de adobe com tijolos feitos de argila encontrada na comunidade e produzidos pelos próprios moradores. “[...] 42% das pessoas encontram-se na faixa etária entre 0 a 18 anos; 48% estão na faixa etária de 19 a 59 anos e 10% com idade acima de 60 anos.” (NASCIMENTO; JESUS, 2008, p. 04).

O território Quilombola Kalunga Mimoso do Tocantins, está localizado nos municípios de Arraias e Paranã. A comunidade Kalunga do Mimoso de Arraias “é composta por 18 famílias que estão nessas terras há várias gerações. [...] orientada pela identidade étnica [...] que foi assumida por sua parentela Kalunga situada no território de Goiás.” (OLIVEIRA, 2007, p. 174). Sua origem remonta aos escravos fugidos do Norte Goiano.

Segundo Oliveira (2007):

A comunidade remanescente do Kalunga do Mimoso é oriunda desse processo de formação histórica das comunidades de fugitivos no Norte de Goiás. Tanto no período pós abolição como na contemporaneidade enfrentaram no seu espaço territorial problemas com a invasão das suas terras, ordenadas pela expansão capitalista e advindas desde a Lei de Terras de 1850 até os dias atuais com a prática da grilagem no território. As tensões e conflitos enfrentados pelos indivíduos do grupo foram, no final da década de 1980 e início dos anos 1990, pontuados pelo processo da prática da grilagem na região além de terem sofrido com o processo de concessão dessas áreas para construção de usinas hidrelétricas e empresas mineradoras. (OLIVEIRA, 2007, p. 33).

Os Kalunga do Mimoso em Arraias, antes de ter suas terras tituladas como remanescentes de quilombo em 2010, viviam em constantes conflitos com fazendeiros e em situações de extrema pobreza.

Na cidade de Arraias existe um painel histórico (Figura 4) que está situado na praça denominada Praça da Matriz em frente à Igreja Nossa Senhora dos Remédios, padroeira do município. Segundo relatos de alguns moradores, esta pintura foi feita entre os anos de 1967 e 1968 por uma moradora de família tradicional de nome Guilhermina conhecida por “Samina”.

Este painel é importante, pois, representa dois períodos da história de Arraias, sendo a mineração, em 1735, com o “ciclo” do ouro e a pecuária, em 1800, com o “ciclo” da criação de gado. O painel é uma forma de a cidade preservar e louvar as suas origens e a memória local. Esse painel é a narrativa oficial da história da cidade. Ele esconde o silêncio, a dor, o sofrimento e o conflito. Observa-se que, depois de feita, a pintura foi lançada para o painel por meio de azulejos para melhor preservação e duração. A razão de sua permanência até os dias atuais, é que, sempre que conveniente, é reforçada a pintura em suas laterais.

Figura 4: Painel histórico de Arraias



Foto: GUALBERTO, 201

1.2. A Chapada dos Negros

Grande parte da história da Chapada dos Negros é feita de narrativas orais, pois existem poucos registros escritos sobre sua história. As informações são transmitidas oralmente pelos moradores, os conhecimentos são herdados dos mais velhos. Dessa forma, pretende-se junto com moradores, contar a história do lugar por meio de registros da sua memória.

Os moradores de Arraias narram a história da Chapada dos Negros pelo fato de ouvirem os mais velhos contarem para eles. São saberes e conhecimentos transmitidos que vão sendo repassados e, assim, contribuindo para uma aprendizagem não escolar cheia de valores e culturas próprias. “[...] muitas de nossas lembranças, ou mesmo de nossas ideias, não são originais: foram inspiradas nas conversas com os outros”. (BOSI, 1994, p. 407).

Observamos o que Francisco Carvalho Souza, morador de Arraias, de 57 anos de idade, sempre prestativo, narra:

Na época dos bandeirantes né passando por aqui descobriram aqui a chapada aqui como uma grande potencialidade de minério que seria o ouro né. Eles chegaram a trabalhar aí por mais de cinco mil homens negros escravos e que tiravam aí eles carregavam chegaram a tirar uma média de quinze arrobas de ouro por noite, veja como sofria esses camaradas lá sem água sem nada lá em cima um sofrimento danado. [...] aqui onde chama a Contagem era pesagem de ouro, contagem, onde eles ficava... pegava o ouro é contagem, chamava contagem do ouro. [...] Tinha uma casa velha lá que usava pra... dizem os mais velhos que era pra pesar o ouro, por isso o nome de Contagem. (Entrevista oral realizada com o Senhor Francisco Carvalho Souza, em 07 de outubro de 2016).

Observamos a narrativa do senhor Reginaldo Ferreira de Moura, 56 anos de idade, morador da cidade de Arraias, mestre de capoeira cujo codinome é Mestre Fumaça. Ele conta a história da Chapada dos Negros por ouvir alguém contar para ele.

Éééé, eu antes não tinha..., não ouvia falar Chapada dos Negros. Depois um tempo pra cá a gente ouviu falar no nome, eu conhecia o local, [...] é um lugar onde quando eu fui ver era um local onde eu ia caçar jumento, ia caçar animal que o pessoal vinha do sertão e eles é...num tinha lugar de roça então piava os animal, os animal sumia e eu era o dinheiro que eu ganhava era atrás desses animal o que eu sabia fazer era caçar animal, era pegar lenha, então era os lugar dêu andar. [...] um dia eu tava passando por lá nesse local, aii, é...tinha um tronco e eu num entendia porque que tinha aquela fivela di...di...di ferro no meio dela né. E sempre passava naquilo ali procurando animal i... i num sabia, aí um senhor né falou pra mim assim, não, isso aí era o tronco, diz que era o tronco de escravo, né, há muito tempo atrás, eu era minino né, muleque piqueno, então eu lembro desse, desse, desse local, né, hoje fica ali em baixo naqueles pé de jatobá ali né, eee falava e aí foi contar a história né da chapada dos negros o quê que era, que era os negros que vieram da África pra cá, é... ser é... usado na na no garimpo né, e na... e na cana de açúcar e na pecuária em Arraias né, a chapada dos negros, então, esse, esse local era o local onde primeiro era Arraias anteriormente Arraias era lá [...]. E esses

negros é...é, eu ouvi dizer também, o finado Agenozim já falava que esses negros era oriundos é, do Quênia, Moçambique e de Guiné. (Entrevista oral realizada com o Senhor José Reginaldo Ferreira de Moura, em 09 de setembro de 2016).

Nas narrativas de Francisco Carvalho e Reginaldo Ferreira, percebe-se a construção social da memória no que,

[...] haveria uma ausência de elaboração grupal em torno de certos acontecimentos ou situações. [...] O efeito, nesse caso, seria o de esquecer tudo quanto não fosse “atualmente” significativo para o grupo de convívio da pessoa. É o que sucede às vezes: os fatos que não foram testemunhados “perdem-se”, “omitem”, porque não costumam ser objeto de conversa e de narração, a não ser excepcionalmente. Assim, quando o sujeito os evoca, não vem o reforço, o apoio contínuo dos outros: é como se ele estivesse sonhando ou imaginando; e não por acaso duvidamos, hesitamos, quando não nos confundimos, sempre que devemos falar de um fato que só foi presenciado por nós, ou que sabemos “por ouvir dizer”. (BOSI, 1994, p. 67).

A história do lugar está associada ao sofrimento e à escravidão dos negros. Durante muitos anos, a Chapada dos Negros era um lugar “desconhecido” pelos moradores, antigamente muitos a frequentavam sem ter a noção de que aquele lugar foi o início da cidade, porém, com os tempos foi se ouvindo dos mais velhos sobre a história do lugar. Esse desconhecimento se dava pelo fato de que, antigamente, não se falava em Chapada dos Negros, ou seja, não se falava da origem e da história da cidade para seus descendentes. Quando isso acontecia, era por incidência ou por um acaso.

Segundo o senhor Domingos Bispo da Costa, negro, lavrador e morador rural de Arraias, de 72 anos de idade:

Aquelas pessoas mais velha que já faleceu falava pra mim o seguinte os escravos trabaiava nu, era o que eles falava pra mim e não tinha direito de pegar ouro, porque todo mundo trabaiava marcado, igual gado, se meu gado tem minha marca, o seu tem a marca sua... todo mundo marcado e era assim, esse que é o meu funcionário mas só destacava pela marca, mais todo mundo nu, sofrendo. [...]. (Entrevista oral realizada com o Senhor Domingos Bispo da Costa, em 08 de setembro de 2016).

Observa-se que Domingos Bispo da Costa relata as condições em que os escravos eram submetidos a trabalharem nas minas pelos senhores, por meio dos conhecimentos dos mais velhos que foram repassados para ele, assim, como toda a história da Chapada dos Negros. Recorda o sofrimento dos escravos que trabalhavam privados de roupa, sujeitos às atribuições do clima, do ambiente e do açoite, um corpo desprotegido em toda a sua totalidade. O narrador também comenta o fato de que “*todo mundo trabaiava marcado, igual gado*”, comparando o corpo humano ao de um gado, marcado por um sistema de poder, que

foi inscrito forçadamente tanto para facilitar a identificação dos escravos por seus proprietários como para fazer com que o cativo nunca esquecesse a quem pertence.

Esse corpo desprotegido e sujeito às atrocidades do seu senhor “*não tinha direito de pegar ouro*”. Não é a impossibilidade de pegar, fato que acontecia nas espertezas cotidianas, mas o direito de alcançar legitimidade por meio do motivo que lhes sujeitava no dado contexto. Ter o direito de tocar o ouro, isto é, de promover caminhos para a liberdade, não é apenas uma impossibilidade do ambiente no contexto aurífero ou de ordem econômica.

Observamos agora a narrativa do guia da Chapada dos Negros cadastrado pela Prefeitura do município, Denilson Costa, funcionário público, e também filho do senhor Domingos Bispo da Costa. Ele narra o seu conhecimento sobre o local por meio dos ensinamentos passados pelo pai:

Nós temos uma chácara lá na frente, aí o gado nosso ficava solto, aí ele vinha comia aqui, nós ficava procurando eles aqui dentro aqui, aí meu pai ia me ensinando, meu pai ia falando... Mas a gente não passava por aqui não, meu pai passava e falava, vou mostrar isso pru cê. [...]. (Entrevista oral realizada com Denilson Costa, em 04 de setembro de 2016).

O narrador relata que o seu conhecimento sobre os locais na Chapada dos Negros se deu porque o local era onde o gado da família se alimentava. Na busca desse gado de volta para a Chácara, passavam sempre nas marcas do antigo garimpo, nisso, o seu pai mostrava os vestígios do lugar para ele.

De acordo com narrativas orais, as terras onde se encontra a Chapada dos Negros, pertenciam à igreja Nossa Senhora dos Remédios no município, que, no entanto, foram vendidas pelo pároco da cidade pouco tempo atrás.

O guia, Denilson Costa, atenta para a importância histórica da Chapada dos Negros, questionando a venda da mesma pelo pároco da cidade:

Isso daqui tudo era da igreja, vendeu pouco tempo, a igreja não devia ter vendido não, falava não área histórica num vendo não, né. Essa área histórica aqui deve dá uns 40 alqueires só. Porque ela... ela é o seguinte, ela é uma área grande, assim, igual isso aqui ó, todo lugar que ocê andar aqui cê vai ver isso aqui ó, (referindo as escavações) onde os escravos trabalha [...], aí tá dentro da área histórica né, ela deve ter uns 40 alqueires. Num é a... essa terra tôda, é só uma parte dela aqui assim que eles usavam, porque todo lugar que ocê andar cê vai ver isso daí ó que eles garimpavam eles vinham levava ouro lá pra baixo, porque aqui num tinha água né [...]. (Entrevista oral realizada com Denilson Costa em 04 de setembro de 2016).

Atualmente, essas terras são de propriedade privada de um ex-deputado federal do Estado do Paraná de nome José Domingos Scarpelini. O local possui uma fazenda sede de nome Fazenda Guanabara com a existência de um administrador cujo nome é Valdemir Nascimento Maranhão, que gentilmente contribuiu para a pesquisa. Até a presente pesquisa estas terras estavam à venda.

Segundo narrativas orais, no tempo que predominava a mineração, o local onde está a Fazenda Guanabara do proprietário citado anteriormente, era onde residiam os senhores escravistas. Quem conta é Francisco Carvalho Souza: “*Cá em baixo onde é a fazenda era os senhores que controlavam os escravos, era ali que eles moravam, trabalhavam lá em cima e morava cá em baixo*”. (Entrevista oral realizada com o Senhor Francisco Carvalho Souza em 07 de outubro de 2016).

A Chapada dos Negros está situada na serra na área rural do município, onde foi o início da cidade. Laurentina Gonçalves Souza, de 90 anos de idade, lúcida e de uma boa memória apelidada de Cheiro e que assim gosta de ser chamada, conta que “*Arraias era pra ser lá, mas a água diminuiu lá né aí eles vieram fazer garimpo aqui, num deu mais pra eles garimpar lá veio garimpar aqui e aqui formou a cidade.*” (Entrevista oral realizada com Dona Cheiro em 07 de outubro de 2016). O senhor Francisco Carvalho, na sala de sua casa, apontando para o lado de fora complementa que “*a razão foi essa, tanto que isso aqui era um brejo toda essa praça aqui isso era um buritizal construíram a cidade aqui e não lá onde tinha os senhores de escravos*”. (Entrevista oral realizada com o Senhor Joaquim Carvalho em 07 de outubro de 2016).

Cordeiro (1989), em seu livro *Arraias: suas raízes e sua gente*, comenta que, na Chapada dos Negros:

Há, ainda lá, vestígios de um grande povoado: Arraial da Chapada dos Negros, onde Arraias começou: ruínas de igreja, regos de captação de água de muitos quilômetros de extensão, diversos escombros de habitações coletivas e familiares. (CORDEIRO, 1989, p. 14).

Conta-se que a Chapada dos Negros era uma região com grande capacidade aurífera e uma das que mais produziram o ouro na capitania do Norte de Goiás, naquele tempo contava entre 05 a 10 mil escravos na serra.

Os escritos de Costa (2004) sobre *Educação e Cultura de Arraias* conta que a Chapada dos Negros, no início, era denominada de Boqueirão dos Tapuios, pelo fato desse local antes ser usado por povos indígenas para descansarem quando faziam a viagem do Estado da Bahia para a cidade de Dianópolis - TO. No entanto, sabe-se que, com a descoberta de ouro e outros

minérios e com a chegada de escravos para trabalharem na mineração, aquela região se tornou um rico garimpo aurífero.

Na Chapada dos Negros, depois do fim da mineração e da extração do ouro, muitos moradores, juntamente com outros faiscadores realizavam ainda a garimpagem no local a fim de encontrar alguns vestígios de ouro. Dona Cheiro, com sua boa memória, lembra que “*eu garimpei lá... tem tempo...foi pouco tempo o garimpo já tinha acabado já né...só faisquinha, faisquinha [...]. Foi por aí entre 60 e 70*”. (Entrevista oral realizada com Dona Cheiro em 07 de outubro de 2016).

O senhor José de Moraes, morador de Arraias há muito tempo, narra uma época em que frequentava aquela região para garimpar.

Lá não funcionou nada na época era só preparando lá pra pra garimpar né, lá num chegou a mexer com nada não. [...] Eu era novo ainda, rapaizinho. Lá não tinha nada, era uma terra solta aí, e a gente na época que foi pra lá foi pra pra preparar pra garimpar, mas num chegou a fazer nada lá num tem nada, nada nada nada. [...]. Trabei lá uma semana só nós num fizemo nada nada nada nada, num tinha nada. Tinha aquele montueiro de cascaí aqui acolá né mas nada nada nada [...] tinha um buraco lá assim. (Entrevista oral realizada com o Senhor José de Moraes em 19 de julho de 2016).

O senhor Joaquim Ribeiro dos Santos, morador de Arraias, de 65 anos de idade, ex guia na Chapada dos Negros, também exerceu a função de garimpeiro no local e relata que:

Um dia eu fui garimpar lá tirei uma pedra com 30 grama, uns 15 ano mais o meno. Aí eu larguei o garimpo pra lá. Mas eu tirei uma pedra lá desse tamanho, só que era era cheia de de pedra dentro né, mas deu 30 grama, naquele tempo era barato 70 reais a grama mas deu um dinheirinho. [...] Lá o minino arranhou uma chave lá desse tamanho tava acabada mas ainda tem ela. [...] Eu ranjei um pedaço de... negócio de ispingarda desse tamanho lá também [...] é daquele tempo, coisa vêia coisa tudo mal feito, teve um filho meu que ranjou um cachimbo assim eu acho que era dos negro fumar né, fica lá toda vida só que o cachimbo tava podre ele pegou ele quebrou era de barro. (Entrevista oral realizada com o Senhor Joaquim Ribeiro dos Santos em 20 de julho de 2016).

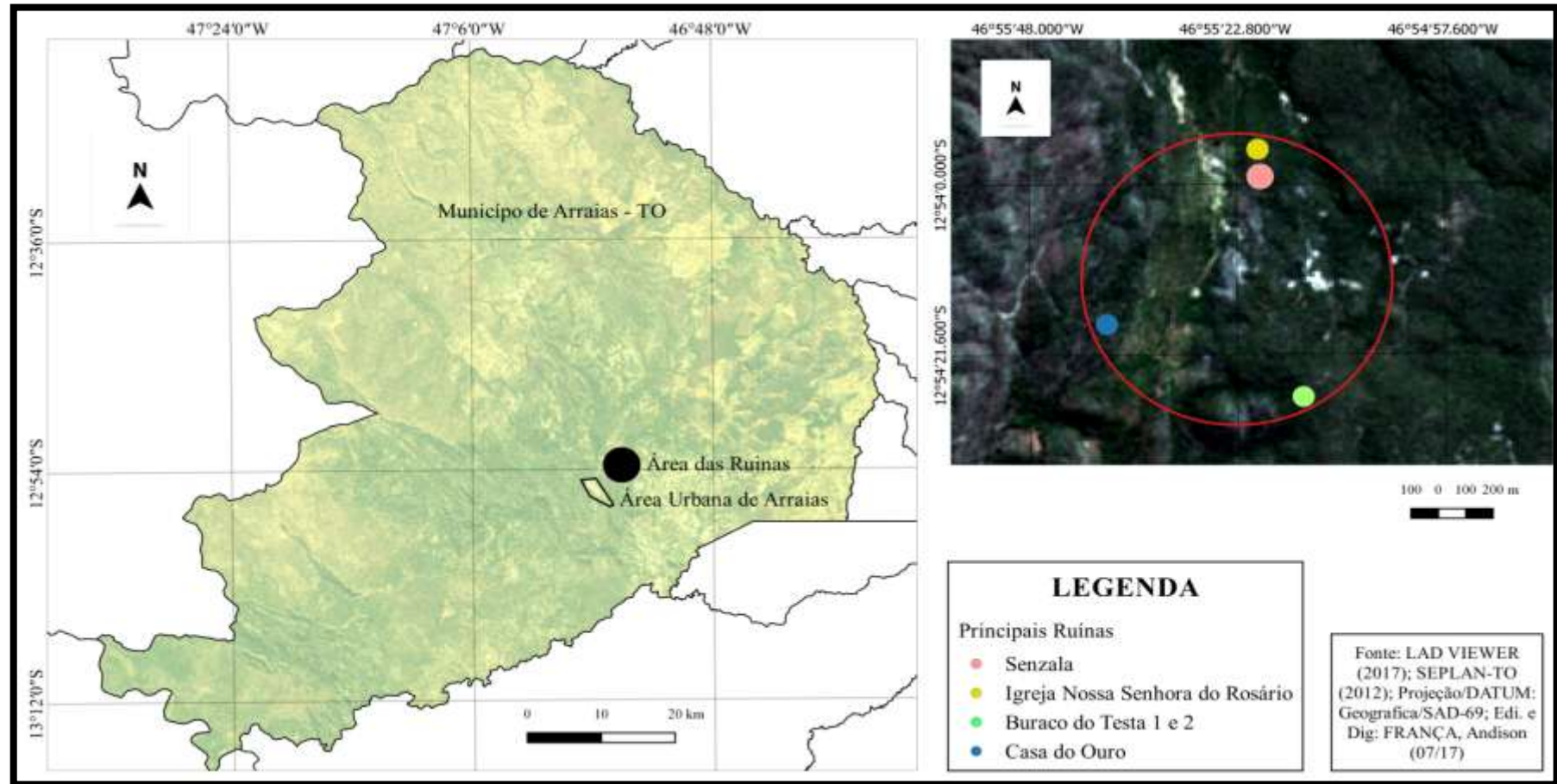
Diante dessas narrativas, percebe-se que o local prevaleceu durante muito tempo como uma terra solta, sem ninguém, e que as pessoas garimpavam, uns encontravam o sonhado ouro e outros não, e muitos também encontravam vestígios e objetos pertencentes aos ancestrais. Atualmente, no local, ainda persiste a visita de garimpeiros faiscadores pela procura de ouro e de outros minérios. Durante a pesquisa, foi possível encontrar vestígios de faiscadores no local, como: barracas, estradas, pegadas e escavações recentes.

1.2.1. Algumas ruínas da Chapada dos Negros

A Chapada dos Negros são ruínas de um antigo garimpo “onde os *Pretos d’antes* foram escravizados, dali ecoando vozes e choro, mas é também um lugar onde se leva as crianças e estudantes a conhecerem as coisas *d’antes*”. (MORAES, 2012, p. 211). Ou seja, na Chapada dos Negros, além das ruínas, está presente em suas marcas “vozes e choros”, que são a dor e o sofrimento dos escravizados. Hoje permanecem as coisas de antes para serem conhecidas pelas gerações futuras.

Atualmente existem vestígios de grandes fossos de escavações auríferas construídas pelos escravos, que seriam construções associadas à atividade de mineração, de exploração de ouro, de moradias, igrejas e cemitério remanescentes do período colonial (Figura 5). São ruínas que formam um conjunto importante de lugares com marcas de ocupação humana. Hoje restam também as memórias repassadas pelas narrativas orais dos moradores. Esporadicamente o local recebe visitas turísticas.

Figura 5: Localização das principais ruínas da Chapada dos Negros em Arraias



Fonte: SEPLAN-TO, (2012), Projeção DATUM Geográfica SAD 69.

O Buraco do Testa (Figura 6 e Figura 7), consiste no local onde era retirado todo o ouro ou qualquer minério encontrado na Chapada dos Negros. São dois buracos, um ao lado do outro. O local ainda abriga animais voadores como morcegos e bichos peçonhentos como cobras e também contém, ao redor, folhas caídas que são traiçoeiras e escorregadias. Os guias sugerem para que as pessoas tenham precauções e pouca proximidade no local, pois, o mesmo ainda não dispõe de proteção e preservação.

Conta-se que esse local recebe este nome porque, quando os escravos adentravam no buraco para a retirada do ouro e, ao sair, eles ralavam a testa.

Como explica o senhor José Reginaldo,

[...] Lá é onde tirava o ouro né, é porque o buraco do ouro é porque alguém não sabia do...do o por que que era buraco do testa, mas o buraco do testa é o mesmo buraco do ouro, é porque quando o negro ele descia quando ele subia ele era largo e ele tinha que subi na corda né e ele batia a testa na...na parede ficava com a testa ralada aí por isso que levou esse nome buraco do testa. E muita gente num entende né. (Entrevista oral realizada com o Senhor José Reginaldo em 09 de setembro de 2016).

A narrativa explica o motivo do buraco onde se retiravam o ouro se chamar buraco do testa, pois, muitos ralavam a testa ao sair do buraco. As pessoas usam as duas denominações, no entanto, o Buraco do Testa é o mesmo Buraco do Ouro.

O ex-garimpeiro senhor Joaquim Ribeiro dos Santos, narra a profundidade desses buracos, onde o mesmo conta que “*um dá 33 metro e o outro dá 28 metro, [...] eu medi eles todos dois [...] ele já tá cheio devia ter mais né, mais um tem 33 metro o outro tem 28 e de um no outro é 1 metro mais ó meno.*” (Entrevista oral realizada com o Senhor Joaquim Ribeiro dos Santos em 20 de julho de 2016). Segundo Valdemir Nascimento Maranhão, de 58 anos: “*eu medi esse aqui deu 22 e aquele lá deu 21*”. (Entrevista oral realizada com o Senhor Valdemir Nascimento Maranhão em 06 de outubro de 2016).

Dessa forma, percebe-se que não se sabe ao certo a profundidade desses buracos, pois, a ação do tempo e dos seres humanos fez com que esses buracos acumulassem muitos resíduos que implica na incerteza de sua profundidade.

O senhor Valdemir ainda relata que:

Ele vai desmoronando [...] é porque esses material ele tem essas fratura ali ó, aí quando chove a tendência é... vai abrir mais. Cê tá vendo uma fratura assim ó, aí a água vai...vai se infiltrando nele, ele tem no meio dos dois tem um...um... uma massa que divide, ele cai com facilidade. (Entrevista oral realizada com o Senhor Valdemir Nascimento Maranhão em 06 de outubro de 2016).

A narrativa explica que o fato de existir fraturas ao seu redor, faz com que esses buracos sempre enlarguem para os lados com facilidade. O senhor José Reginaldo narra em seu imaginário, as circunstâncias e os perigos do trabalho a que os escravos eram submetidos no Buraco do Testa:

[...] era nêgo de um lado e nêgo do outro era dois buraco paralelo um ao outro enquanto tava um cavando de um lado o outro tava cavando do outro. E ali quem descia num tinha a certeza que voltava. Não tinha. E num podia ficar lá porque fedia né, e tinha que trabalhar, tinha que subi. . (Entrevista oral realizada com o Senhor José Reginaldo em 09 de setembro de 2016).

Percebe-se que a retirada do ouro era um trabalho muito exaustivo para os escravos. Esse tipo de garimpagem nas serras e chapadas exigia muito desses oprimidos. Conta-se que muitos não sobreviviam e não conseguiam retornar do buraco.

Figura 6: Buraco do testa



Foto: GUALBERTO, 2016.

Figura 7: Buraco do testa



Foto: GUALBERTO, 2016.

O secador de ouro (Figura 8) está localizado próximo ao Buraco do Testa. Conta-se que esse local era utilizado para o procedimento de secagem do ouro, conhecido por secador de ouro pelos moradores.

Depois da lavagem do ouro, os escravos realizavam outro processo para secá-lo. Colocavam o ouro por cima dos couros, possivelmente de animais silvestres. Quem explica é o ex guia Joaquim Ribeiro dos Santos: “*Secador é donde eles colocava aqui os côros pra secar o ouro pertim do buraco do testa é uns 30 metro*”. (Entrevista oral realizada com o Senhor Joaquim Ribeiro dos santos em 20 de julho de 2016).

Figura 8: Secador de ouro



Foto: GUALBERTO, 2016.

Na Chapada dos Negros ainda existe os regos (Figura 9) que serviam de passagem da água. Foram feitos pelos escravos do antigo garimpo para a realização do procedimento de lavagem do ouro retirado. Os mesmos criavam esses regos para passagem da água trazida da chuva.

O senhor Valdemir Nascimento Maranhão conta que:

[...] fizeram o rego e quando chegou lá no local num deu pra...pra água, tinha uma baixada e eles nivelaram, então tem um muro de aproximadamente 2 metros e meio a 3 metros de altura, eles fizeram o rego dentro fizeram uma calafetagem com com uma argila que a água passou e foi pra eles lavar o cal lá na frente[...]. (Entrevista oral realizada com o Senhor Valdemir Nascimento Maranhão em 06 de outubro de 2016).

Figura 9: Regos para a passagem de água



Foto: GUALBERTO, 2016.

Conta-se que o Muro de Pedra (Figura 10) foi feito pelos escravos na época do antigo garimpo. Segundo o senhor Valdemir Nascimento Maranhão:

Isso aqui eles cercava o lugar de passar com a água e o material, e o material que ia lavar era o que já tava lavado eles vinham descascar esses que tava lavado e chegando com o outro ia ser lavado [...] tudo lavadim, isso aqui é material que eles lavou, tirou o ouro que tava aí e o rejeite eles foram amuntoando e fazer as paredinha de pedra pra não ficar iscorrendo pro lugar que eles passavam e que vinha água também né. . (Entrevista oral realizada com o Senhor Valdemir Nascimento Maranhão em 06 de outubro de 2016).

Devido a água da nascente do Córrego Rico não subir até a serra, então os mesmos criavam os regos e muros de pedra para passagem da água trazida da chuva para o local de lavagem do material (Figura 11).

Figura 10: Muro de pedra para a passagem de água



Foto: GUALBERTO, 2016.

Figura 11: Lavagem do ouro**Foto:** GUALBERTO, 2016.

Para a captação dessa água que escorria entre os regos, conta-se que os escravos realizavam a escavação para a construção de uma represa (Figura 12). Assim, a água descia entre os regos passando por cima de muros construídos e seguia até no local onde realizava a lavagem do ouro, como explica o senhor Valdemir Nascimento Maranhão:

A represa é essa aí, a água saía daqui. [...] toda água que chovia em toda aquela região lá, vinha parar aqui. Quando não... não alcançava pra sair tirava na vasilha ispejava no rego e o rego ia alimentar aquelas iscavações lá, agora isso aqui é o trabalho iscravo. Isso daqui é grande vai lá na frente, tem outra parede, e depois tem outra represa dessa [...] chovia muito e era chuva daquelas mesmo forte caía muita água... (Entrevista oral realizada com o Senhor Valdemir Nascimento Maranhão em 06 de outubro de 2016).

Diante das narrativas do senhor Valdemir, percebe-se que “todos esses detalhes animam a narrativa, contribuindo para dar vida à cena”. (BÁ, 2010, p. 208). A memória

registra a cena e a imaginamos juntamente com a criatividade e as estratégias dos escravos na construção de regos, muros de pedra e o procedimento de lavagem do ouro, visto que naquela região a água era escassa e as águas do Córrego Rico não chegavam até a serra. Dessa forma, tiveram que criar os regos de captação para a passagem da água da chuva e alimentação da represa. Considerando que, naquele tempo, chovia muito na região, todo o trabalho de construção dos regos era compensatório.

Figura 12: Represa



Foto: GUALBERTO, 2016.

O Pilão de Pedra (Figura 13 e Figura 14) fica em um acesso bastante irreparável no local, muitas pessoas passam por ali e possa não notá-lo, outras podem sugerir que seja uma pedra qualquer sem significância no meio do caminho.

Conta-se que o pilão de pedra foi um instrumento usado para separar o ouro das pedras encontrado no garimpo. Esse procedimento era feito pelas mulheres escravas, como explica o senhor Valdemir Nascimento Maranhão.

Isso aqui eles pegava o ouro que tinha pedra, vivia esfregando essa pedra em cima da outra pedra com ouro, que era pra soltar a pedra e ficar só o ouro, eles fazia dum tanto que ela chegava furar ó aqui ó. Aqui tem lugar que a pedra ainda tá nu... nu mermo lugarzim a...a...essa aqui por exemplo ó, nu mermo lugarzim, pois é, aí eles pegava o ...o ouro que tava pregado na pedra, eles moía, aí chama pilão de pedra. [...] Agora cê imagina quanto tempo foi aquelas mulheres escravas trabaiano e os homens chegava com as pedra tudo cheia de ouro pra socar até sair, deixar só o ouro! elas iam esfregando essas pedra na outra, chama pilão de pedra, [...] só vinha pra cá quando tinha o ouro só, as que num tinha eles num trazia não [...]. (Entrevista oral realizada com o Senhor Valdemir Nascimento Maranhão em 06 de outubro de 2016).

Valdemir Nascimento Maranhão ao narrar “*Aqui tem lugar que a pedra ainda tá nu... nu mermo lugarzim a...a...essa aqui por exemplo ó, nu mermo lugarzim*”, demonstra que “a tradição oral evoca o passado [...], tornando-o significativo na contemporaneidade. [...]. É como se dissesse que ainda hoje ressoam os ecos da escravidão”. (LIMA, 2003, pp. 63-64).

Pilão de Pedra consistia numa prática feminina talvez por, aparentemente, ser um procedimento mais simples, porém, era uma tarefa longa e desgastante. Observa-se que as pedras que não tinham ouro grudado, não eram levadas para esse procedimento para que não houvesse a perda de tempo e serviço.

Figura 13: Pilão de pedra



Foto: GUALBERTO, 2016.

Figura 14: Pilão de pedra



Foto: GUALBERTO, 2016.

Conta-se que a Casa do Ouro (Figura 15), localizada na Chapada dos Negros, era o local onde era guardado todo o ouro e minérios encontrados no garimpo. Sobre a casa do ouro há muitas controvérsias. Alguns argumentam que esta casa não foi feita pelos escravos. Quem narra é Domingos Bispo da Costa:

Ela não é casa do ouro eu cunheci o hõmi que construiu a casa, tinha dois filho, era um garimpeiro, o hõmi chama Gentil, eu sei, eu lembro do hõmi. I lá, aquele aquele hõmi ele era chefe de uma firma de garimpeiro, mas ele era o chefe, do garimpo. Então era o seguinte, quando o ele o... ele colocou o pessoal pra trabaiá eu conheci lá até o carpinteiro que fazia os barracos pro pessoal que teve lá no acampamento, lá era um acampamento, sabe. Aí aquela casa ele tava fazendo como fosse uma residência dele. Ele levantou de pedra e colocou os esterco, eles falaram que lá as as aquela ali foi a... a massa era de cimento num ixtia cimento na época, ela foi levantada com barro, barro massado! e pedra. Eu cunheci levantar. [...] O Zé Pernambuco era quem construiu essas casas lá, era o carpinteiro. Num só ele construiu não, mas ele era o carpinteiro chefe, que lá era um assentamento, tinha barraco pra todo canto num era só uma casa. [...] Tinha, tinha era um povoado com bastante gente, mais tudo comandado pelo o Gentil. Ele era o chefe. (Entrevista oral realizada com o Senhor Domingos Bispo da Costa em 08 de setembro de 2016).

Percebe-se pela narrativa do senhor Domingos que, com o fim da escravidão negra, na Chapada dos Negros prevaleceu o funcionamento de um povoado e continuou-se as atividades de garimpo, provavelmente o surgimento de faiscaidores.

Observando a casa do ouro, percebe-se que é a única das edificações no local que está mais íntegra, fato que condiz com alguns moradores que ela pode ter sido construída por carpinteiros muito tempo depois do período da escravidão e da mineração do ouro, pois, conta-se que, com o fim do trabalho escravo, muitos não tinham para onde ir e continuaram ali mesmo.

Observamos agora a narrativa do senhor Valdemir Nascimento Maranhão sobre a casa do ouro:

Pra você ver que aqui não foi feito por bandeirante...é que uma madeira não tinha condição de resistir 500 anos aí ou mais, olha lá onde tem uma furquilha lá tá vendo. [...]. Ó lá aquela furquilha lá ó, nenhuma madeira seria capaz de resistir a ação do tempo de muitos anos né, se ela tiver coberta assim tampada tudo bem, mas exporta não guenta não. [...]. (Entrevista oral realizada com o Senhor Valdemir Nascimento Maranhão em 06 de outubro de 2016).

Percebe-se que o senhor Valdemir chama a atenção para um tronco, o que o mesmo descreve como “*furquilha*”, fixado entre uma das paredes da suposta casa do ouro, fato ocorrido pela ação do tempo. O que o faz suspeitar que não fosse realmente feita pelos escravos liderados por bandeirantes no período da escravidão negra.

Figura 15: Casa do ouro



Foto: GUALBERTO, 2016.

A Senzala (Figura 16 e Figura 17) possui o formato de um quadrado grande. Conta-se que este era o local da morada dos escravos e onde eles descansavam e praticavam a sua cultura. Observamos a narrativa do senhor José Reginaldo:

Eu acredito que ali é uma das às senzalas! Acredito que tem mais com certeza. Agora por exemplo eles querem que a senzala, a parede dela teja igualzinho as outras paredes, num tem jeito, num era cimento, era terra, caba mesmo uai, e ali caiu a a as origens, cadê o resto da parede? tá onde? os restos das pedra tá onde que tava lá que caiu tá onde? Tá debaixo do chão com certeza. Agora por exemplo, fala ahh mais cadê e a tampagem? A tampagem era de de de madeira ou palha queimava e cabava igual lá tá vendo lá. Eu conheci lá tudo no formato ali da casa do ouro ali o formato de madeira, tudo. (Entrevista oral realizada com o Senhor José Reginaldo em 09 de setembro de 2016).

A narrativa mostra que, naquele tempo, pode ter ocorrido a existência de outras senzalas, pelo fato de serem muitos escravos. Relata ainda os questionamentos das pessoas em relação à sua formação e organização que, com o passar dos tempos, se declinaram e muitas podem ter se perdido os vestígios.

A senzala também é alvo de controvérsias por parte de alguns moradores, pois, muitos argumentam que ela tem a semelhança de um criatório de porco por conter ao seu lado um local com um formato que leva a entender que seja onde se depositava alimentos para os porcos, um exemplo de cocho. O senhor Valdemir Nascimento Maranhão conta que:

A francesa disse que num tem nada a ver com senzala. [...] eles tinham liberdade pra...pra cumprir essas coisas, depois que eles ficaram sabendo que tavam libertos, aí eles se rebeliaram né segundo a história, aí criaram casos... brigaram...mataram [...] aí ficaram por aqui um tempo ainda e foram fazendo essas coisas. [...]. (Entrevista oral realizada com o Senhor Valdemir Nascimento Maranhão em 06 de outubro de 2016).

A narrativa do senhor Valdemir narra que o local já recebeu visitas de pesquisadores e estudiosos. Explica também que, no tempo da libertação, os escravos criaram formas de resistência, muitos não tinham para onde ir e permaneceram no local por algum tempo e foram criando as casas e os criatórios de animais que hoje ficaram os vestígios no local.

Figura 16: Senzala



Foto: GUALBERTO, 2016.

Figura 17: Senzala**Foto: GUALBERTO, 2016**

Outra ruína situada na Chapada dos Negros é o cemitério (Figura 18), localizado em um solo plano. Percebe-se que há a presença de poucos vestígios no local devido a ação do tempo. Conta-se que os escravos eram enterrados muitas vezes em coletivo. Quem narra é José Reginaldo:

Tem muitos contos né, [...] que fala-se que, que os negros era enterrados coletivamente né, dificilmente era enterrado um negro sozinho né porque as mortes eram muitas né, maltrato e muitos não guentava, no final do dia geralmente morria um, dois né. E ali enterrava, em coletivo. (Entrevista oral realizada com o Senhor José Reginaldo em 09 de setembro de 2016).

Observa-se que, devido às várias mortes dos escravos durante o difícil e arriscado trabalho intenso, o túmulo era diferente, pois, enterravam de forma grupal. Muitas pessoas divergem que este local possa ser um cemitério. Quem narra é Valdemir Nascimento Maranhão:

Agora, o cemitério aqui!?!...Será que alguém fez uma escavação cuidadosamente no lugar desse aqui pra ver se tem uma ossada [...]!? Num fizeram isso, né. [...] eu trouxe aqui um pessoal de uma empresa de arqueologia contratada pelo deputado,

ele olhou isso aqui e falô não isso aqui num tem nada não. [...] Aí esse que eu trouxe aqui, de uma empresa de arqueologia lá em Brasília ele olhou e falô isso aqui num tem nada a ver com cemitério não. [...] é uma coisa muito vazia né. (Entrevista oral realizada com o Senhor Valdemir Nascimento Maranhão em 06 de outubro de 2016).

Figura 18: Cemitério



Foto: GUALBERTO, 2016.

Conta-se que esta era a capela (Figura 19), o local onde eram velados os corpos dos escravos. A capela fica ao lado do cemitério na Chapada dos Negros, situada em uma área de formato arredondada. Percebe-se que está bastante arruinada e deteriorada, existem poucos vestígios ainda, o que torna difícil a sua visualização. Permanecem apenas algumas pedras, em círculo.

Figura 19: Capela



Foto: GUALBERTO, 2016.

Os amontoados de terra (Figura 20) são fossos retirados das escavações auríferas (Figura 21) e estão presentes em muitos locais na Chapada dos Negros. Conta-se que os escravos realizavam as escavações.

Quem narra é Valdemir Nascimento Maranhão:

Todo esse material que ocê tá vendo aqui ó, esse esse amontoadado aqui saiu dali de dentro, isso aí saía na...nos carunbé que era uma vasilha de madeira que eles fazia e na pagiôla, quê que é a pagiôla, cê sabe o quê que é? Eles pegava um côro de boi cortava ele pra ficar quadrado fazia uma bainha do lado e do outro do côro e colocava uma madeira ficava tipo uma maca dessa de carregar jogador. [...] Eles trabaiava com quatro homem dependendo do tamanho da pagiôla, era um de cada lado, tipo carregando um caixão de difunto, do mesmo jeito, e era na carreira, né. (Entrevista oral realizada com o Senhor Valdemir Nascimento Maranhão em 06 de outubro de 2016).

A narrativa nos mostram os materiais e os procedimentos de como os escravos conseguiam realizar a retirada desses amontoados de terra para fora das escavações, tal procedimento era submetido de forma ágil pelos escravos.

Figura 20: Amontoados de terra



Foto: GUALBERTO, 2016.

Figura 21: Escavação aurífera



Foto: GUALBERTO, 2016.

Outro tipo de escavação, também um procedimento utilizado para apurar a água da chuva (Figura 22), consiste em duas paredes de pedra lado a lado. Quem explica é Valdemir Nascimento Maranhão:

Esse aí a... a água que produzia lá eles jogavam aqui, que fazia a corrente humana e fazia uma bomba com mais de dez polegada no balde de côro pegava côro de animal silvestre, e fazia os balde cheio de madeira aí enchia aqui e entregava pro outro, o outro entregava pro outro, e já tinha outra fila aqui entregando o balde vazio, então, o volume de água e terra era muito grande, e com facilidade porque, a mão de obra era...era de graça né. (Entrevista oral realizada com o Senhor Valdemir Nascimento Maranhão em 06 de outubro de 2016).

Figura 22: Escavação para aparar água da chuva



Foto: GUALBERTO, 2016.

A Igreja Nossa Senhora do Rosário (Figura 23), se encontra em uma área grande com vários vestígios. Conta-se que esta era a Igreja onde os escravos rezavam e pediam por liberdade. Observa-se uma árvore que se desenvolveu entre uma das paredes, obra da natureza.

Figura 23: Igreja Nossa Senhora do Rosário



Foto: GUALBERTO, 2016.

Na Chapada dos Negros também existem algumas ruínas de pedras (Figura 24) com diferentes repartições feitas há anos pelos escravos, o que aparenta ter sido de casas. Conta-se que seria uma casa que possivelmente abrigava uma família de escravos.

Figura 24: Casa de pedra



Foto: GUALBERTO, 2016.

Conta-se que a ponte de pedra (Figura 25) foi o caminho usado para a passagem do ouro ou de outros minérios encontrados na Chapada dos Negros. Observa-se que a ponte de pedra é comprida e as suas laterais são constituídas de pedras, ao redor da ponte se encontra vários fossos de escavações. Nota-se ainda que a sua estrutura possui uma formação perpendicular.

Figura 25: Ponte de pedra



Foto: GUALBERTO, 2016.

Diante das narrativas, percebe-se que, de um relato, “[...] o homem recorda os fatos tal como lhe foram narrados ou, no caso de experiência própria, tal como ele mesmo os narra”. (BÁ, 2010, p. 68). A história da Chapada dos Negros contada pelos seus próprios moradores emprega oralidades, entendimentos e interpretações por intermédio da memória e dos ensinamentos passados de geração para geração. Isso faz com que o conhecimento de sua história se torne um exercício de auto (re) conhecimento. As lembranças do passado são indicadas por meio de um pertencimento, afetividade e de identidade cultural.

Uma memória coletiva se desenvolve a partir dos laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Ela entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo. Vivendo no interior de um grupo, sofre as vicissitudes da evolução de seus membros e depende de sua interação. (BOSI, 1994, p. 411).

Da mesma forma com a Chapada dos Negros, a memória social vai se desenvolvendo a partir da convivência com os outros e familiares. Ao narrar a história do lugar, os moradores

recorreram aos vestígios da memória a partir do que guardaram e dos depoimentos que ouviram dos que conheceram.

A memória dos moradores sobre o lugar se dispersa, pois, cada um se integrou de uma forma particular com aquele lugar. As “ruínas” representam o passado, e dessa forma ao narrar sobre a história, os moradores apresentam materialidade em seus significados em torno de suas interpretações.

Chegamos, simetricamente da ideia de um passado visível a de um passado invisível, de um passado coeso a um passado que vivemos como rompimento; de uma história que era procurada na continuidade de uma memória a uma memória que se projeta na descontinuidade de uma história. (NORA, 1993, p. 09).

As narrativas dos moradores mostram relatos que trazem o que Bá (2010) chama de uma herança cultural e respeito pela palavra, “principalmente quando se trata de transmitir as palavras herdadas de seus ancestrais ou de pessoas idosas”. (BÁ, 2010, p. 173). As narrativas orais sobre a Chapada dos Negros são saberes transmitido de geração em geração prezados de forma respeitosa por seus descendentes.

Em uma cidade em que se constitui de 88,51% de pretos e pardos, a Chapada é um lugar de memória em que as “ruínas” são características da construção da identidade afrobrasileira dos moradores de Arraias, elas são testemunhas de um evento. Por trás dessas ruínas existem histórias. Destaca-se que a cidade possui um acervo cultural, presente nos bens culturais, bem como no modo de vida dos arraianos. Práticas culturais como, visita à Chapada dos Negros, a subida no morro da cruz, entre outras, consistem nos modos de saberes e fazeres dos habitantes de Arraias.

Por conseguinte, o próximo capítulo problematizará a patrimonialização da Chapada dos Negros abordando os processos, sujeitos e associações por meio de estratégias de defesa territorial em torno da tentativa de tombamento do local como patrimônio histórico e cultural.

CAPÍTULO II

PATRIMONIALIZAÇÃO DA CHAPADA DOS NEGROS: processos, sujeitos e associações

Todo o patrimônio é doação do passado e parte de nosso presente contínuo. (MICHEL PARENT).

2.1. Algumas discussões sobre patrimônio cultural

A palavra patrimônio está sempre presente em nossa linguagem, pois este conceito possui diferentes definições, seja referente a familiares ou a história e a cultura de um lugar.

Para Choay (2006), patrimônio é uma palavra antiga que, por um período, foi ligada às estruturas familiares. Com o passar do tempo, monumentos históricos, como ocorreu durante a Revolução Francesa no século XVIII, foram alegados como patrimônio e herança de todos. O patrimônio passou, assim, a ser entendido como um conjunto de bens relacionados com a identidade, a cultura ou o passado de um grupo enraizado no espaço e no tempo.

Nolasco (2013) afirma que, para entendermos o patrimônio cultural, é necessário considerar que somos produtores de cultura e que nos expressamos cada um à sua maneira. Isso implica afirmar que as formas de nos expressarmos constituem a nossa cultura, que com as interações no mundo elas também vão se transformando em um processo dinâmico de significação, e assim, nos sentimos pertencentes a um grupo social e construímos a nossa identidade cultural. Para o autor, a produção humana da cultura é entendida como patrimônio cultural.

Faz parte do patrimônio cultural de um grupo todas as suas expressões materiais e imateriais, como narrativas e festas, edificações e monumentos. Um povo se diferencia do outro a partir das suas características e das suas diferenças, por meio da cultura e da influência na formação de nossa gente, adquirindo organizações de territórios constituídos pelos diversos núcleos de identidade dos grupos humanos, diferenciando uns dos outros.

A Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 2002), na seção II, no que diz respeito à Cultura, em seu artigo 216, se refere ao patrimônio cultural da seguinte forma:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira nos quais se incluem:

- I- As formas de expressão;
- II- Os modos de criar, fazer e viver;
- III- As criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV- As obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico – culturais;
- V- Os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (BRASIL, 2002, p. 124).

A Constituição, assim, considera o patrimônio cultural os bens de natureza material e imaterial e o articula à preservação da identidade e da memória dos diferentes grupos formadores da sociedade reconhecendo uma sociedade plural brasileira.

De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), órgão federal responsável pela preservação patrimonial em âmbito nacional, o patrimônio cultural agrega duas categorias: o material e o imaterial. O patrimônio material é “composto por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza, conforme os quatro Livros do Tombo: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas”. (IPHAN, 2016a, s/p). Enquanto o patrimônio imaterial diz “respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas)”. (IPHAN, 2016b, s/p).

A Chapada dos Negros se enquadra como patrimônio, pois, ali se encontram vestígios de um sítio arqueológico relacionados ao patrimônio material histórico e cultural, tanto representados pela materialidade das “ruínas”, quanto materializados pelas narrativas dos moradores sobre o lugar, pois “o patrimônio cultural de uma sociedade ou de uma região ou de uma nação é bastante diversificado, sofrendo permanentemente alterações, [...]”. (LEMOS, 2006, p. 21). O patrimônio cultural, em sua materialidade simbólica ou física, está conectado às diversas marcas de eventos ocorridos, assim como às memórias desses eventos e aos significados históricos de seu acontecimento.

Na arqueologia da paisagem na Chapada dos Negros não existem mais os primeiros povoados, mas existe a memória, compreendida por meio das diversas narrativas de seus descendentes que a constitui em espaço significativo. Os vestígios do lugar conhecidos por muitas pessoas constituem o seu patrimônio histórico e cultural, os moradores revelam vínculos simbólicos e afetivos que fortalecem as suas identidades e as suas memórias.

Nesse capítulo, estudamos como a luta em prol da patrimonialização da Chapada dos Negros está ligada ao que chamamos de defesa territorial.

2.2. Estratégias de defesa territorial: sujeitos e associações

A Chapada dos Negros, lugar de memória tão importante para a população da cidade, adquiriu novos significados a partir da chegada de empresas em 2010 como a Itafós Mineração LTDA, com sede em Campos Belos-GO, cidade próxima de Arraias, buscando extrair fosfato e outros minérios na área do município. O espaço da Chapada dos Negros, localizada na serra próxima à instalação dessa mineradora, se tornou uma das áreas ameaçada pelo empreendimento. Os impactos, se o projeto de mineração continuasse, seriam patrimonial e ambiental, pelo efeito que poderiam exercer sobre as ruínas da Chapada e sobre os veios de água que abastecem a cidade e que vem da mesma serra.

Adotamos a proposição de Haesbaert (2006) de que o território assume três dimensões:

Política (referida às relações espaço-poder em geral) ou jurídico-política (relativa também a todas as relações espaço-poder institucionalizadas): a mais difundida, onde o território é visto como um espaço delimitado e controlado, através do qual se exerce um determinado poder, na maioria das vezes – mas não exclusivamente – relacionado ao poder político do Estado. Cultural (muitas vezes culturalista) ou simbólico-cultural: prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, em que o território é visto, sobretudo, como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido. Econômica (muitas vezes economicista): menos difundida, enfatiza a dimensão espacial das relações econômicas, o território como fonte de recursos e/ou incorporado no embate entre classes sociais e na relação capital-trabalho, como produto da divisão “territorial” do trabalho, por exemplo. (HAESBAERT, 2006, p. 40).

Compreendemos que o território é definido pelo contexto histórico inserido e por meio de suas relações sociais ou culturais. Implica uma proporção política, simbólica, cultural e econômica em que os grupos sociais atribuem uma identidade territorial acerca do espaço onde vivem de forma que o pertencimento àquele território envolve a representação das identidades culturais desses sujeitos.

Para Little (2002), as estratégias de defesa territorial significam exemplos de importância do lugar e de uma relação com o espaço físico determinado. As condutas territoriais criam um espaço político próprio, no qual a luta por categorias territoriais vira um local privilegiado de disputa.

Seguindo esses princípios, a Chapada dos Negros como lugar representa de diversos modos, a dimensão territorial da existência dos arraianos. As estratégias mobilizadas em sua defesa por parte da população mostram a articulação entre preservação da história e da memória do lugar como uma dimensão simbólica do território.

O município de Arraias, situado historicamente em um território rico de mineração, como a história da Chapada dos Negros evidencia, desperta, no mundo atual, interesse e curiosidade dos aventureiros – e não apenas desses – que visitam o lugar. Empresas que se dedicam a mineração têm tentado trabalhar na extração mineral no espaço próximo da Chapada.

Exemplo disso é a narrativa de Valdemir Nascimento Maranhão, que trabalha na Fazenda Guanabara, dentro da qual está a Chapada, e que narra o motivo do patrão se interessar por essas terras:

O fazendeiro comprou isso aqui com a intenção de minerar mesmo, aí se deparou com a história da cidade aqui dentro uma série de coisa que... que implica né, e aí ele desistiu de uma vez por toda. Não se fala mais em minerar isso aqui. [...] Porque a intenção aqui era essa, era montar uma planta de mineração, lógico fora da chapada dos negros né, que onde tem menos minério aqui [...]. Porque o foco maior do minério aqui tá lá da onde o penhaço que nós paramos tá 2 km pra frente aí. A história da cidade ia continuar do mesmo jeitinho que tá ali num ia ser atingido em nada ali. Mas aí era muito caro, os estudos que foram feito pra ver se liberava pra minerar ou não, é muito caro, só a empresa de arqueologia aqui, cinco anos atrás ela pediu 450 mil reais pra fazer o trabalho e ainda assim ainda falô, não quer dizer que depois desse trabalho concluído o IPHAN vai liberar não ele vai pra lá pra ser estudado pra ver se libera ou não, aí diante de tanta dificuldade ele acabou desmotivado. (Entrevista oral realizada com o Senhor Valdemir Nascimento Maranhão em 06 de outubro de 2016).

Valdemir Nascimento Maranhão conta sobre a sua função na fazenda e também narra sobre os minérios no local.

A minha função aqui é ver que tipo de minério é esse. Essa pedrinha branca aí ó, cê tem ideia pra quê que serve essa pedra aí? Lá dentro da sua casa deve ter muito dela. Azulejo, cerâmica, aqueles revestimentos aqueles esmalte branquinho e duro, é essa pedrinha branca aí ó, ela chama albita. Essas pedras que você ver aí ó, parece que não tem importância nenhuma [...] mas cê ver um tanto de substância que tem numa pedra dessa aí tem até cálcio, fósforo tem um monte de coisa aí só que em quantidade tão pouca que acaba não sendo interessante. [...]. Eu sou viciado em minério, falô tem minério ali pode ser de qualquer natureza eu vou lá. [...] Sou remanescente de escravo minha descendência por parte de minha mãe, tudo era escravo, meus tataravós tudo [...] é do Tocantins. Meu pai era garimpeiro, meu vô era garimpeiro, minha vó garimpeira então tá no meu DNA não tem jeito. (Entrevista oral realizada com o Senhor Valdemir Nascimento Maranhão em 06 de outubro de 2016).

A região ainda atrai empreendedores, como o proprietário da fazenda que, por meio da procura por minérios, se aproximou da região com o único objetivo de garimpar. A esses pequenos empreendedores se somam grandes empresas. A chegada de empresas mineradoras no município que pretendem minerar na região, colocando em risco os vestígios da Chapada dos Negros, e levando ao desenvolvimento de uma nova comoção em torno à memória da

Chapada, o que moveu a luta por torná-la patrimônio material nacional. Entendemos esse movimento de patrimonialização como uma estratégia de defesa territorial.

Em Arraias existem, há algum tempo, instituições e sujeitos que buscam construir proteção visando a patrimonialização da Chapada dos Negros. São medidas adotadas devido a ausência de preservação do lugar que, de acordo com esses sujeitos, é o início da história e da memória da cidade, e, por esse motivo, necessita que seja adotado algum tipo de preservação.

Dentre esses sujeitos, está a Associação Cultural Chapada dos Negros (ACCN), com a resistência cultural na Chapada dos Negros (Anexo B). Trata-se de um grupo de capoeira e uma instituição filantrópica criada pelo ex-policial militar José Reginaldo Ferreira de Moura de codinome Mestre Fumaça, em 1984, na cidade de Arraias – TO.

De acordo com o documento de Estatuto da Associação Cultural Chapada dos Negros (1997),

1º Associação Cultural Chapada dos Negros (ACCN) é sociedade civil assistencial, sem finalidade lucrativa, de tempo indeterminado, que congrega interessados na preservação e desenvolvimento da cultura negra, da arte e esporte.

[...].

2º A ACCN, no cumprimento de suas finalidades cuidará especialmente e principalmente de:

I - manter, desenvolver e divulgar a capoeira;

II – desenvolver o esporte em geral;

III - divulgar o folclore brasileiro;

IV - buscar mecanismos para a preservação e divulgação da Chapada dos Negros de Arraias;

V – propor política de defesa de direitos e interesses da cultura negra e da instituição;

VI - lutar contra toda e qualquer discriminação, em especial as de cor, credo e raça.

VII – Não remunerar, nem conceder vantagens ou benefícios a seus membros, instituidores ou equivalentes.

(ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL CHAPADA DOS NEGROS, 1997, p. 01).

A ACCN teve o reconhecimento por parte do Ministério da Cultura e foi intitulada Ponto de Cultura no ano de 2009.

Moura (2012) explica que:

A proposta que norteia as ações do Ponto de Cultura Associação Cultural Chapada dos Negros utiliza a capoeira como recurso educativo, através das músicas, cantigas, ladainhas, toques, gestos, danças e rituais, procura-se criar as condições para um verdadeiro encontro educativo, prazeroso e ético. (MOURA, 2012, p. 101).

A associação, por meio do projeto piloto Capoeira Esporte e Cultura, tem o intuito de difundir e promover a conscientização da cultura e a história africana e afrobrasileira por meio da prática de capoeira. O reconhecimento da Chapada dos Negros e o tombamento do local

como patrimônio histórico e cultural, o fortalecimento das raízes afro-brasileiras pela memória, identidade e orgulho por parte da população em pertencer a uma Arraias quilombola, são iniciativas desenvolvidas pela Associação Cultural Chapada dos Negros. (MOURA, 2012).

A associação vem, desde antes da chegada de empresas mineradoras na região, lutando pela patrimonialização da Chapada dos Negros.

O Mestre Fumaça narra o motivo do grupo levar o nome da Chapada dos Negros:

Eu morando em Arraias, nascido em Arraias no sertão de Arraias, sempre discriminado, sempre visto como um bicho do mato [...] e cunheci a verdadeira história minha através da capoeira, eu fui cunhecer minha identidade foi quando eu cunheci a história da capoeira. E a chapada dos negros veio a calhar assim pra mim pôder colocar o nome nas camiseta pra provocar o nome daquele local como patrimônio histórico e cultural, pra fortalecer a raiz da capoeira a minha raiz e a história de Arraias né do negro em relação ao negro, a escravidão e a capoeira, aquele envolvimento, que eu sei que em... em anos num sei em que anos que foram mais aconteceu com certeza houve uma manifestação de capoeira na chapada dos negros em relação aos negro que teve e os escravos. (Entrevista oral realizada com o Mestre Fumaça em 23 de março de 2016).

A narrativa mostra que, ao conhecer o significado histórico da Chapada dos Negros, o Mestre Fumaça teve a ideia de colocar o nome do grupo de Chapada dos Negros, na tentativa de “colocar o nome nas camiseta pra provocar o nome daquele local como patrimônio histórico e cultural, pra fortalecer a raiz da capoeira a minha raiz e a história de Arraias né do negro em relação ao negro, a escravidão e a capoeira”. Além do intuito de conscientização do conhecimento da memória e da história da cidade para os moradores.

O Mestre Fumaça narra a importância do tombamento do local: “Então o tombamento pra mim hoje é primordial, sempre foi, aliás é o grande objetivo da associação, da capoeira é isso, que seja tombado a chapada dos negros como patrimônio histórico e cultural”. (Entrevista oral realizada com o Mestre fumaça em 09 de setembro de 2016).

Ainda relata a importância para o município:

O objetivo não é pra mim, não é pra capoeira, [...], então acredito que seja pra uma renda do município né vai ser uma coisa rendável pro município, a história da nossa região ela vai ser ressuscitada a nossa história e juntamente com a história do negro eu por exemplo eu tô aí por isso né e a capoeira também vai ser fortalecida não só em Arraias como no Estado. (Entrevista oral realizada com o Mestre Fumaça em 26 de março de 2016).

O Mestre Fumaça narra, ainda, o significado da Chapada dos Negros para ele enquanto negro e mestre de capoeira na cidade.

Pra mim, primeiro, acredito que é minha raiz né, a minha raiz de onde eu vim né, aquele povo que chegaram por ali também, é... meus familiares e onde existiu também as culturas do Brasil, todas as cultura do negro, existiu a capoeira, então, algum daqueles negros, a gente não tem história assim, não temos nenhum conto de um capoeirista e tal, algum conto, mais a capoeira, ela foi nascida na ânsia da liberdade quando o negro tava querendo ser liberto, então aí nasceu a capoeira, e eu como um mestre de capoeira [...] a gente difundi essa arte, essa modalidade aqui, é... eu vi na chapada dos negros o nosso sub refúgio né, e também a preservação de nossa cultura. [...]. Eu acredito que a chapada dos negros hoje no estado do Tocantins ela representa pra nós capoeirista Quilombo de Palmares. Só que Quilombo de Palmares era um lugar onde era livre, aqui não, o negro era oprimido era colocado pra trabaia na marra na corrente tudo no tronco e tal, mais é...são lembranças que nós temos de nossos ancestrais são essas e eu acho que a gente tem que valorizar mesmo. (Entrevista oral realizada com o Mestre Fumaça em 09 de setembro de 2016).

Segundo Abib (2004):

O processo civilizatório brasileiro foi e continua sendo marcado por uma extrema violência física e simbólica. No entanto, apesar da estratégia da tentativa de destruição, articulada contra todo um sistema de símbolos e referências de uma cultura subjugada, nunca houve por parte dos povos afro-ameríndios, uma submissão total á violência do branco, sendo possível assim, a criação de suas próprias estratégias de resistência, seja no âmbito de suas culturas originais, onde conseguiram preservar [...] heranças de sua ancestralidade seja na capacidade de recriação de seu próprio universo simbólico. (ABIB, 2004, p. 04).

As estratégias de defesa por meio das ações da Associação Cultural Chapada dos Negros são formas de resistência que, no seu universo simbólico, buscam preservar heranças de suas ancestralidades. Consistem em resistência por lutar pelo tombamento da Chapada dos Negros e por resistir ao poder público local. A estratégia também se caracteriza como parte da memória arraiana, atendendo ao que Haesbaert (2006) e Little (2002) consideram como dimensão simbólica de memória de território, especificamente.

Podemos compreender, a partir de Fonseca (2009), que muitos tombamentos são obtidos por grupos vinculados aos movimentos negros por meio de resistências e lutas políticas. Principalmente os tombamentos de bens representativos da presença negra no Brasil. O grupo de capoeira Associação Cultural Chapada dos Negros e o movimento de patrimonialização lembra da Chapada como lugar de memórias afro em que relaciona com a memória da cidade e com o perigo ambiental que significava o retorno da mineração.

Considerando os anos de iniciativa, a instituição ainda não obteve um de seus objetivos principais alcançados que é o tombamento do local. A resistência é constante, o Mestre Fumaça narra a falta de incentivos do poder local e dos moradores de Arraias diante do reconhecimento da Chapada dos Negros como patrimônio histórico e cultural.

[...] a capoeira...ela já é uma ação de resistência negra né e aqui em Arraias ela é resistente duas vezes, uma porque nós tentamos trazer a capoeira de volta implantar de volta na sua originalidade que a chapada dos negro lá houve capoeira com certeza lá houve escravos né. Então...é...a capoeira é um trabalho de resistência cultural dentro de Arraias. E a outra coisa é o seguinte, a chapada eu acredito que ela não foi tombada ainda é exatamente por falta de vontade política né...a gente vai centralizar uma história que está implantada dentro de Arraias, é uma história de coronel, de patente né que eles querem é...segurar essa história aí por isso que eles não tombaram ou nem tentaram ainda nem fazer um tombamento municipal da localidade da chapada dos negros porque aí sim vai dar a identidade pro negro de volta pra nós de volta né, e eu acredito que nós só vamos ter a identidade nossa o dia que esteja tombado a chapada dos negros porque aqui antes dos negros existia índios e agora depois existiu os negros e assim...nós até agora continuamos com esse mesmo sistema escravista né nós ainda não não avançamos muito nessa questão não. Mas a questão da chapada dos negros o tombamento lá não aconteceu principalmente por vontade política e até mesmo por desconhecimento da história mesmo e valorização da mesma e nós da capoeira além de valorizarmos estamos aí com a resistência cultural pra tomar o local como patrimônio histórico e cultural e trazer é... benefícios né à cidade ao Estado e principalmente ao município e a consciência das pessoas que tem que ser mudada e transformada. (Entrevista oral realizada com o Mestre Fumaça em 26 de novembro de 2016).

A narrativa do Mestre Fumaça mostra que a capoeira em Arraias, assim como em outros lugares, é uma ação de resistência cultural. E ainda revela que a falta de vontade política e de conhecimento da história dificulta o tombamento da Chapada dos Negros, destacando o coronelismo que ainda predomina na cidade. Entende-se que outros fatores interferem na memória, como as desigualdades nos diferentes pontos de vista em relação ao lugar.

A proposta de iniciar projetos de mineração na serra próximo à Chapada dos Negros levou outros sujeitos, moradores, professores, a prefeitura do município representada pela secretaria de cultura de Arraias, a se mobilizarem. Eles argumentam que o patrimônio se tornou alvo de ameaças com essas empresas mineradoras, ou mesmo através da intenção do proprietário da Fazenda Guanabara em minerar a região, e ainda, algo que foi considerado fundamental, o fato de o local ser onde nasce do Córrego Rico, responsável pelo abastecimento da água na cidade, possibilitando um perigo ambiental que poderá afetar a população.

À dimensão simbólica do território foi articulada a dimensão ambiental. Como enfrentamento àquelas propostas de mineração, os moradores se sentiram ameaçados e se obrigados a elaborar estratégias de defesa territorial para proteger o patrimônio histórico e cultural. A patrimonialização, como defendemos, se articulou à defesa territorial.

Joaquim Ribeiro dos Santos, morador da cidade de Arraias, conta o motivo da importância de preservação do local:

Ali...ali representa a história do que o povo fizeram né, naquele tempo que eu trabalhava, porque lá o ouro foi nu tempo que eles tirou anuncê... é ficou a história da chapada dos negro né [...] ali é uma coisa...é uma história do começo de Arraias, que Arraias foi começada pela chapada dos negro, então... si ali o povo preservar pra toda vida pra mim é bom né, agora eles tão acabando com aqueles serviço lá e num pode.(Entrevista oral realizada com o Senhor Joaquim Ribeiro dos Santos em 20 de julho de 2016).

Dessa forma, entende-se por patrimonialização o conhecimento de um bem com valor e importância de patrimônio, ou seja, proteger um bem material ou imaterial por meio do estudo, salvaguarda, preservação e divulgação. A patrimonialização objetiva “fomentar o desenvolvimento através da valorização, revitalização de uma determinada cultura e do seu patrimônio cultural”. (SILVA, 2011, p. 109).

Na direção dessas estratégias, estavam os professores da Universidade Federal do Tocantins, Campus de Arraias, liderados pela professora Valdirene Gomes dos Santos de Jesus que elaborou um projeto de justificativa para sustentar as ações, além de escolas estaduais que, juntamente com os moradores, realizaram atos públicos em defesa da patrimonialização da Chapada. O ato público (Anexo C) aconteceu no dia 19 de novembro de 2010 na praça pública localizada no centro histórico da cidade.

Neste ato, houve o lançamento de um abaixo-assinado para a constituição do Projeto de Lei de Iniciativa Popular. O documento teve por objetivo a criação da Unidade de Conservação “Chapada dos Negros: memória, história e paisagístico sociocultural e ambiental arraiano”. O abaixo-assinado teve assinatura de moradores incluindo pais, estudantes e professores.

A justificativa do projeto girou em torno da consideração de que:

A referida região embora se constitua como um marco histórico no estado do Tocantins, ainda não tem quaisquer política pública de proteção e/ou manutenção das construções ali existentes, o que dificulta o cuidado e a não interveniência e ações danosas no local. O referido espaço também abriga a nascente do Córrego Rico, que se caracteriza como uma nascente de água que abastece toda a população de Arraias. Entendemos que quaisquer atividade ali desenvolvida que venha a pôr em risco as nascentes de água, bem as ruínas remanescentes das Comunidades Quilombolas devem ser coibidas efetivamente, pelos fortes e irreversíveis impactos que decorrem dessas ações. (JESUS, 2010, s/p).

O documento mostra que o conjunto de serras que compõe a Chapada dos Negros constitui-se como Patrimônio Histórico de Arraias, sendo um marco histórico do povoamento da cidade. Ainda justifica a relevância da área em seu valor paisagístico e ambiental destacando a importância da área para a nascente responsável pelo abastecimento da cidade.

As estratégias desses sujeitos visam obter políticas de preservação do bem com o objetivo principal de promover o tombamento a nível federal do local como patrimônio histórico e cultural. O “tombamento é um atributo que se dá ao bem cultural escolhido e separado dos demais para que, ele, fique assegurada a garantia da perpetuação, da memória”. (LEMOS, 2006, p. 85).

Atuando em consonância com essa mobilização, no ano de 2015 a Secretaria de Cultura do município disponibilizou placas de identificação das ruínas (Figura 26) tendo como fonte os relatos do Mestre Fumaça, coletados pela Secretaria de Cultura do Município. Essas placas estão localizadas em alguns espaços da Chapada dos Negros, facilitando a identificação do local para os visitantes, promovendo a identificação dos lugares a partir de uma memória comprometida com uma narrativa afrodescendente. As placas apresentam uma memória de relatos herdada dos mais velhos, como o Mestre Fumaça, considerada uma grande relevância para a população e entrelaçada de respeito à palavra e à memória dos ancestrais. (BÁ, 2010).

Para Lemos (2006), preservar é adquirir a compreensão da nossa memória social preservando o que for significativo dentro do nosso imenso patrimônio cultural. Contudo, de um ponto de vista territorial, e dentro do contexto social arraiano, percebe-se que questões simbólicas e ambientais foram fundamentais para a mobilização pela patrimonialização.

Figura 26: Placas de identificação de algumas ruínas da Chapada dos Negros



Foto: GUALBERTO, 2016.

Como se pode perceber, as legendas fornecidas por Mestre Fumaça destacam a Chapada como espaço da mineração do ouro e como espaço de escravidão. Se a historiografia goiana e tocantinense colonial, destaca o português como principal agente histórico, Mestre Fumaça parece se contrapor à memória dos senhores, silenciando sobre sua presença, e destacando a figura escrava como protagonista desse espaço. (PARENTE, 2007).

De acordo com Fonseca (2009), os pedidos de tombamentos com relação ao processo de patrimônio se dão da forma descrita a seguir:

Os pedidos de tombamento vêm, necessariamente, acompanhados pelos argumentos que os fundamentam. Muitas vezes, é possível distinguir o interesse mais imediato do pedido (impedir uma demolição, desejo de dar determinado uso ao imóvel, como museu, casa de cultura etc.; meio de conseguir verba para restauração; mero desejo de garantir a preservação do bem por seu valor afetivo para a comunidade local etc.) da justificativa, que seria a afirmação do valor cultural do bem enquanto patrimônio nacional. Essa justificativa, que consiste basicamente na afirmação de valor artístico, de valor histórico, da excepcionalidade do bem ou de sua importância em termos nacionais, costuma ser formulada de um modo que revela, por parte dos requerentes. (FONSECA, 2009, p. 186).

O caso do movimento pela patrimonialização da Chapada dos Negros evidencia que os sujeitos, dentro das lutas sociais, mobilizam diferentes estratégias na defesa de seus direitos territoriais sejam em sua dimensão ambiental quanto em sua simbólica.

De acordo com Tuan (2013), lugares muito queridos não são necessariamente visíveis, quer para nós mesmos, quer para os outros. Os lugares podem se fazer visíveis por inúmeros meios: rivalidade ou conflito com outros lugares, proeminência visual e o poder evocativo da arte, arquitetura, cerimônias e ritos. A Chapada dos Negros se torna um lugar visível devido à memória de seus descendentes e às estratégias de defesa territorial que fazem com que parte da população mobilizasse interesses simbólicos e ambientais.

A mobilização conseguiu que o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN abrisse expediente e começasse os trâmites de patrimonialização da Chapada dos Negros. No item abaixo descreveremos o parecer técnico fruto do trabalho do órgão.

2.3. Processo de patrimonialização da Chapada dos Negros: Vistoria e Parecer Técnico do IPHAN 2014

Como já foi dito, o IPHAN é o órgão responsável pela preservação do patrimônio cultural brasileiro e cabe a ele proteger e promover os bens culturais do país, assegurando sua permanência e usufruto para as gerações futuras. Uma de suas tarefas, então, é a realização do processo técnico que leve ao tombamento e preservação do patrimônio nacional.

Referente ao sítio da Chapada dos Negros, acionado pela mobilização dos moradores a que nos referimos, o IPHAN realizou uma vistoria arqueológica ao sítio, no município de Arraias – TO pelo arqueólogo da Divisão Técnica da Superintendência do IPHAN no

Tocantins, em 17 de julho de 2014. Dessa vistoria, o órgão elaborou um Parecer Técnico (Anexo D).

O parecer trata dos aspectos históricos e arqueológicos do sítio com base em algumas informações produzidas até então e no resultado da vistoria. Para Fonseca (2009), “os pareceres técnicos avaliam as justificativas em termos de interesse, do ponto de vista da instituição, em preservar aquele bem e, quando é o caso, discutem os termos das impugnações aos tombamentos”. (FONSECA, 2009, p. 187).

Dessa forma, o parecer técnico (IPHAN, 2014) afirma que “através da vistoria, das fontes documentais e do convívio com alguns arraianos, constatamos que o sítio Chapada dos Negros é, realmente, um bem de inegáveis valores histórico, arqueológico, arquitetônico, afetivo e pedagógico”. (IPHAN, 2014, p. 10). Os locais que se encontram vestígios positivos de ocupação e atividade humana como grutas, lapas e abrigos sob-rocha são considerados sítio arqueológico.

De acordo com o IPHAN, os sítios arqueológicos podem ser divididos em pré-históricos e históricos. Os sítios pré-históricos dizem respeito àqueles anteriores à chegada dos europeus ao Brasil, ou seja, antes de 1500. Os sítios históricos são destinados à ocupação colonial, pós 1500, dentre os sítios históricos estão associados àqueles referentes ao ciclo do ouro no século XVIII e XIX. No estado do Tocantins, esses sítios históricos estão presentes na região sudeste do Estado, por exemplo, no município de Arraias.

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, na cidade de Natividade (TO) (Figura 27), exemplo de sítio histórico, foi construída pelos escravos na época da mineração. Atualmente, permaneceram as ruínas, o Largo do Rosário foi restaurado pelo IPHAN em 2008. Para o órgão, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos é o símbolo do Estado do Tocantins.

Figura 27: Ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos em Natividade - TO



Fonte: Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/to>>. Acesso em: ago. 2017

Dentro da política do órgão para o Estado, no ano de 2016, o coordenador da superintendência do IPHAN do Estado, juntamente com o arqueólogo Rômulo Macedo Barreto de Negreiros, realiza um minicurso sobre arqueologia e também uma visita ao sítio.

O arqueólogo esclareceu, então, em conversa com a pesquisadora, a função que a arqueologia exerce no processo de tombamento, destacou o procedimento de escavação diante de um sítio, e ainda a importância de não realizar totalmente a escavação, pois, é conveniente deixar uma parte para o futuro que sempre contará com novas tecnologias:

A arqueologia trabalha com os bens culturais materiais produzidos pelos seres humanos não importa a época. [...] Para saber realmente o tamanho de um sítio, é preciso fazer um trabalho de escavação, um levantamento arqueológico, [...] na arqueologia costuma não... não cavar o todo, escolhe uma parte do todo e cavam pra avaliar, dependendo do que aparecer vão estendendo mas o ideal é sempre deixar uma parte sem cavar pro futuro, pro pessoal que vem pra frente com melhores tecnologias. (Depoimento oral de Rômulo Macedo Barreto de Negreiros em 10 de junho de 2016).

Em se tratando da arqueologia, Lemos (2006) afirma que:

A arqueologia se esforça por recolher, identificar e estudar os restos vestígios de povos já desaparecidos para tentar conhecê-los melhor no seu cotidiano prosaico, para vislumbrar seu pensamento, suas crenças, seus tabus. Velhas ruínas e vestígios soterrados são exaustivamente analisados para que possamos compreender melhor a vida desses remotos. (LEMOS, 2006, p. 22).

Nessa perspectiva, a Chapada dos Negros constitui-se num sítio arqueológico. Esses sítios têm proteção legal e, quando são reconhecidos pelo órgão, devem ser cadastrados no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA). A Chapada dos Negros, mesmo com sua importância de patrimônio, e estando o processo em andamento, não foi inserida no CNSA até a finalização dessa pesquisa. Quando for inserida, ela se tornará um bem da União protegido pela lei Federal nº 3924/1961 (BRASIL, 1961) que trata da proteção aos monumentos arqueológicos e pré-históricos, lei que prevê que qualquer ato de destruição ou que prejudique o bem, “[...] será considerado crime contra o Patrimônio Nacional e, como tal, punível de acordo com o disposto nas leis penais”. (BRASIL, 1961, p. 02).

É importante destacar que no ano de 1989, provavelmente articulado ao momento político de criação do Estado, foi aberto um processo para o reconhecimento da Chapada dos Negros e do conjunto arquitetônico da cidade de Arraias como Patrimônio Histórico e Cultural e de sua importância para a história do município e da região, que possibilitasse o tombamento da mesma a nível federal na categoria “sítio arqueológico”. O processo de tombamento, aberto no referido ano, se encontrava no site do órgão³ em “instrução”, porém, após o parecer técnico referente à vistoria, o processo hoje se encontra na situação de “Indeferido”.

Sendo indeferido então, o processo de tombamento da Chapada dos Negros pelo IPHAN, houve a recomendação, por parte do órgão, de que a Prefeitura Municipal de Arraias realizasse o tombamento de nível municipal do sítio, cabendo ao poder público local a elaboração de leis que assegurem a proteção do bem.

O tombamento consagra o valor cultural de um bem. “Ter um bem de sua cultura tombado pode significar, para grupos econômica e socialmente desfavorecidos, benefícios de ordem material e simbólica, além de demonstração de poder político”. (FONSECA, 2009, p. 180). Ou seja, o tombamento é reconhecido como forma de empoderamento, por parte do Estado nacional, das memórias de grupos socialmente excluídos. Isso não significa que as lutas políticas interfiram no processo. Assim, como ocorreu em 1989, pode ter sido a luta política ligada aos interesses de mineradores a causa do não tombamento da Chapada.

³ http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Lista_bens_tombados_atualizada_11_05_2016.pdf

Ao contrário do primeiro processo, o processo atual, aberto a instâncias das lutas frente aos perigos da mineração, está em andamento. No ano de 2016, o arqueólogo do IPHAN, no decorrer da visita, por nós acompanhados, explicava a importância de algumas ruínas presentes no sítio arqueológico. Com relação à igreja:

A igreja ela não tem uma estrutura tão elaborada como a casa do ouro uma coisa mais rústica, geralmente naquele tempo as igrejas tinha uma importância maior dentro do contexto, então se eles são realmente contemporâneos e a casa do ouro contemporânea de tudo isso então mostra que a importância econômica era muito maior do que a importância religiosa. Havia uma separação [...], até nas próprias igrejas mais modernas ela tem uma separação, ela tem a nave principal que é pras elites e deixava os cantos mais escondidos pros escravos e pros criado. E aqui pode ser a mesma coisa pode ser uma igreja que eles fizeram especialmente pros escravos por isso que não teve um cuidado tão bem... . [...] Antigamente tinha o costume de enterrar pessoas dentro da igreja, então se tiver corpos aqui dentro pode ser um indicativo ou na entrada da igreja se for o caso. [...] E a gente cavar a igreja e encontrar restos de...imagem ou altar ou...ou a pia batismal já comprovaria de fato que era uma capelinha...uma igreja. . [...] mas há uma possibilidade de ter sido uma igreja, agora o que é estranho é que a igreja ela teve menos cuidado na sua construção do que a própria casa do ouro então tem que ver isso também porque a igreja costuma ter um esmero. (Depoimento oral de Rômulo Macedo Barreto de Negreiros em 10 de junho de 2016).

O arqueólogo chamou atenção ao significado das edificações presentes no sítio. Ele deu especial atenção para a estrutura da igreja que, se comparada com as igrejas de antigamente, há importante diferença, pois, no período colonial as igrejas tinha uma importância muito grande na sociedade, eram construídas com mais cuidados. Do mesmo modo, chamou-lhe a atenção a construção da casa do ouro que, se comparada a Igreja, em suas características arquitetônicas, evidencia a importância desta, deixando no ar a hipótese de que, naquele tempo, na região, o local de guardar o ouro era mais considerável, tinha mais uma importância econômica do que religiosa.

Com relação à ruína da senzala, o arqueólogo conta que:

Pode ter cultura material encontrada também, é muito comum encontrar em senzala cachimbo, carne de caça dos animais que eles caçavam dependendo da proporção em relação aos animais criados você também pode saber se era realmente uma senzala, restos de alimentos ou algum indicativo. Mas pode ver que a técnica de construção é completamente diferente daquela de baixo (a casa do ouro) só é pedra junta seca, porque até muito recentemente eles usavam esse método pra construir cercas. [...] Mas o piso deve ter muita coisa pra baixo [...] segmento veio de cima pra baixo então deve ter muito... um pacote segmentar muito profundo meio metro pelo menos que deve ter material arqueológico associado que a gente pode encontrar. Pode ter uma divisão interna também, porque geralmente as senzalas costumam ser retangulares até tá muito quadrado e não tem como você cobrir isso aqui naquele momento não havia como cobrir pode ser com palha...possa ter uma divisória por dentro que você dava pra fazer a cobertura. Já a igreja ela é mais fechadinha é possível ter uma cobertura então aquele de fato era um imóvel de habitação ou de.... de alguém ficar lá dentro fazendo alguma coisa, aqui é difícil de

procurar pode ser um criatório de porco. (Depoimento oral de Rômulo Macedo Barreto de Negreiros em 10 de junho de 2016).

A senzala também teria uma estrutura diferente das senzalas em geral. Elas geralmente são retangulares e, no sítio, a senzala tem uma forma quadrada, levando-o a propor a hipótese de que ali houvesse um criatório de porco, descrendo assim da hipótese levantada pela memória popular.

O arqueólogo ainda conta sobre uma árvore que nasceu na parede da igreja, *“essa árvore ela favorece a preservação da estrutura, ela praticamente segura, mesmo tendo nascido por cima eu acho que for cortar a árvore pode vim o caimento da parede. [...]”*. (Depoimento oral de Rômulo Macedo Barreto de Negreiros em 10 de junho de 2016).

A vistoria mostrou para o arqueólogo a necessidade de um estudo arqueológico e de um trabalho de escavação no local para que se possa ter clareza diante do que seria cada edificação. Instado pelo temor dos moradores com a chegada das empresas mineradoras no município, o IPHAN advertiu que é preciso que sejam tomadas as medidas cabíveis para evitar a destruição desse patrimônio cultural, um bem de União protegido pela Lei Federal nº 3924/1961, (BRASIL, 1961). A vistoria arqueológica, assim, reforçou, por um lado, a demanda dos moradores, mas, por outro, questiona a memória local, se impondo como saber autorizado sobre como conhecer os vestígios materiais do passado, e nesse sentido, acaba por criar uma situação ambivalente. Por um lado, reforça a demanda, mas por outro desloca a memória social de seu lugar de significar o espaço como lugar.

Por outro lado, o exercício da memória é uns dos fatores que possibilita um povo a entender a sua comunidade, e a partir do local onde se vive possa construir a sua identidade, pois, uma vez que se identifica com o local, o indivíduo passa a contribuir para o desenvolvimento da comunidade, criando raízes. A patrimonialização, assim, pode levar a uma ressignificação da Chapada, “sequestrando” da memória popular e tornando-o parte de uma memória oficial nacional. A disputa pelo poder de dizer que vemos na figura do arqueólogo mostra esse confronto entre saberes.

Na cidade de Arraias também se tentou, no ano de 1989, patrimonializar as edificações, especificamente a Igreja Nossa Senhora dos Remédios, incluindo o centro histórico da cidade. Mas muitas dessas edificações já foram modificadas pelos moradores, como é o caso dos casarões antigos: muitos foram demolidos por parte do poder público local e outros já tiveram as portas e as janelas por alvenarias, que dificulta as ações do IPHAN para um possível tombamento.

Em 2010, o IPHAN, por intermédio da Fundação Cultural ONG Viva Arraias, restaurou um desses casarões para a criação do museu histórico e cultural de Arraias (Figura 28). O museu histórico e cultural de Arraias foi inaugurado no dia 01 de agosto de 2013 e está localizado no centro histórico da cidade. O local possui poucos registros referentes à Chapada dos Negros, principalmente sobre a história do lugar. Mas guarda fotos e alguns objetos como, bateia, chaves, algemas que permaneceram da escravidão na época, alguns objetos que foram utilizados pelos mais velhos antigamente que fazem parte da memória da cidade, exposições e ainda atividades de educação patrimonial.

Figura 28: Museu histórico e cultural de Arraias - TO



Fonte: Disponível em: < <http://conexaoto.com.br/2014/10/04/museus-contam-historia-e-luta-de-criacao-do-tocantins-estado-completa-26-anos-neste-domingo#> >. Acesso em: ago. 2017.

Um exemplo de bem tombado semelhante a Arraias é o conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico, como os casarões de Natividade (Figura 29), que foi tombado pelo IPHAN em 1987 por retratar a urbanização do século XVIII e pela estrutura urbana colonial com casarões, igrejas e ruas irregulares.

Figura 29: Casario de Natividade - TO



Fonte: Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/to>>. Acesso em: ago. 2017.

O processo aberto em 1989, portanto, parece estar intimamente ligado ao tombamento de outras cidades do “ciclo do ouro” goiano/tocantinense, como foi o caso de Natividade-TO, em 1987, e Cidade de Goiás – GO, em 1978. Esse desejo de patrimonialização frustrado em 1989 retorna a partir do novo contexto de ameaça territorial. As ações dos grupos (moradores) e associações negras (Associação Cultural Chapada dos Negros) demandam que também a Chapada seja incluída na memória da cidade a fim de que seja adotado algum tipo de preservação pelo órgão público.

Nesse sentido, quando chega a ameaça representada pelas propostas de mineração, que agravaria a questão ambiental na cidade, rapidamente se organiza um movimento, e escolhe a via da luta pela patrimonialização como estratégia de defesa do território – como ambiente – e o território como memórias (o lugar do garimpo), deixando clara a conexão entre as diferentes dimensões do território.

Diante do exposto na vistoria, o Parecer Técnico (IPHAN, 2014) ainda lista algumas recomendações ao sítio:

Diante do pouco conhecimento produzido até então sobre a Chapada dos Negros, não há, ainda, elementos que justifiquem um tombamento a nível federal do bem. Somente um aprofundamento dos estudos históricos e arqueológicos poderão afirmar ou não a representatividade do bem perante a nacionalidade. Por outro lado, a importância da Chapada dos Negros prevalece perante o cenário regional de ocupação histórica. Por isso, recomendo que o estado do Tocantins seja provocado a tomar a Chapada dos Negros em sua esfera de competência, como já se intencionou fazer em outros momentos; Recomendo a realização de prospecções arqueológicas – envolvendo reconhecimento de superfície, métodos interventivos e/ou geofísicos – com o intuito de delimitar o sítio; Recomendo a realização de um levantamento planialtimétrico detalhado da área, com a finalidade de registro de todas as estruturas, sejam positivas ou negativas, e determinar suas relações com o relevo; Seria prudente que a Prefeitura de Arraias fosse provocada pelo IPHAN para tomar a Chapada dos Negros com base na Lei Municipal N° 768/2007, de 11 de dezembro de 2007. Além dos benefícios para a sociedade local, esse ato contribuirá para o processo de tombamento na esfera estadual. (IPHAN, 2014, pp. 11-12).

De acordo com o IPHAN, entende-se que a Chapada dos Negros, por mais que não seja reconhecida legalmente, é protegida conforme os parâmetros da Lei Federal nº 3924/1961. (BRASIL, 1961). Porém, ainda não há elementos que justifiquem um tombamento do bem e provas científicas para sustentar a oralidade e a memória dos moradores.

As ruínas da Chapada dos Negros são objetos e ações que resistiram ao tempo sem mudarem de sentido. Esses objetos são espaços que, para o Mestre Fumaça, são vistos para o desenvolvimento de turismo no município. Como o local onde se encontra a Chapada dos Negros é de propriedade privada, o Mestre Fumaça conta o que pode ser feito caso acontecesse a patrimonialização daquele local.

O dono tem que desapropriar. Porque ali, tem que ir atrás de mais coisas. Porque não tem só aquilo ali. Depois da igreja Nossa Senhora do Rosário pra dentro, tem tanta coisa pra dentro! Então, num pode ser só ali a ruína ali porque ali fica difícil até pro cê contar história! [...] aqui tem que ser uma desapropriação total [...], essa casa que cês fizeram aí ó vai servir de campi né pra pro pessoal quem vem pros visitantes, lugar de apoio pra quem vem né fazer o turismo, o pessoal vem, aqui tem água tem os apoios aqui, alguma coisa pra vender, é isso, agora vocês tem que sair, falei pra ele, ele desanimou (risos). A prefeitura avalia o preço da fazenda de acordo né o sistema do do... do INCRA e desapropria e paga ele o valor dentro. (Entrevista oral realizada com o Mestre Fumaça em 09 de setembro de 2016).

As narrativas sobre essas ruínas em Arraias estão vinculadas à memória das pessoas, considerando que, para Landowski (2001), os sentidos não estão nos objetos ou no mundo, mas na ação dos sujeitos que emprestam sentidos ao mundo e a si mesmos.

Com base na relação que os moradores adquirem com aquelas ruínas e da memória que legitima a preservação em torno dela, vão surgindo os sentidos para o lugar. As narrativas vão sendo experimentadas pelos sujeitos e, assim, fazendo significado em função de suas práticas específicas, pois o sujeito vai agir de acordo as suas interpretações.

Apesar de estar parada atualmente, a patrimonialização da Chapada dos Negros caminha lentamente. A luta pela patrimonialização da Chapada, assim como para um possível tombamento do sítio arqueológico, é talvez um sonho difícil de realizar para os moradores por dois motivos: primeiro pelo fato de, atualmente, o local pertencer a uma propriedade privada, e, segundo, porque, para o IPHAN, a memória e as narrativas orais dos moradores não são suficientes para a constatação de vestígios que comprovam a existência de um sítio arqueológico, sugerindo um estudo científico para a comprovação do patrimônio. A empresa mineradora esteve um período afastada das atividades, porém, no corrente ano de 2017 está de volta e continuando as ações pela busca dos minérios.

A discussão sobre a patrimonialização em torno da Chapada dos Negros foi o motivo que despertou o interesse por pesquisar a memória sobre a Chapada dos Negros e estudar ao viés das narrativas orais dos moradores.

Contudo, como mostraremos no capítulo a seguir, a escolha foi, nesse momento, pelos significados do lugar para as narrativas orais dos moradores de Arraias apresentando o lugar, a memória e a cultura como conceitos para tratar das narrativas orais dos moradores sobre assombração e mistérios em torno da Chapada dos Negros e seus significados. “Para os habitantes as suas oralidades são modos de atribuir significados para eventos relevantes da história do lugar, ou seja, modos de observar e compreender o mundo”. (LIMA, 2003, p. 31). Ao ouvir as narrativas, percebe-se que essas histórias fazem parte também da memória da cidade, que são experiências da tradição oral do lugar que os moradores relatam e absorvem sentidos para a história contada, formando conjuntos de valores e significâncias.

CAPÍTULO III

A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO: a Chapada dos Negros como lugar

O contar uma história preserva o narrador do esquecimento; a estória constrói a identidade do narrador e o legado que ela ou ele deixa para o futuro.
(ALESSANDRO PORTELLI)

3.1. Lugar e Memória

O lugar é coberto de afetividade e pertencimento, o cenário de um lugar se encarrega de contar a sua história. Nesse sentido, o lugar pode ser definido de várias maneiras e entendido como qualquer objeto fixo que atrai nossa atenção. Assim, os nossos olhos se voltam a alguns pontos de interesse (TUAN, 2013).

Para Tuan (2013), lugares e objetos definem o espaço. Muitos lugares podem ser significantes e conhecidos emocionalmente para certos indivíduos e grupos. Objetos que são admirados por uma pessoa, podem não ser notados por outra, devido a cultura que afeta na apreensão do lugar.

Muitas pessoas podem não perceber a importância dos objetos de algum lugar, simplesmente podem entender que eles ocupam somente espaço sem sentido. Um exemplo disso são as ruínas da Chapada dos Negros. De acordo com Tuan (2013), são objetos que podem ser admirados por uma pessoa, como podem não ser notadas por outra. Tudo isso depende da cultura, que afeta na percepção das coisas, o modo de como cada um vai olhar os objetos presentes no lugar e de como o indivíduo enxerga o mundo e as coisas ao seu redor.

Considerando que, para Geertz (1989), a cultura não é algo definido, ela é uma interpretação que envolve produção de significados compartilhados pelos sujeitos na sociedade, logo, é algo que deve ser percebido. A cultura é dinâmica e está em constante transformação e se ressignifica a todo o momento. Com isso, entende-se que a cultura desenvolvida pelas pessoas influencia fortemente no comportamento e nos valores humanos na sociedade.

Para Tuan (2013), o lugar consiste em um mundo de significado organizado, construído a partir da experiência e dos sentidos. Desse modo, considerando um determinado espaço comum em que, ao adquirirmos um significado de valor e de conhecimento, se transforma em lugar por meio da experiência e dos significados que construímos naquele espaço: “A experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência.

Experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele”. (TUAN, 2013, p. 18). Nesse sentido, para o autor, ao inserirmos os objetos e os lugares em um espaço, experienciamos o espaço, e assim atingimos mais objetos e lugares determinados.

Essa experiência humana que são “a vivência real através dos acontecimentos – não é mera sensação: partindo da percepção mais imediata até o julgamento mais mediado, ela é uma sensação significativa – uma sensação interpretada, uma sensação apreendida”. (GEERTZ, 1989, p. 179). Dessa forma, é por meio de símbolos significativos que o indivíduo acha sentido nos acontecimentos vividos por ele. “Mas o que de verdade dá sentido a um lugar é o conjunto de significados, os símbolos que a cultura local imprimiu nele, e é isso que leva o outro a sentir, partindo de seus valores, o lugar o qual se visita”. (MARTINS, 2006, p. 39).

Os vestígios de um lugar conhecidos por muitas pessoas no presente, são as marcas de algo que antes realizava uma utilidade num dado momento histórico no passado. Uma vez que, antes de se degradarem tinha uma função na história, como perderam sua função pelas mudanças históricas, se transformaram num patrimônio histórico e cultural. “Esse conjunto de valores representado pelos significados e símbolos projeta-se no espaço geográfico e, ao mesmo tempo em que dele vai apropriando-se, imprime marcas como que dizendo isto sou eu e, em comunhão com o grupo social, isto somos nós”. (MARTINS, 2006, p. 40).

Essas marcas deixadas no espaço pelo passado são chamadas, por Santos (2009), de rugosidades. “Chamamos de rugosidade ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares”. (SANTOS, 2009, p. 140).

Na arqueologia da paisagem, onde se encontram os vestígios da Chapada dos Negros, o espaço é um testemunho de produção de memória, de algo ocorrido antes e que, no cenário atual, não serve mais para o novo, representando um tempo passado. Dessa forma, “a arqueologia da paisagem pouco intervém no registro arqueológico, esforçando-se para mostrar que é possível reconstituir concretamente a maneira como as populações organizaram o seu espaço”. (MORAIS, 1999, p. 14).

Assim sendo, entende-se que a Chapada dos Negros enquanto espaço, a sua construção em lugar se dá pelas percepções que os moradores de Arraias adquirem por meio dos significados diante dos vestígios da memória, históricos e culturais presentes naquele espaço, que são os objetos adquiridos de experiências, valores e sentido.

A memória é fundamental na formação da identidade e da cultura de um povo. Ela é socialmente construída, sempre sofre mudanças. Para Pollak (1992), a memória é constituída

por pessoas no decorrer da vida e por meio dos elementos de situações vividos pessoalmente e aquelas situações em que o indivíduo se encontra indiretamente num determinado grupo não precisando ter vivido no local, bastando reunir elementos que não se situam no seu espaço/tempo, ou num determinado grupo.

De acordo com Pollak (1992), dependendo dos momentos em que é articulada, a memória sofre diferentes flutuações diante de determinados acontecimentos, o indivíduo a organiza para determinar qual fato ocorrido vai ser gravado, e assim a memória vai sendo construída, para isso, passa por um trabalho de organização em que seleciona quais acontecimentos vão ser preservados.

Nessa perspectiva, o sentido da Chapada dos Negros envolve um lugar particularmente ligado às lembranças dos ancestrais que favorece num sentido de pertencimento, de construção da identidade cultural e de preservação da memória. Assim, compreende-se que a memória é importante para a existência, preservação e fortalecimento de um grupo, sendo constituinte do processo de construção do efeito de pertencimento. (ANDERSON, 2008). Por meio da memória reconhecemos e diferenciamos um povo num determinado lugar.

3.2. Garimpando narrativas: o imaginário do ouro na Chapada dos Negros

Por meio das narrativas, os moradores de Arraias reconhecem as suas identidades culturais e suas histórias de vida. Os relatos sobre o imaginário do ouro na Chapada dos Negros revelarão que, ao contar as histórias, os narradores de Arraias empregarão as suas oralidades, entendimentos e suas interpretações por intermédio da memória e ensinamentos passados pelos mais velhos.

No imaginário do ouro na Chapada dos Negros, estão presentes narrativas orais dos moradores referentes a enterro de ouro, aparição e fuga de santa, livusias, visagens e lobisomem. Essas categorias estão relacionadas ao remorso e ao medo que as pessoas sentem do lugar, pois, as histórias de lugares que tiveram início no ciclo do ouro estão associadas a essas percepções pelos seus habitantes. (LIMA, 2003).

Existe um conjunto de narrativas por meio do qual os moradores interpretam as histórias de enterro de ouro na Chapada dos Negros, associadas aos ancestrais escravizados, que enterraram os ouros no local. Dona Cheiro narra que:

A história que eu tenho de lá é que o negro deixou muito ouro enterrado por lá e... e gente já rancou, um mocado de gente já rancou ouro lá, panela de ouro [...] lata cheia de ouro, garrafão né, tanto que lá tem muito buraco. [...] Esses buracos

pequeno redondo fora que tem cá fora é que rancou o ouro que era enterrado. (Entrevista oral realizada com Dona Cheiro em 07 de outubro de 2016).

Percebe-se que Dona Cheiro afirma que, no local, foram enterrados muito ouro pelos negros escravos. A narrativa atesta que a presença de buracos abertos no local seria a prova de que muitos faiscadores arrancaram esses ouros deixados por seus ancestrais.

Outro relato semelhante sobre o enterro de ouro é de um dos encarregados da Fazenda Guanabara, onde se situa a Chapada dos Negros, o Senhor Joânis de 58 anos, que não é arraiano, mas narra alguns eventos recorrentes no lugar:

Diz que tem ouro deles enterrado aqui em dois lugar, mais será? diz que tem muita assinalada de ouro aí. Enterrado. Que aí foi no tempo da libertação aí já num podia mais mandar ouro pra lugar nenhum é claro né aí... e muitos já esconderam mesmo né, muitos guardaram né [...] mas diz que aqui na Arraias enterraram um mocado de ouro aí nessa serra. Mas as vês também pode ser só história. (Entrevista oral realizada com o Senhor Joânis em 04 de setembro de 2016).

A narrativa mostra o motivo do enterro de ouro no local, afirma que o ouro também foi enterrado pelos senhores devido a libertação dos escravos, pois muitos não tinham o que fazer com o ouro, e dessa forma escondiam com esperança de voltar para buscar.

As histórias de enterro de ouro também estão associadas à igreja católica da cidade. Dona Cheiro conta que: *“aquela igreja tem meio metro de grossura ela ainda foi feito por mão de negro feito só de pedra. Meio metro de grossura de parede, é grossa, e os trem de senhora dos remédios, os ouro, o dinheiro dela tá enterrado ali no fundo da casa paroquial”*. (Entrevista oral realizada com Dona Cheiro em 07 de outubro de 2016).

A narradora ainda relata que, há muito tempo, um padre, antes de partir, mostrou o local do ouro enterrado e designou a tarefa a ela e a um amigo para arrancá-lo.

Ele deu pra Edi marido de Góia e pra mim pra nós dois rancar, aí Edi queria rancar foi lá falar pro padre e o padre num deixou rancar, o padre Moreira [...]. Ó é cheio de ouro lavrado, panela, cordão de pescoço, pulseira, é relógio, tudo de ouro, tudo, e até a taça do padre beber o vinho, e o santíssimo aquele que o padre levanta assim todo granetado, tudo de ouro. Aí Edi mandou Góia ir lá falar com com Jonas (padre depois do Moreira) se ele deixava rancar, e ele “não, tem nada aqui não tem nada aqui não”, quando Góia já ia lá longe Jonas “ó vem cá fia ó cê fala com ele pra mim mostrar o lugar” e ele (marido de Góia) falou “uah! Se aí num tem nada eu não tenho que mostrar lugar”, num levou muito tempo acho que foi um ano Edi morreu. (Entrevista oral realizada com Dona Cheiro em 07 de outubro de 2016).

Narrativas como estas da Dona Cheiro mostram que, de acordo com Lima (2003), o meio da busca pelo ouro enterrado está relacionado à cobiça e à maldição impregnadas pela

morte. Quando a narradora conta que “*num levou muito tempo acho que foi um ano Edi morreu*”, mostra que o enterro do ouro torna-se amaldiçoado e lança sua maldição sobre quem o possuiu de forma avarenta.

Segundo Lima (2003),

Na singularidade dessas concepções, fazendo com que tanto a sua exploração quanto a sua posse sejam consideradas situações amaldiçoadas, é a realização de um movimento de alegorização da escravidão, tramada com os fios de dogmas católicos. (LIMA, 2003, p. 195).

Percebe-se que o ouro que se encontra no interior da terra são costumes dos ancestrais de um povo, é carregado de cobiça que leva a maldição, entrelaçado nas crenças da igreja católica. Sinalizam o sinal do escape, do não lugar. As narrativas declaram fenômenos associados em torno do enterro de ouro, que são os conjuntos de histórias que abordam as visagens que aparecem nas proximidades das serras.

Domingas Santana Ponte, de 69 anos de idade, moradora há muitos anos de Arraias, mãe de santo, narra suas percepções sobre o imaginário do ouro:

Eu acho minha fia que foi uma fortuna que Deus tava deixando pros pobres adquiri né, mas do que existiu riqueza isorou né... num deixou os pobre garimpar pra ter o recurso. Que ali se num fosse a maldade do povo ali tava uma rua, uma igreja assim, pro povo ir rezar de vez em quando né e ranjar um ouro que ali já tava liberto pra todo mundo ir com a bateinha bateiar [...] mas a ganância acabou com tudo, até os pobre dos cativoiro acabou não tem mais, cativoiro, aqueles povo bobo que os ricos pegava pra criar. (Entrevista realizada com Dona Domingas Santana Pontes em 13 de abril de 2017).

As narrativas de visagens e livusias estão vinculadas à Fazenda Guanabara, situada na Chapada dos Negros, relacionada às visões que os moradores relatam. Não foram encontrados relatos de visagens no local onde estão os vestígios do antigo garimpo.

Ao serem questionados sobre o assunto, os relatos de muitos moradores contam que não há nada desse tipo no local, como conta Joaquim Ribeiro dos Santos “*eu nunca vi nada na chapada dos negros. Eu andava na chapada dos negros direto sózim era sózim, olha, eu num digo, as vêis pode ter alguma mais visagem eu nunca vi não*” (Entrevista realizada com o Senhor Joaquim Ribeiro dos Santos em 07 de outubro de 2016). Da mesma forma, o encarregado da fazenda, o senhor Valdemir Nascimento Maranhão conta que: “*eu já vi o pessoal falar de muita história assim de coisa que parece ser paranormal mas eu...eu nunca me deparei com nenhuma situação dessa não, pra dizer que eu vi algo que chamasse atenção*

não”. (Entrevista realizada com o Senhor Valdemir Nascimento Maranhão em 06 de outubro de 2016).

Mesmo afirmando nunca lhe ter ocorrido esse tipo de situação, Valdemir Nascimento Maranhão narra que “vi uma vez é...duas luzes paricendo um farol de um carro, eu tava lá no posto do japão e vi aqui de lá eu vi aqui era...tava iscurecendo e eu vi e o local onde tava as luzes não tinha condição nenhuma de ter um automóvel passar por ali nenhum. Então algo meio estranho né” (Entrevista realizada com o Senhor Valdemir Nascimento Maranhão em 06 de outubro de 2016).

Rosimeire da Cruz, de 43 anos, moradora de Arraias, narra as aparições que ela enxergava nas colinas e que transmitiam nas narrativas dos mais velhos, sobre uma tocha de ouro que os moradores viam nas serras de Arraias.

[...] agora isso aí eu fazia era ver! Eu criança [...]! A gente morava ali na Palmeirinha na roça, e quando era é a boquinha da noite num tinha televisão num tinha nada a gente costumava sentar no terreiro né num banquim lá no terreiro prá ficar ali conversando os mais velhos conversando causo de quem morria essas coisa e a gente ali sentado e e de frente pra onde a gente morava, de frente tinha uma serrona grande.[...], várias vezes, isso eu via eu já era mocinha já eu via aquela tochona [...], saindo de um canto da serra e indo pro outro lado da serra eu via isso aí direto eu via essas coisas. Aí os mais velhos né que era pai e mãe os mais velhos que tava ali falava “ó olha lá ó olha o ouro mudando, é o ouro mudando de lugar”. Eles falavam que era o ouro mudando sabe, mudando de um lugar pra outro, era uma tochona [...] cê via aquela tochona caminhando na serra aqui isso eu via demais. Agora hoje eu não vejo isso mais não sei pra onde é que esses ouros mudaram deve ser que foi pro exterior né (risos) porque aqui nunca mais eu vi e ó que aqui próximo de nós olha o tanto nós somos cercado de serra né e a gente não ver mais. Mas quando eu morava aqui na roça a gente via isso direto sabe, a tochona passando de um canto da serra pra outro e aí segundo eles era ouro mesmo né, e aí hoje acabou tudo mas realmente essa tocha aí eu vi com meus próprios olhos esse aí eu cheguei a ver né mas aí hoje não tem mais acabou essas coisas tudo. (Entrevista realizada com Rosimeire da Cruz em 27 de novembro de 2016).

O relato de Rosimeire da Cruz diz que, no município, com o fim da escravidão e das atividades de garimpagem, os moradores enxergavam com frequência esse tipo de visagem na serra.

As narrativas de Valdemir Maranhão e Rosimeire da Cruz estão associadas ao que Lima (2003) caracteriza como imaginário do ouro em Goiás, como a natureza que, de forma sobrenatural, mostra os sinais de veios auríferos. Aparições como esta poderiam tratar-se da mãe do ouro feita de luz, que constitui em visagens percorrendo os céus, girando de uma serra para outra e caindo onde existe ouro.

A “mãe do ouro” composta de luz e determinada de símbolo aurífero, faz parte de um conjunto de mães no universo religioso brasileiro: mãe da água, mãe da mata, mãe do chão, dentre outras, caracterizando em determinados lugares com denominações diferentes. Mas

possui atribuições semelhantes que são cuidar do lugar e zelar pela vida dos rios, matas e animais, punir os homens desrespeitosos com a autoridade do encanto local, promover o sossego do viajante etc. Podemos compreender a partir de Wawzyniak (2003):

O espaço por eles habitado é subdividido em diferentes áreas, [...] que, além de possuírem características ecológicas específicas, são dotadas de significados próprios e tidas como domínio de seres demitirgicos, considerados seus "donos" ou suas "mães". Eles são reconhecidos como protetores das árvores, dos lagos, dos igarapés, das praias, do rio, [...]. (WAWZYNIAK, 2003, p. 39).

Os lugares, nesses espaços, geralmente fazem-se morar uma “mãe” ou “dona” que não se sossega apenas aos cuidados referidos, mas a “mãe” também se transforma nos elementos da paisagem dita humana, virando pedra, raiz, gente, pássaro, peixe, ouro, arco, flecha e até indicando os caminhos do ouro. A “mãe de ouro” acolhe esse componente sobre o ser do mundo, transformacional da cosmologia “afro”. Podendo ainda virar cachimbo, buraco, pedra, gente e assim por diante.

Ao ser questionado sobre as aparições na Chapada dos Negros, o senhor Joânis também encarregado da fazenda na ausência do Valdemir Maranhão, narra e interpreta pensativo a cena, um fato ocorrido com ele na sede se referindo a visagens e livusias, esta última são barulhos que ocorrem em determinados lugares, onde o mesmo relata que:

Jáááá. Tem, é... é montado de cavalo que vem ali, até ali, outra hora toca tamborim no negócio de folia bem aí assim, aí para bem aqui nessa cansela né, [...]. Rapaiç naquela casinha ali eu vi de dia, parecia que era, mas eu num sei se era. Ah, agora aí nesse mato aí eu falo pros meninos aí [...] negócio de onça que aí tem onça né principalmente no inverno aí vem mais nós já viu elas aí. [...] Agora eu duas vêis eu escutei de dia ali eu num sei se era impressão mas eu num sei, só sei que eu tava deitado lá e aí eu até tava escorando aquele barraco lá, aí os menino tinha ido lá pra cima, falô olha, meio dia nós volta [...] aí eu lá deitado, aí tem um banquim assim né i a água que daqui ligado pra lá pra escorrer assim, aí escutava, as rolinhas e as juriti comendo dentro de casa assim né ficava ouvindo e vráááá aí escutei tchac tchac tchac.... eu digo ah os menino tá vindo, chegando, aquelas butinonas grossas né e vap vap vap aí vem as pisadas dos dois, aí as rolinha e as juriti raaaa e nada aí eu digo uai eles sentaram no banco aí ficou calado! aí eu levantei oiêi e nada, oiêi por de trás da casa assim e digo, então eles passou pra área pra lavar as mão o rosto, nada, deitei de novo, aí tô lá oiando assim, penso que não as rolinha veio e de novo fez assim raaaap aí eu escutava e tchac e tchac e tchac e tchac... eu digo ah rapais agora que eles vem, de lá assim, aí as rolinha de novo aí eu fiquei esperando, e eu digo uai mais esses menino não conversa uai sempre eles é conversador, levantei oiêi nadinha, uai mais de dia assim, eu escutei isso, agora num sei se era, e medo também eu num tenho. [...] eu acho que si você colocar isso na memória um pouco de medo na memória sua, vai acontecer e eu acho que é mais ou menos isso. (Entrevista realizada com o Senhor Joânis em 04 de setembro de 2016).

As narrativas sobre livusias⁴ também estão nos relatos de Valdemir Nascimento Maranhão:

Eu tava lá um dia sozinho só eu e meu filho ele foi lá pra cidade e eu fiquei sozinho ali, quando de repente eu ouvi o som de uma flauta né...aí eu ouvi o som de uma flauta e como tava a luz da garagem tava apagada eu fiquei ali, e eu disse vai chegar bem aqui onde eu tô, passou assim ó, tava escuro, mais dava pra ver se alguém tivesse passando por aqui dava pra ver né eu num vi nada assim, e como eu num tenho medo dessas coisas pra mim ficou do mesmo jeito né. [...]. (Entrevista realizada com o Senhor Valdemir Nascimento Maranhão em 06 de outubro de 2016).

Valdemir narra os eventos ocorridos com pessoas que dizem ter presenciado situações semelhantes.

Morava um senhor aí apelidado de mineiro e ele contou pro deputado que tava um dia sozinho aí e quando ele ouviu os cachorro brigando e não tinha cachorro aí na propriedade, foi uma briga intensa e ele saiu pra ver e diz que só via o barulho mas não via.... num via nada, nenhum cachorro, isso ele contou pro dono daqui da propriedade. Agora eu nunca vivi nenhuma situação dessa pra dizer assim ó eu vi. [...]. Tem um senhor por nome de Lino, que sempre vem aqui e tem o Vanderley ele estava num lugar ali que nós apelidamos de morro vermelho porque as terras e lotes tudo são grande e lá é...e lá a terra é bem vermelha então a gente pegou e criou esse nome pra esse lugar. Eles tava ali e ouviram um grito, dizendo ele que era muito assombroso uma coisa muito estranha e eles largaram lá o local e vieram pra sede chegou e falaram num dá pra ficar ali não. (risos) é muito... é muito feio. Então eu vejo história assim, mas eu nunca me deparei com a situação dessa. [...] Já ouvi daqui, as coisas que o pessoal conta daqui, que viram, o Joãois mesmo diz que tava ali um dia quando fechou uma porta de aço ali... (Entrevista realizada com o Senhor Valdemir em 06 de outubro de 2016).

O senhor Joãois também conta relatos de visagens ocorridos com outras pessoas na fazenda.

Isturdia teve o Osmar mais o filho dele aqui vieram aqui passou dois dias [...] mas outros tempos uns anos atrás aí eles tavam acampando naquela casinha aí eles foi fazer precisão no mato ali tem uma moitinha de mato [...] ele tava lá, aí quando pensa que não a luz veio vuuu clariou tudo assim e ele saiu da carreira de lá pra cá moço num aperto e aí é assim. Quando é agora ele diz que tava bem aqui e diz que tava truvando diz que vinha um cavaleiro bem dali e virou pra li e eu acho que isso tá mais é na memória. (Entrevista realizada com o Senhor Joãois em 04 de setembro de 2016).

Percebe-se, diante das narrativas, que os narradores não temem essas aparições. Valdemir Maranhão conta: “*eu acredito que a maior parte desses negócio de livusia essas coisas, é medo que faz isso aí, eu num sou medroso pra essas coisas não, [...] aqui tem fama de muita coisa assim estranha né, [...]*”. (Entrevista realizada com o senhor Valdemir Maranhão em 06 de outubro de 2016).

⁴ Barulhos de assombrações e fantasmas, diferente da visagem a livusia não ver somente escuta.

José Reginaldo narra que:

Ah, mentira desse povo. É coisa de, eu vejo só coisa de medroso, tem gente, “ah eu fiquei sabendo que aconteceu isso, ah foi com um cara que tava aqui que aconteceu”. [...] Isso é pra gente medroso [...] pessoa medroso escuta trem ele vê coisa, é tanta coisa que vê, eu num vejo nada. (Entrevista realizada com o Senhor José Reginaldo em 26 de março de 2016).

O fato de os moradores não temerem o que veem de estranho no local, está relacionado ao fato de que, muitas vezes, o medo pode estar na nossa mente e que, quanto menos pensamentos tivermos, menos medo sentimos de um lugar. (TUAN, 2005). “A imaginação aumenta imensuravelmente os tipos e a intensidade de medo no mundo dos homens. Assim, nossas mentes férteis são uma abençoada mistura” (TUAN, 2005, p. 11). Joânis confirma isso ao ter narrado “*eu acho que si você colocar isso na memória um pouco de medo na memória sua, vai acontecer e eu acho que é mais ou menos isso*”.

Segundo Tuan (2005, p. 334), “o medo não é apenas uma circunstância objetiva, mas também uma resposta subjetiva. Uma paisagem de cadafalsos e forças é objetivamente uma paisagem do medo”. Parafraseando Tuan (2005), as diferentes manifestações das forças e a construção humana permanecem para conter-se o medo.

As narrativas de livusias e visagens na Chapada dos Negros estão relacionadas aos fantasmas, “os fantasmas são pessoas mortas que, em algum sentido, ainda estão vivas. Eles podem ser reconhecidos somente pelos seus efeitos, como uma porta que range”. (TUAN, 2005, p. 179). Para o autor, os fantasmas fazem rumores de movimentos de pássaros e de outros animais. Percebemos isso quando Valdemir Maranhão narra os barulhos de uma briga de cachorros “*ele ouviu os cachorro brigando e não tinha cachorro aí na propriedade, foi uma briga intensa e ele saiu pra ver e diz que só via o barulho mas não via.... num via nada, nenhum cachorro*”.

Para Tuan (2005), os fantasmas ainda podem ter formas e expressões humanas reconhecíveis, mas necessitam da materialidade inteira de um ser humano vivo, “*quando é agora ele diz que tava bem aqui e diz que tava truvando diz que vinha um cavaleiro bem dali e virou pra li*”, podem aparecer como remoinhos, focos de incêndio ou objetos escuros indefinidos, “*aí quando pensa que não a luz veio vuuuuu clariou tudo assim e ele saiu da carreira de lá pra cá moço num aperto e aí é assim*”.

Joânis ainda narra sobre o que as pessoas dizem para ele diante dessas assombrações na fazenda sede:

Aí ele falou assim, rapaiz e como é que tu fica aqui sózim, eu digo é ruim, eu fico aqui sózim quando o sol vai se pondo é hora mais ruim. Depois da meia noite depois de tantas horas a gente acostuma com o horário da noite, mais quando vai truvando, é cuma assim, quando o dia vai se dispondando que ocê ver clarear na brécha da da casa assim, que ocê acorda cê diz ôpa aí cê escuta passarim cantar aí ocê diz ah vai nascendo o dia, tudo nascendo é alegria, aí quando o sol vai se pondo é tipo assim terminando alguma coisa morrendo alguma coisa, é uma impressão, se ocê tiver só, se ocê tiver só fica pior, mais num é medo de de visagem não, eu tenho medo de passar mal sózim. (Entrevista realizada com o Senhor Joãois em 04 de setembro de 2016).

Essas narrativas dos moradores atravessam nas interpretações ao mesmo tempo em que estabelecem conjuntos de valores morais que são formas de conhecimentos da sua história e do mundo.

Outras narrativas em torno às serras que circundam a região da Chapada dos Negros que os moradores relatam, estão associadas ao dogma e religiosidade, e se interligam também à história do município, é a narrativa da aparição e fuga da santa, a Nossa Senhora dos Remédios.

Quem narra é Dona Cheiro:

Bom, eu já vi a história, só que eu não sei se a história tá do jeito que se é verdade... Eu já vi falar que a santa era dos negros. Agora eu num sei se eles trouxeram ela pra aí e se ela apareceu aí. Eu sei é que eles trazia quando eles mudaram pra cá eles traziam ela e ela num ficava, e aí trazia e ela num ficava...ela foi até marrada no pau pra ver se ficava mas num ficou só veio ficar depois que mandou fazer a capela dela. Porque lá já tinha a capela dela né tá lá. [...] Aí a santa quando eles fizeram a capelinha dela ela ficou aí a santa é Nossa Senhora dos Remédios fizeram a igreja aí e aí ela ficou. [...] As águas de lá de cima foi acabando ficando pouquinho eles mudaram o garimpo pra aqui e trazia ela, mas trazia ela hoje e amanhã ela manhecia lá eles marraram ela até no pau aqui, aí só parou depois que fez a capela aqui que ela parou. (Entrevista oral realizada com Dona Cheiro em 07 de outubro de 2016).

Percebe-se que a narrativa da Dona Cheiro mostra que a santa foi encontrada na Chapada dos Negros na época do antigo garimpo pelos escravos, que com a escassez da água no local, mudaram o garimpo para onde hoje se fundou a cidade. Porém, a santa não permanecia em sua nova morada, ela fugia para o seu local de origem, a Chapada dos Negros, “eles mudaram pra cá eles traziam ela e ela num ficava, e aí trazia e ela num ficava...ela foi até marrada no pau pra ver se ficava mas num ficou só veio ficar depois que mandou fazer a capela dela”.

A recusa da santa em não permanecer no local diferente de sua origem pode ser entendida pelo fato de aquele lugar não proporcionar abrigo, aconchego e pertencimento, ou seja, não existir nesse novo local a sua morada, pois, depois de feita a sua capela, acabou-se a fuga.

Observamos outra narrativa do aparecimento e fuga da santa na versão de Francisco Carvalho Souza. Ele narra que a santa foi encontrada por uma escrava:

De Nossa Senhora eu ouvi falar que...por isso deram o nome nossa senhora aqui porque foi encontrada uma imagem lá... e se eu não me engano foi por escravo que encontrou essa imagem, nossa senhora de escravos, não foi nem um homem foi uma mulher que encontrou essa imagem de Nossa Senhora. [...] trazia botava cá quando voltava ela aparecia no mesmo lugar num sei se é lenda ou se é verdade, mas existe a história sim. (Entrevista oral realizada com o Senhor Francisco Carvalho Souza em 07 de outubro de 2016).

Diran Batista Cordeiro Moura narra a história da santa da forma que os mais velhos contavam:

A história que eu sei sobre a imagem de Nossa Senhora dos Remédios é que realmente ela foi encontrada na Chapada dos Negros. De lá como era muito acidentado o lugar, trouxeram essa imagem aqui pra esse local onde hoje está a igreja e onde hoje foi construída a cidade né. Mais ela não permaneceu, puseram aí, quando vieram à tarde no outro dia cedo ela não estava no lugar. Aí foram procurar encontraram a imagem lá na Chapada dos Negros onde ela tinha sido encontrada. Novamente trouxeram e a mesma o mesmo fato aconteceu por mais duas vezes. Então eles resolveram construir uma igreja e dar o nome de Nossa Senhora dos Remédios. (Entrevista oral realizada com Dona Diran Batista Cordeiro Moura em 26 de novembro de 2016).

Diran ainda narra o motivo pelo qual puseram o nome da santa encontrada de Nossa Senhora dos Remédios:

Porque naquela época tudo o que vinha de comércio, medicamento, gêneros alimentícios, roupas, calçados, tudo vinha da Bahia mais precisamente de Barreiras que era cidade mais próxima do estado de Goiás na época. E então, ela...assim, trouxeram alguns medicamentos também e era com esses medicamentos que as pessoas medicavam os casos de doença da cidade das pessoas que aqui se encontravam, na chapada ainda né. E como a imagem apareceu e eles não sabiam o nome da santa, então eles falaram “olha vamos chamá-la de Nossa Senhora dos Remédios porque é com ela que nós vamos nos apegar pra que os remédios seja realmente bons que façam efeitos curativos pras nossas doenças, doenças do nosso povo”. E assim foi construído a igreja e o nome da santa passou a ser Nossa Senhora dos Remédios, e a igreja também leva o seu nome, Igreja Matriz Nossa Senhora dos Remédios. Isto é uma história que eu ouço e já ouvi de alguns antepassados. (Entrevista oral realizada com Dona Diran Batista Cordeiro Moura em 26 de novembro de 2016).

Na busca de significado para esse evento, percebe-se que a narradora relata a escolha do nome da santa devido ao fato de se apegarem a ela pela bênção dos remédios e de medicamentos que chegavam “olha vamos chamá-la de Nossa Senhora dos Remédios porque é com ela que nós vamos nos apegar pra que os remédios seja realmente bons que façam efeitos curativos pras nossas doenças, doenças do nosso povo”. A narrativa de Dona Diran

mostra que a construção da igreja fez com que a santa finalizasse as fugas, “*então eles resolveram construir uma igreja e dar o nome de Nossa Senhora dos Remédios*”.

De acordo com Lima (2003), as narrativas em torno do aparecimento e fuga de santos são acontecimentos extraordinários que significam também proteção divina, é um fato que insere o maravilhoso no registro das experiências fatuais dessa história.

Para Galvão (1976, p. 31), “os santos podem ser considerados como divindades que protegem o indivíduo e a comunidade contra os males e infortúnios”. Dessa forma, o aparecimento da santa na Chapada dos Negros o apego das pessoas por ela, significam um amparo milagroso que amenizava os problemas e as enfermidades da época.

A narração de sinais que se inserem no ambiente do ouro na Chapada dos Negros também apresenta acontecimentos relatados nas narrativas dos moradores sobre figuras celestes, o lobisomem.

Em Arraias viveu um homem de nome Elesbão. As narrativas em torno de Elesbão estão associadas às histórias de lobisomem que povoam o imaginário da Chapada dos Negros. Conta-se que Elesbão era um homem que andava sempre maltrapilho, acreditava-se que ele virava lobisomem e que se escondia na Chapada dos Negros para praticar o seu ritual, pois muitos escutavam os seus urros.

O senhor José de Moraes narra que: “*diz que ele virava lobisomem né, tinha esse papo aí né, toda quaresma. Eu acho que os pais pra não deixar a gente ficar na rua, eles falava ó o Elesbão é vem aí ó, o lobisomem.*” (Entrevista oral realizada com o Senhor José de Moraes em 19 de julho de 2016). O morador José Reginaldo complementa que: “*Elesbão era um negro né daqui de Arraias negro velho que também tinha a descendência forte de escravo e o local dele esconder era na Chapada dos Negros*”. (Entrevista oral realizada com o Senhor José Reginaldo em 26 de março de 2016).

Percebe-se que as histórias de lobisomem em torno à Chapada dos Negros são adquiridas de singularidade local e ocorreram de formas diferentes das histórias de outras regiões do ciclo de ouro. Para Lima (2003), a figura do lobisomem em Goiás está relacionada às condições de maus tratos e desumanidades em que os negros viviam. Após a morte dos senhores, tinha o reverso de suas almas que se transformavam em lobisomens, seres demoníacos e assombrações, como se fosse uma espécie de condenação pelo que fizeram com os negros escravizados.

Os moradores de Arraias narram sobre o lobisomem na Chapada dos Negros por meio de Elesbão, um homem negro que há muitos anos viveu na cidade, que com sua crença de

virar lobisomem amedrontava as pessoas, pois, muitos tinham medo de Elesbão realmente virar um lobisomem.

As narrativas estão associadas ao tempo da quaresma onde também forma o tempo das histórias de lobisomem, pois, “nas horas mortas, à meia-noite, antes de o galo cantar são os momentos propícios da extraordinária conversão”. (LIMA, 2003, p. 192). Nesse sentido, parafraseando Lima (2003), o tempo da quaresma marca essas transformações: nas noites de lua cheia, essas figuras percorrem os espaços da cidade e dos matos provocando temores aos moradores.

Elesbão amedrontava os moradores pelo fato de viver sempre maltrapilho, além de virar lobisomem. Observamos a narrativa do morador José Reginaldo, “*eu ficava com medo, o pessoal falava assim, não lá é negócio de escravo, de nativo avemaria vem embora dali era Elesbão que mora lá!*”. (Entrevista oral realizada com o Senhor José Reginaldo em 26 de março de 2016).

Nessa perspectiva, percebe-se que o medo referente à Chapada dos Negros está relacionado à forma como as pessoas mais velhas contavam para os mais novos as histórias que existiam no lugar. O fato de “*eu acho que os pais pra não deixar a gente ficar na rua, eles falava ó o Elesbão é vem aí ó, o lobisomem,*” é uma forma que, para Tuan (2005), consiste de colocar medo nas crianças, o que sempre foi um método comum para discipliná-las.

Alguns dos eventos simbólicos e significativos na Chapada dos Negros também estão presentes em livros. Cordeiro (1989) registra em seus escritos sobre Arraias os sonhos que antigamente existiam referentes à Chapada dos Negros e que a figura do Elesbão participava em alguns sonhos das pessoas:

Certa vez, um nordestino que nunca ouvira falar de Arraias, sonhou com muito ouro na Chapada dos Negros. Veio em procura da cidade, não acertando com o local, chegou a Natividade, [...]. De lá, indicaram-lhe o caminho e, ao chegar, por coincidência, encontrou-se com Elesbão, único morador dos velhos escombros da rica Chapada, que lhe havia aparecido em sonhos. Elesbão levou-o ao lugar descrito, oferecendo-lhe seu trabalho braçal, confiante na promessa de participação no lucro. Ao ver, porém, os sinais do tesouro enterrado, o sagaz nordestino pediu ao companheiro para ir à cidade, que não ficava longe, para trazer-lhe suprimentos alimentares. Enquanto Elesbão cumpria fielmente a missão que lhe foi confiada, o esperto companheiro encheu-se de ouro e sumiu. (CORDEIRO, 1989, p. 21).

A autora registra outro sonho referente à Chapada dos Negros, este sem a presença de Elesbão:

[...] D. Lina, esposa de Mestre Aniceto, que ensinou música e regeu a Filarmônica OITO DE SETEMBRO, em Arraias, teve um sonho. O casal morava, nesse tempo, em Anápolis. D. Lina, quando acordou, chamou o Mestre Aniceto e contou-lhe o ocorrido. O mestre não mais conciliou o sono e, bem cedo, conseguiu de seu genro um caminhão e no qual se foi com a esposa, e arrancharam-se na Chapada dos Negros. Convidaram, então, o seu velho amigo Mamédio, que residia na cidade de Arraias, de onde era filho, pertencente a família, conhecida como honesta e trabalhadora. E do mesmo modo que o nordestino fez a Elesbão, fizeram ao companheiro amigo, que ao voltar da cidade, com os víveres para refazer a cozinha, já o caminhão sumia na curva do caminho para o Sul, com o casal. Ele só encontrou no lugar a marca do garrafão de ouro em pó, do sonho contado por D. Lina. [...]. (CORDEIRO, 1989, p. 21).

Os sonhos também foram meios de atrair pessoas de outras localidades pela procura do tesouro, pessoas que não conheciam aquela região, mas que vinham em direção ao lugar desse ouro que lhe apareceu em sonhos. A presença do Elesbão no sonho do nordestino indicando o local onde o ouro estava enterrado está associada ao fato de ele ser um morador daquele lugar e, portanto conhecia o local e saberia guiá-lo até os veios auríferos.

Podemos perceber que os sonhos também são relacionados à temática do ouro depositado no interior da terra seguida da avareza atribuída pelos ricos que foram enriquecidos às custas do trabalho escravo. Para Lima (2003), esses sonhos são fenômenos que falam da história local e constroem moralidades.

Outro acontecimento no sítio imaginário do ouro da Chapada dos Negros se encontra também nos registros de Cordeiro (1989), a autora aborda que:

Contam que, na grande Chapada, havia pepitas de ouro como raízes de mandioca, cultivada em terra apropriada, com a dimensão de até seis centímetros de comprimento, amontoadas umas sobre as outras que, não raras vezes, foi preciso cortar algumas a machado, para poder-se extrair outras. De certa feita, encontraram uma a que deram o nome de MOLEQUE, pois tinha a forma de uma criança. Era tão pesada que escadeirou um burro para ser conduzida dali à fazenda do dono da cata. O caminho era montanhoso. (CORDEIRO, 1989, p. 08).

Joaquim Ribeiro dos Santos narra este acontecimento:

Agora eu num vi, o povo comenta que lá tiraram esse moleque de ouro diz que foi um moleque diz que era um moleque de ouro desse tamanho mas eu num credito, num vi. [...]. Porque essa pedra de ouro da serra pelada essa todo mundo viu i ela era pequeninha assim 60 quilo (risos) agora essa aqui num vejo falar no peso... só ver a história, [...]. (Entrevista oral realizada com o Senhor Joaquim Ribeiro dos Santos em 20 de julho de 2016).

Rosimeire da Cruz conta uma narrativa que a sua mãe já falecida contava para ela sobre o ouro em Arraias.

Mãe contava uma história de que aqui era tão rico de ouro tão rico que quando chovia as pessoas saíam né é...quando passava a chuva assim as pessoas saía naquela enchorradinha catando pedrinha de ouro sabe, que diz que as pedrinha de ouro escorria de tanto que tinha aqui em Arraias diz que às vezes as galinhas via aqueles trezím brilhando saía saía é...é... pinicando catando o ouro, diz que era ouro de tanto que tinha ouro aqui em Arraias. Nossa! isso aí mãe contava demais e as pessoas mais antigas os mais antigos eles falam que era verdade mesmo que aqui era cidade do ouro mesmo que tinha muito ouro. (Entrevista oral realizada com Rosimeire da Cruz em 27 de novembro de 2016).

Diante da construção do espaço da Chapada dos Negros em lugar, entende-se que a memória constitui de diferentes elementos. Ao contarem sobre os acontecimentos do passado da região transmitidos pela memória coletiva, os narradores traçam outras formas sobre aqueles eventos, enriquecendo-os com novos formatos, pois, “a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado”. (POLLAK, 1992, p. 203). Isto é, o vivido não emerge jamais na sua integralidade, mas mediante recortes a partir do que se mostra como significativo e afetante para o sujeito do presente, onde se produz a memória.

Observa-se que, para Tuan (2013), o espaço se transforma num lugar quando se adquire valor, experiência, assim, os conjuntos de significados atribuídos é que dão sentido a um lugar. Desse modo, à medida que os narradores por meio da experiência narrada transformam o espaço em lugar e produzem sentidos ao narrado, “o narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que o escutam”. (BOSI, 1994, p. 95). Assim, Lima (2003) explica que as narrativas formam lugar de preparação de sentidos de práticas grupais formando valores e moralidades. As pessoas produzem as explicações do mundo no qual elas vivem.

Quando os moradores narram sobre suas lembranças do passado pelas narrativas dos acontecimentos do lugar, ao mesmo tempo recordam eventos que marcaram de alguma maneira as suas vidas. Eles contribuem para a preservação desse passado, para que essas lembranças não se apaguem.

Para Anderson (2008), a preservação dessa memória é também uma forma de resistência ao esquecimento. Mantê-las vivas é uma forma de demonstrar sentimento, pertencimento dos moradores com o lugar e de construir o próprio lugar. A lembrança e a relação com o passado significam laços de identidades culturais dos moradores.

Com a ocupação do espaço em torno às atividades do garimpo, surgia o pequeno povoado na Chapada dos Negros, iniciados pela busca incessante de ouro e dos sinais auríferos, construindo o que Lima (2003) chama de um lugar impregnado de eventos alegóricos e admiráveis. Já que para Tuan (2013) o lugar é definido de diversas maneiras e em escalas diferentes, entende-se que o lugar constituído naquele tempo, era o lugar do ouro.

Hoje, o espaço que antes era de escravidão, deu lugar a narrativas e significados arrodados de valores morais conduzidos pela memória daqueles acontecimentos por intermédio das narrativas de seus descendentes.

Os significados estão entrelaçados ao lugar e à memória de um tempo designado pelo sofrimento “desumano” e das lembranças de inferioridade dos antepassados.

Francisco Carvalho Souza narra em seu imaginário com um semblante triste, o sofrimento “desumano” de seus antepassados e os remorsos que sente ao frequentar o local:

O sofrimento pra trabalhar, o trabalho escravo, eu tenho um remorso muito grande, toda vez que eu vou lá eu sinto, lembro mesmo da escravidão porque realmente é penoso fica triste, oh só quem não tem coração que não sente. [...] A gente vai tranquilo sem carregar nada, chega lá em cima cansado morto de cansado! Quero saber quem tá lá em cima trabaçando carregando é...sacos de terra que eles carregava o cascalho era em sacos né que a gente sabe a história carregava em sacos no ombro né e morrendo de apanhar ainda. [...] Então o que eu sinto dali é remorso mesmo, sofrimento que eles passavam. Chega me arripêia [...] o sofrimento que esses povo nosso passaram sem ganhar... em troca de nada que as vês nem alimentar direito num alimentava. Que a gente sabe nunca existiu coisa pior que a escravidão, escravidão pra mim foi a pior muito desumano, pior do que tudo, ditadura...de tudo. (Entrevista oral realizada com o Senhor Francisco Carvalho de Souza em 07 de outubro de 2016).

Este aspecto significativo da memória de Francisco mostra que “em face dessa lembrança traumatizante, o silêncio parece se impor [...]. E algumas vítimas, que compartilham essa mesma lembrança ‘comprometedora’, preferem, elas também, guardar silêncio”. (POLLAK, 1989, p. 04). O tempo marcado pelo sofrimento “desumano” como trata a narrativa de Francisco Carvalho de Souza, pode levar a necessidade de esquecimento do lugar pelos moradores, pois, “do ponto de vista dos negros, talvez os eventos daquele tempo não mereçam mesmo compor suas biografias atuais, já que eles desencadeiam somente as lembranças da condição de subalternidade de seus antepassados escravos”. (LIMA, 2003, p. 127).

Os relatos sobre o imaginário do ouro na Chapada dos Negros são elementos da identidade afro-brasileira que trazem uma riqueza cosmológica nas narrativas dos moradores. As narrativas de Rosimeire Cruz sobre uma tocha de fogo na serra representam para Eliade (1969) uma abordagem simbólica que, divulgados por determinados tipos de cultura, circularam no mundo por meio de criações culturais elaboradas por certas sociedades humanas e compreendidas por povos que às outras sociedades não teriam conhecido de outra maneira. Elas remetem todo o imaginário do mundo e dos existentes, tanto em outras culturas como nas terras subterrâneas.

Os acontecimentos significativos na Chapada dos Negros refletem e penetram na cultura dos moradores. A história da aparição e da fuga de Nossa Senhora dos Remédios, a padroeira do município, envolve uma intensa religiosidade que também faz parte das festas tradicionais em Arraias. Os festejos de Nossa Senhora dos Remédios na cidade inicia-se com o novenário em 30 de agosto e encerra no dia 09 de setembro, com a missa dos romeiros.

Parte da construção cultural se territorializa nos festejos e a partir das memórias mantidas vivas pelas histórias e a oralidade do povo. No dia 08 de setembro é celebrada a missa da padroeira em frente à Igreja Matriz Nossa Senhora dos Remédios, pois a multidão é grande de romeiros, turistas e peregrinos vindos de cidades das regiões do sudeste do Tocantins e nordeste de Goiás, o que faz com que a missa seja celebrada do lado de fora da igreja com barracas tapando o sol. No decorrer do festejo ocorrem novenas, procissões, leilões, desfile de vaqueiros, folias e outros.

Os festejos de Nossa Senhora dos Remédios consiste em um evento religioso e maravilhoso para os arraianos. A romaria é considerada a segunda maior do Estado. “São conceitos [...] observados e devem ser encarados como parte da religião do povo porque exprimem atitudes e relações como sobrenatural”. (GALVÃO, 1976, p. 68). Este cenário faz com que a cidade tenha um significado particular e indissociável de sua identidade.

De acordo com Lima (2003), as narrativas em torno do enterro de ouro sejam por forma da natureza indicando os veios auríferos, ou pelo enterro arrodado de cobiça dos costumes antigos. De qualquer maneira, esse ouro enterrado era amaldiçoado causando até a morte daqueles que desejam possuí-lo de forma avarenta, trazem sentidos ligados à riqueza e ao sofrimento, pois a riqueza de uns ocasionava o sofrimento de outros. Em Arraias, durante algum tempo, predominou em algumas pessoas o hábito em escavar o fundo da igreja a fim de encontrar os ouros enterrados no local, constituído de crenças católicas, como consta nas narrativas de Dona Cheiro.

Na Chapada dos Negros estão evidentes narrativas de espaços sagrados, o enterro de ouro entrelaçados ao catolicismo, criaturas celestiais, visagens, livusias e aparição e fuga de santa que organizam os espaços e constituem o lugar. Concordando com Lima (2003), a busca e a exploração do ouro são cheia de referências ao sobrenatural, o enterro do ouro seja feito pelas pessoas ou pela natureza acompanhada de maldição para quem extraí-lo de forma avarenta.

Esse conjunto de narrativas sobre o imaginário do ouro vem ao encontro de memórias do povo negro. Lima (2003) salienta que, em outras localidades, existem histórias de povoados fundados no século XVIII em Goiás, muito semelhante a Arraias. “A documentação

histórica de Goiás registra que, entre outras, a cidade de Pilar surgiu como arraial no século XVIII em decorrência da fuga de escravos de Vila Boa, hoje cidade de Goiás.”. (LIMA, 2003, p. 60). Estes povoados também trazem narrativas de enterro de ouro, aparição de santa, histórias de lobisomem, mãe do ouro. Esses acontecimentos ocorridos na fundação desses povoados são recorrentes da história de suas regiões, e prevalece nas narrativas dos habitantes.

Concordando com Khoury (2001), as narrativas revelam que a experiência permeia-se de imagens, memórias e sentimentos. São expressões de práticas sociais por meio das quais os sujeitos se constituem historicamente. Experiências narradas e recordadas ocorrem de múltiplas temporalidades que se misturam, intervindo em seu emocional e em suas práticas diárias.

Os narradores de Arraias atribuem significados à vida presente, mediados por perspectivas passadas e futuras. As narrativas orais revelam a preservação de um modo de vida, valores e relação que dão sentido à sua própria vida. A cidade de Arraias é conhecida como a “cidade das colinas”, pois, o município é cercado por muitas destas figuras montanhosas (Figura 30).

Figura 30: Arraias "Cidade das Colinas"



Foto: GUALBERTO, 2016.

Segundo Apolinário (2007, p. 136) “Arraias é um município do estado do Tocantins composta pela negritude. Esse povo mantém as suas origens, fazendo preservar o legado cultural dos seus antepassados através das manifestações culturais que se apresentam no cotidiano”. Estas manifestações são fundamentais para a preservação e identificação da cultura da população de Arraias. Tais manifestações são transmitidas de geração em geração e passam a pertencer ou a identificar o arraiano.

No centro histórico da cidade (Figura 31), ainda permanecem alguns casarões de estilo colonial português com esteios de madeira, alicerces em pedras, fechaduras grandes, paredes grossas com as iniciais dos nomes de quem as fabricaram, e as ruas estreitas e tortas. Conta-se que a cidade tem o desenvolvimento lento devido ao passado sofrido de seus ancestrais.

Figura 31: Centro histórico de Arraias



Foto: GUALBERTO, 2017

A cidade consiste numa notabilidade e traços da presença africana em seu dia a dia, tais como ruínas, cercas de pedra, casarões antigos, capoeira, sùssia, Roda de São Gonçalo e outros, lembranças e saberes afro-brasileiros presentes na cidade de Arraias.

Existem vestígios que são as marcas que permaneceram do período aurífero e as referências à Chapada dos Negros. O próprio formato da cidade lembra o período aurífero, cercas e muros de pedras, engenhos, os becos que surgiram como passagem para encurtar o caminho que ainda hoje permanece, agora com nomes.

A especificidade das narrativas coletadas em Arraias é o que constrói uma interpretação de eventos locais por meio de seus sinais simbólicos. Os narradores contam sobre a sua cidade e os acontecimentos que formam o passado e constituem o presente de suas gentes. As explicações daquele passado pelos moradores atuais faz com que as pessoas ouvintes atribuam o papel de interpretação dessas narrativas de diferentes formas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa representa um exercício ou um esforço na busca pela compreensão dos significados, temporalidades e memória da Chapada dos Negros por meio de narrativas. O trabalho aprofunda em um lugar representado por uma arqueologia, mas não a física, no sentido de escavar, mas aquela do imaginário que representa a dinâmica de preparar os achados, ordenar as peças onde a paisagem representam as marcas que constituíram o passado e formam o presente dos moradores de Arraias.

Entendemos que as narrativas constituem o espaço da Chapada em lugar. Ao narrarem os acontecimentos do passado da região, os moradores recordam eventos que marcaram, de alguma maneira, as suas vidas. Do mesmo modo, contribuem para a preservação desse passado, para que essas lembranças não sejam silenciadas.

As narrativas do imaginário do ouro na Chapada dos Negros trazem histórias que fazem parte da memória da cidade, que são as experiências da tradição oral, cheias de sentidos que atribuem significados ao lugar, de pertencimento, experiências, de memória em que, por meio de conhecimentos herdados dos mais velhos repassam a conservação desses saberes.

A partir da relação que os moradores adquirem com o lugar por meio de suas narrativas experimentadas, vão fazendo significado em função de suas práticas específicas. A identificação do lugar pelos moradores representa uma das formas importantes de atribuir um sentido e sentimento a esses espaços.

As percepções que os moradores adquirem por meio dos significados diante dos vestígios da memória, históricos e culturais presentes naquele espaço, são objetos adquiridos de experiências, valores e sentidos, importantes para a formação da identidade cultural dos arraianos.

As narrativas orais sobre a Chapada revelam a preservação de um modo de vida, valores e relações que atribuem significados ao presente. Elas refletem um processo de aprendizagem que, por meio da oralidade e ensinamentos dos mais velhos, ocorre a conservação da tradição desses saberes, os quais se constituem em valores culturais evidentes no modo de vida dos arraianos.

Consideramos que as pessoas envelhecem e memórias são esquecidas e apagadas em partes, outras se perdem com o tempo. Mas o esquecimento valoriza as lacunas, fazendo com que não seja somente uma ausência ao recorrer o exercício da memória, mas o esquecimento também é uma forma de encobrir algo. No caso da memória da Chapada dos Negros, as suas

narrativas são um encobrimento, em que se narra também para lembrar ou para legitimar essa memória.

A experiência das visitas à Chapada dos Negros e de ouvir as narrativas em torno deste lugar teve um impacto surpreendente para mim. Ao estar diante das marcas de um antigo garimpo, impossível não se lembrar do relato do senhor Francisco Carvalho sobre o sofrimento dos escravos na serra “*a gente vai tranquilo sem carregar nada, chega lá em cima cansado morto de cansado! Quero saber quem tá lá em cima trabaiando*” [...] *o sofrimento que esses povo nosso passaram sem ganhar... em troco de nada* [...]”. Trilhar na Chapada somente é possível com a companhia de um guia ou de alguém que conheça bem o local, pois há o risco de se perder, além de algumas ruínas possuírem um difícil acesso.

Percebo a resistência dos mais velhos em narrar o passado de sua gente. A dificuldade de lembrar os fatos que um dia foi transmitido pelos mais velhos. Percebo também que as ruínas da Chapada dos Negros são desconhecidas por muitos moradores, assim como os lugares onde os eventos aconteceram são conhecidos por poucos.

A população tem dificuldade em afirmar a sua identidade e ascendência afrobrasileira. Lembro-me dos narrados do senhor Domingos que “*não tinha direito de pegar ouro*”. Este drama de pegar o ouro é o mesmo da dificuldade dos moradores em narrar os eventos. A força da memória por meio da narração enfrenta a luta pela legitimidade da voz no espaço das lutas políticas.

Entendemos também a memória como uma narrativa sensível onde se traz de volta acontecimentos do passado. Uma parte da memória da Chapada dos Negros está desaparecendo e, à medida que suas ruínas estão se degradando, marcas de um passado podem ficar no esquecimento.

Uma forma de preservar essa memória de um total esquecimento são as narrativas do povo que, de alguma maneira, contribuem para a preservação de seu passado e manter essas narrativas escritas também é uma forma de preservação do pretérito de suas gentes. A atuação dessa memória no presente é o que a torna social e cultural no contexto.

Para os arraianos, a Chapada dos Negros constitui parte do início da história da cidade e, de fato, de sua história também. Nesse sentido, ambos entendem o lugar como um patrimônio histórico e cultural que necessita de ser preservado em nível federal por meio do IPHAN. Refletir sobre patrimônio é refletir sobre o tempo e suas passagens. As narrativas memoriais e patrimoniais narram os traços do passado estabelecendo laços entre o presente. As imagens, no caso, as ruínas, são testemunhos imediatos da memória e transportadora de sentidos.

A tentativa de tombamento do lugar por meio das estratégias de defesa territorial nos leva a entender a preocupação dos moradores em legitimar a memória, e a patrimonialização antes que se perca parte dos bens culturais com a ausência de política pública de preservação.

A Chapada dos Negros ocorre o mesmo risco de desaparecer como uma cadeia pública que existia em Arraias feita de pedra pelos escravos. O local preservado pode se transformar em um ponto de atração turística, atrair visitas de pesquisadores e subsidiar outras pesquisas futuras.

Para isso, é fundamental que o lugar receba uma atenção dos arraianos, do poder público e o desenvolvimento de projetos que tratam da conscientização da memória e do patrimônio histórico e cultural da cidade, como a realização de palestras em escolas para conscientização dos jovens. O conhecer e preservar o lugar e a sua história, hoje pode ser mais rico do que o ouro que existiu há tempos e que muitos aventureiros ainda buscam até hoje.

Contudo, para não concluir, considera-se que esta temática envolvendo a memória, a história e as narrativas orais dos moradores sobre a Chapada dos Negros, assim como as discussões do lugar enquanto patrimônio histórico e cultural, ora desenvolvido, não está encerrada. Outras pesquisas darão continuidade ao estudo desta problemática. O diálogo nos provoca a ampliarmos cada vez mais e aprofundar em suas construções.

RELAÇÃO DAS FONTES ORAIS

COSTA, Domingos Bispo da. [setembro, 2016]. Entrevistadora: Rosângila Domingos Gualberto. Arraias, setembro, 2016.

COSTA, Denilson. [setembro, 2016]. Entrevistadora: Rosângila Domingos Gualberto. Arraias, setembro, 2016.

CRUZ, Rosimeire da. [novembro, 2016]. Entrevistadora: Rosângila Domingos Gualberto. Arraias, novembro, 2016.

Joânis. [setembro, 2016]. Entrevistadora: Rosângila Domingos Gualberto. Arraias, setembro, 2016.

MARANHÃO, Valdemir Nascimento. [outubro, 2016]. Entrevistadora: Rosângila Domingos Gualberto. Arraias, outubro, 2016.

MORAES, José de. [julho, 2016]. Entrevistadora: Rosângila Domingos Gualberto. Arraias, julho, 2016.

MOURA, Diran Batista Cordeiro. [novembro, 2016]. Entrevistadora: Rosângila Domingos Gualberto. Arraias, novembro, 2016.

MOURA, José Reginaldo Ferreira de. (Mestre Fumaça). [março, 2016]. Entrevistadora: Rosângila Domingos Gualberto. Arraias, março, 2016.

_____. [setembro, 2016]. Entrevistadora: Rosângila Domingos Gualberto. Arraias, setembro, 2016.

NEGREIROS, Rômulo Macedo Barreto de. (Arqueólogo Superintendência do IPHAN no Tocantins). [junho, 2016]. Entrevistadora: Rosângila Domingos Gualberto. Arraias, junho, 2016.

PONTE, Domingas Santana. [abril, 2017]. Entrevistadora: Rosângila Domingos Gualberto. Arraias, abril, 2017.

SANTOS, Joaquim Ribeiro dos. [julho, 2016]. Entrevistadora: Rosângila Domingos Gualberto. Arraias, julho, 2016.

SOUZA, Laurentina Gonçalves. (Dona Cheiro). [outubro, 2016]. Entrevistadora: Rosângila Domingos Gualberto. Arraias, outubro, 2016.

SOUZA, Francisco Carvalho. [outubro, 2016]. Entrevistadora: Rosângila Domingos Gualberto. Arraias, outubro, 2016.

REFERÊNCIAS

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda. **VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais**. Faculdade de economia, Universidade de Coimbra, Portugal: 2004.

ANDERSON, Benedict R. Memória e esquecimento. In: _____. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

APOLINÁRIO, Juciene Ricarte. **Escravidão negra no Tocantins colonial: vivências escravistas em Arraias (1739-1800)**. 2ª ed. Goiânia: Kelps, 2007.

_____. **Os Akroá e outros povos indígenas nas Fronteiras do Sertão: políticas indígena e indigenista no norte da capitania de Goiás - Século XVIII**. Goiânia: Kelps, 2006.

BÁ, A. Hambaté. A tradição viva. In: UNESCO. **História Geral da África I: metodologia e pré história da África**. Editado por Joseph Ki-Zerbo. 2ª ed. rev. Brasília: 2010.

BARROS, José D'Assunção. Tempo e Narrativa em Paul Ricoeur: considerações sobre o círculo hermenêutico. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**. Rio de Janeiro. Vol.9. 2012. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/PDF28/Artigo_9_Jose_D_Assuncao_Barro.pdf> . Acesso em: Jul. 2017.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos; 20). 51ª reimpr. da 1ª. ed. de 1981.

BRASIL, Seção II Da Cultura. In: _____ **Constituição da República Federativa do Brasil: Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nº 1/92 a 38/2002 e pelas Emendas Constitucionais nº1 a 6/94**. – Brasília: Senado Federal Subsecretaria de Edições Técnicas, 2002.

_____, Presidência da República Casa Civil. **Lei nº 3.924/1961**. Brasília: 1961.

CABRAL, Maryana Petry. **No tempo das pedras moles: arqueologia e simetria na floresta.** Tese (Doutorado)- Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia – UFPA, Belém, 2014. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B47G8zm1QDmCUUhqQzZJQ3ZPazQ/view>>. Acesso em: fev. 2017.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio.** Tradução de Luciano Vieira Machado. 4ª ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

CORDEIRO, Rosolinda Batista de Abreu. **Arraias: suas raízes e sua gente.** Goiânia, 1989.

COSTA, Magda Suely Pereira. **Educação e Cultura de Arraias.** Palmas: Secretaria de Comunicação (SECOM), 2004.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso.** São Paulo: Artes e Letras/Arcadia. 1969.

ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL CHAPADA DOS NEGROS. **Dispõe sobre as formalidades legais da associação.** Arraias, 1997.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Interdisciplinaridade-transdisciplinaridade: Visões culturais e epistemológicas. In: _____ (org.) **O que é interdisciplinaridade.** São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Interdisciplinaridade: um projeto em parceria.** 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil.** 3. ed. Rev. Ampl. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica.** São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

GALVÃO, Eduardo. **Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, baixo Amazonas.** 2. Ed. São Paulo, Ed. Nacional; Brasília, INL, 1976.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOHN, Maria da Glória. Educação-não formal na pedagogia social. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 1, 2006. São Paulo. **Anais eletrônicos**. São Paulo: USP. 2006. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000092006000100034&script=sci_arttext>. Acesso em: set. 2016.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do "Fim dos Territórios" à Multiterritorialidade**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=170240&search=tocantins|arraias>>. Acesso em: set. 2016.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Superintendência em Tocantins. **Vistoria arqueológica ao sítio Chapada dos Negros, no município de Arraias, TO**. Parecer técnico nº 78/14. 2014.

_____. **Patrimônio material**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276/>>. Acesso em: dez. 2016a.

_____. **Patrimônio imaterial**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234/>>. Acesso em: dez. 2016b.

JESUS, Valdirene Gomes dos Santos de. **Justificativa para o tombamento da Chapada dos Negros em Arraias- TO**. 2010.

KARASCH, Mary. Os quilombos do ouro na capitania de Goiás. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. (org.) **Liberdade por um fio: História dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da história social. **Projeto História**, n. 22, São Paulo: EDUC, 2001. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10731/7963>>. Acesso em: nov. 2016.

LANDOWSKI, Eric. O olhar comprometido. **Fórum semiótica da comunicação política. Galáxia**. Tradução de Ana Claudia de Oliveira e Márcia da Vinci de Moraes. 2001.

LEMONS, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção Primeiros Passos).

LIMA, Nei Clara de. **Narrativas orais: uma poética da vida social**. Brasília: Universidade de Brasília, 2003.

LITTLE, Paul E. Espaço, memória e migração: por uma teoria de reterritorialização. **Revista de Pós-graduação em História da UnB**. 1999.

_____. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. **Série Antropologia**. N°. 322. Brasília: Departamento de Antropologia. 2002.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, Clerton. Patrimônio cultural e identidade: significado e sentido do lugar turístico. In: _____ (org.) **Patrimônio cultural: da memória ao sentido do lugar**. São Paulo: Roca, 2006.

MOURA, Silvia Adriane Tavares. **Nas palmas da capoeira: Resistência Cultural pela Chapada dos Negros em Arraias/TO (1984 a 2012)**. 2012. 171 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Departamento de História, Goiânia, 2012.

MORAES, Irislane Pereira de. **Do tempo dos Pretos d'antes aos povos do Aproaga: patrimônio arqueológico e territorialidade quilombola no vale do rio Capim (PA)**. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação em Antropologia – UFPA, Belém, 2012. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dissertacao_Do%20tempo%20dos%20Pretos%20d%C2%B4antes%20aos%20Povos%20do%20Aproaga.pdf>. Acesso em: fev. 2017.

MORAIS, José Luiz de. A arqueologia e o fator geo. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo, 9: 3-22. 1999. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revmae/article/view/109339>>. Acesso em: nov. 2016.

NASCIMENTO; S. A; JESUS, V. G. S. Lagoa da Pedra: Identidade e Processo de escolarização em uma Comunidade Quilombola In: **IV Colóquio de Pesquisa sobre instituições escolares – As instituições escolares da MetrÓpole**. São Paulo, 2008.

NOLASCO, R. Genilson. Introdução: a faces do patrimônio cultural. In: PEDREIRA, Antonia Custódia (org.). **As diferentes faces e interfaces do patrimônio: registros para preservação e memória**. Palmas: Editora UNITINS, 2013.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, vol. 10, dez. 1993, p. 7-28. Disponível em:
<<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>>. Acesso em: dez 2016.

OLIVEIRA, Rosy. **O barulho da terra: nem Kalunga nem camponês**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia- UFRJ, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: < <https://www.odonto.ufg.br/up/133/o/rosy.pdf>>. Acesso em: ago. 2017.

PARENTE, Temis Gomes. **Fundamentos históricos do Estado do Tocantins Colonial**. Goiânia: Ed. da UFG, 2007.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Revista de Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, 1992, p. 200-212. Disponível em:
<http://www.pgedf.ufpr.br/downloads/Artigos%20PS%20Mest%202014/Andre%20Capraro/memoria_e_identidade_social.pdf>. Acesso em: ago. 2016.

_____. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em:
<http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf>. Acesso em: ago. 2017.

PORTELLI, Alessandro. "A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais". **Tempo**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996. Disponível em: < http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-3.pdf >. Acesso em: nov. 2016.

_____. O que faz a história oral ser diferente. Tradução Maria Therezinha Janine Ribeiro. Revisão técnica: Dea Ribeiro Felon. **Projeto História**. São Paulo, 1997. Disponível em: < <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11233/8240>>. Acesso em: nov. 2016.

ROCHA, Leandro Mendes. (Org.). **Atlas histórico: Goiás pré-colonial e colonial**. Goiânia: Ed. Cecab, 2001.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnicas e Tempo, razão e Emoção**. 4. Ed. 5. Reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. (Coleção Milton Santos; 1).

SILVA, Sandra Siqueira da. A patrimonialização da cultura como forma de desenvolvimento: considerações sobre as teorias do desenvolvimento e o patrimônio cultural. **Revista Aurora**. Montes Claros –MG, n 7. 2011. Disponível em:
<<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/aurora/article/view/1248/1115>>. Acesso em: dez. 2016.

TESKE, Wolfgang. **Chapada dos Negros, Arraias – TO. Encantos, lembranças e ameaças.** 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sYK-BSqb_fE>. Acesso em: ago. 2016.

_____. **A Roda de São Gonçalo na Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra em Arraias (TO):** um estudo de caso de processo folkcomunicacional. Palmas: 2. Ed., Editora Kelps, 2009.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** história oral. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

_____. **Paisagens do medo.** Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: UNESP, 2005.

WAWZYNIAK, João Valentin. “Engerar”: uma categoria cosmológica sobre pessoa, saúde e corpo. **Ilha.** Florianópolis, v.5, n.2, dezembro 2003, p. 33-55. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/15357/15348>>. Acesso em: fev. 2017.

ANEXOS

ANEXO A – Termo de Concessão de Direitos. 2016.

Eu, _____ pelo presente documento _____ (nome)

 (nacionalidade)_____, (estado civil)_____,
 (profissão)_____, (carteira de identidade nº) _____, emitida
 por _____, CPF nº _____, residente e domiciliado (a) em
 _____, declaro para os devidos fins e
 transiro neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo (à) [UNIVERSIDADE
 FEDERAL DO TOCANTINS] os direitos da minha entrevista, realizada no dia (ou entre os
 dias)_____, na cidade de _____, perante o (a)
 pesquisador (a) _____. Tenho consciência que
 eu como proprietário originário da entrevista de que trata este termo, tenho, indefinidamente,
 o direito ao exercício dos direitos morais sobre a minha entrevista, de sorte que sempre terei
 meu nome citado por ocasião de qualquer utilização.
 Fica, pois (a) [UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS] plenamente autorizada a
 utilizar minha entrevista, no todo ou em parte, editada ou integral, inclusive cedendo a
 terceiros, no Brasil e/ou no exterior. Sendo esta forma legítima e eficaz, que representa
 legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual
 teor e para um só efeito.

 Nome legível do entrevistado

CPF: _____

 Nome legível do entrevistador

CPF: _____

_____, _____
 Local

Data

ANEXO B – *Jornal do Tocantins*. Resistência Cultural à Chapada dos Negros. (S/D).

Resistência cultural na Chapada dos Negros

ROSALVO LEORRU
ENXARGES ESPECIAL E ARAIAS

Um dos locais de maior importância histórica e cultural do Tocantins começa a chamar a atenção de pesquisadores e moradores de Arraias para a criação de projetos visando sua preservação

“Capoeira, manha de preto velho/ Nascida no tempo da escravidão;/ Capoeira levou raça negra/ Ao caminho da sua libertação.” A som destes versos entoados por Mestre Fumaça os garotos Aranha, Zumbi, Bela-Flor, Piloto, Peberha, Ferrugem e a garota Amazona executam os ritmados movimentos da capoeira regional sobre as ruínas de uma antiga senzala. Eles são integrantes da Associação Cultural Chapada dos Negros e lutam pelo tombamento e pelo resgate do local, palco do garimpo de ouro que por volta de 1731 deu início à saga da existência de Arraias no Sudeste tocan-tinense.

A luta pela preservação da Chapada dos Negros, um dos locais de maior importância histórica e cultural do Tocantins, é como a capoeira, um ato de resistência. É a dança dos jovens capoeiristas e de seu mestre é um símbolo vivo, coreográfico e visual que une os elos do passado com o presente e permite um vislumbre do futuro.

A capoeira é uma arte marcial desenvolvida pelos negros que fugiam da escravidão para que se pudesse enfrentar os capangas de mato que tentavam capturá-los. O mesmo acontece com a Chapada dos Negros. Um local de valor histórico e inestimável está quase no fim em razão do descaso das autoridades, da falta de consciência histórica dos arraianos e da sanha de curiosos e depredadores.

BURACO
Ainda existem no local o portão de entrada onde ficava o feitor ou capataz - que vigiava os escravos -, ruínas de uma igreja, alcoerces do cemitério, escombros de habitações, rede de captação de água, ruínas de uma senzala - conjunto de alojamentos que se destinava aos escravos - e o famoso buraco do Testa. Ali o lucro

era certo devido à alta produtividade e para nele se entrar era preciso raspar a terra. Há versões que dizem que Testa seria também o proprietário do buraco que tirava os outros às escondidas. Contudo, se não forem adotadas providências urgentes, não restará pedra sobre pedra. Os novos capangas do mato são curiosos, aventureiros em busca de mato novo e pessoas que por qualquer razão dependam o local e arrancam pedras dos monumentos. Um exemplo disso é uma espécie de moirão onde se amarrava os escravos para serem chicoteados e que não existe mais no local.

A Chapada dos Negros corre o mesmo risco de desaparecer como a igreja de Senhora do Rosário e a cadeia colonial que existiam na cidade. Preservado, o local pode se tornar um dos mais importantes de visitas de estudiosos brasileiros e estrangeiros, centro de simpósios e ponto de atração turística internacional como uma espécie de parque temático e ecológico que pode atrair dividas para a região. Todavia, é preciso que a Chapada seja descoberta pela mídia, receba uma atenção dos arraianos através de campanhas de esclarecimento e educativas e seja tombada pelo patrimônio histórico e artístico nacional.

PROJETOS
Contudo, nem tudo está perdido. Apesar da maioria dos arraianos ver a vida à Chapada dos Negros como uma espécie de curiosidade jornalística, já surge interesse de professores em trazer o assunto para as escolas, os capoeiristas sorriam com a possibilidade de se tornar guias turísticos para levar visitantes ao local e o campus da Unifins na cidade trabalha um projeto acadêmico de estudos dos monumentos e busca parcerias locais, nacional e internacional para o seu resgate histórico. Este é um filio mais rico do que as arribas de ouro e que muitos ainda sorriam encontrar nos escombros porque é o tesouro do conhecimento. Mas para isso é preciso resistir como os seguidores de Mestre Bimba, o criador da capoeira regional, e cantar com os capoeiristas: “Eu vou dizer a vocês/ Do fundo do meu coração/ Essa dança, essa luta brasileira/ Faz o povo vibrar de emoção.”

patrimônio
Nome: Chapada dos Negros
Fundação: 1731
Localização: 5 km de Arraias (4 km de carro e 2 km a pé)
Distância de Palmas: 406 km

São vários os rios de captação de água

Jornal do Tocantins



Ruínas da casa principal da Chapada



Os escombros de habitações são testemunhas da história tocan-tinense



Para chegar ao local é preciso enfrentar 2 km de caminhada



Vista de Arraias, uma das cidades mais antigas do Tocantins



ANEXO C – Jornal *História*. Ato público em Arraias quer políticas de preservação do patrimônio histórico. 2010.

História

Ato público em Arraias quer políticas de preservação do patrimônio histórico



Manifestação na Praça da Matriz

Aconteceu no dia 19 de novembro na Praça Central de Arraias, ato público de lançamento de "abaixo assinado" em prol da constituição do

Projeto de Lei de Iniciativa Popular, que objetiva transformar a Chapada dos Negros, localizada no município em uma Unidade de Preservação.



Manifestantes querem valorização da história

O ato foi promovido pela Universidade Federal do Tocantins/UFJ, Escolas Estaduais e comunidade em geral. A história de Arraias começou no Ciclo do Ouro. Em meados do século XVIII, uma missão jesuíta se instalou próxima ao local onde hoje é a cidade, formando um aldeamento com o nome de Boqueirão dos Tapuios. Os primeiros negros, vindos de quilombos destruídos, começaram a chegar à região, ocupando o local conhecido como Chapada dos Negros entre 1731 e 1740. A partir daí estava fundado o Arraial da Chapada dos Negros que hoje ainda apresentam suas ruínas de casas, muralhas, galerias de minas, regos de captação de água e trilhas por onde passava o ouro. A Chapada dos Negros é um marco para a constituição da história de Arraias, constituída primeiramente por um núcleo de negros aquilombados.

Suas ruínas ainda resistem a todo processo de depredação e intempéries. Apoiados pela Prefeitura Municipal a comunidade espera que a preservação desse patrimônio sociocultural, paisagístico e ambiental faça parte das prioridades dos governos Estadual e Federal. Para os organizadores do evento as ações em prol da preservação da "Chapada dos Negros" foi acolhido pela sociedade arraiana que se fez presente ao ato público, con-

blicas quanto a necessidade de criação de legislações municipais de proteção do patrimônio histórico e cultural local. No dia 22 de novembro o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, assinou o decreto que abre caminho para a titulação da Comunidade Kalunga do Mimoso, localizada no município de Arraias. O decreto é o instrumento que permite a Inerca iniciar o processo judicial de desapropriação e indenização pelas terras para titulação do território em nome das famílias remanescentes de escravos. O documento com a autorização para a desapropriação de 57.465 hectares, que vai beneficiar 250 famílias na comunidade já foi publicado no Diário Oficial da União.

Carlos Henrique Gagim (PMDB), candidato derrotado à eleição. Ao todo, o PSDB conseguiu juntar pouco mais de R\$ 2 milhões. Entretanto, do total arrecadado pelo financeiro, cerca de R\$ 5,95 milhões foram recebidos após o dia 1º de outubro, ou seja, mais da metade da receita total do candidato venceu depois do dia da votação. Ao contrário do governador, o comitê de Siqueira teve o maior número de suas arrecadações extemporâneas vindas de empresas. Apenas o banco BMG doou 2 milhões. Contudo mais chama a atenção, é que o maior volume monetário, doação veio de uma pessoa física. Segundo a planilha do comitê, o empresário Rossine Aires Guimarães doou, eleição, um montante de R\$ 3 milhões para o comitê financeiro PSDB no dia 15 de outubro. A situação se torna ainda mais interessante quando se constata que este mesmo empresário durante o período de campanha eleitoral doou, no dia 26 de setembro, cerca de R\$ 500 mil para o comitê financeiro PMDB.

PMDB - Ainda segundo as planilhas dispostas no tribunal, o comitê financeiro do PMDB, partido do governador Carlos Gagim, foi a legenda que mais teve arrecadação a eleição deste ano. De acordo com o TSE, o partido do governador arrecadou um total de mais de R\$ 15,9 milhões do período eleitoral. Destes total, chamou a atenção o fato de que o PMDB, após passada data do pleito, conseguiu arrecadas que atingiram pouco mais de R\$ 1 milhão. Para se ter uma ideia, foram levadas em consideração todas as doações recebidas pelo partido depois do dia 3 de outubro. Na maioria dos casos, os donativos feitos ao comitê financeiro do partido de pessoas físicas e de valores considerados baixos, que não superaram a marca dos R\$ 7 mil. Indivíduos comitê do candidato à reeleição também teve doações em pratas e em maior valor, apesar de serem menos frequentes. Entre os valores recebidos de pessoas jurídicas estas chegavam a R\$ 300 mil.

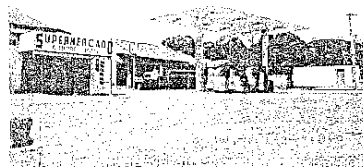


Ruínas da Casa da Pedra

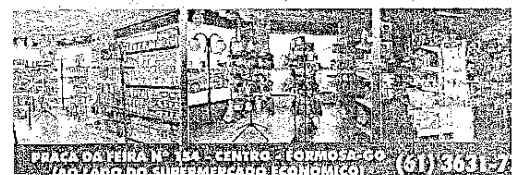
AUTO POSTO NOVO ALEGRE

Sua primeira parada no Tocantins na TO 110

Qualidade e bom atendimento tem endereço!



ELÉTRICA & CIA
MATERIAIS ELÉTRICOS, HIDRÁULICOS E FERRAMENTAS



PRAÇA DA FEIRA Nº 124 - CENTRO - FORMOSA GO. (61) 3631-71



ANEXO D – Parecer Técnico nº 78/14. Superintendência do IPHAN/TO. 2014.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 MINISTÉRIO DA CULTURA
 INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL
 SUPERINTENDÊNCIA DO IPHAN EM TOCANTINS

PARECER TÉCNICO nº 78/14 (DIVITEC – Superintendência do IPHAN/TO)

DATA – 08 de dezembro de 2014

PARA – Cejane Pacini Leal Muniz

Assunto:

Vistoria arqueológica ao sítio Chapada dos Negros, no município de Arraias, TO.

Objetivo:

Descrever o resultado da vistoria realizada no empreendimento em epígrafe.

Informação técnica:

Este Parecer Técnico trata dos aspectos históricos e arqueológicos do sítio Chapada dos Negros com base em algumas informações produzidas até então e no resultado de uma vistoria realizada pelo arqueólogo da Divisão Técnica do Superintendência do IPHAN no Tocantins em 17 de julho de 2014.

Arraias é um município localizado no sudeste do Estado do Tocantins. Ele surgiu em razão da descoberta de minas auríferas no início do século XVIII. Segundo dados históricos, Arraias teria se originado com a fundação de um arraial na Chapada dos Negros, local onde existiria uma rica jazida de ouro cuja exploração exigiu, à época, um grande contingente de mão-de-obra escrava, chegando a mobilizar 10 mil negros, daí a origem do topônimo. A tradição oral, ao contrário, fala que a Chapada dos Negros teria esse nome por abrigar, por um período anterior as descobertas do minério, um quilombo.

Essa falta de consenso se manifesta também em relação a data da descoberta do ouro e o conseqüente surgimento do arraial. Dependendo do autor consultado, o ano varia entre 1731, 1736, 1739 e 1740¹.

Fato não contestado na historiografia foi a vistoria às minas do Goiás realizada pelo governador da Capitania de São Paulo Dom Luís Mascarenhas em 1740. Na altura, o governador veio pessoalmente tomar posse dos ricos veios auríferos de Chapada dos Negros e ordenou a mudança do arraial para outro local, onde hodiernamente se encontra o perímetro urbano de Arraias.

¹ PEDREIRA, Antônia Custódia; SILVA NETO, Antônio Aires; MENESTRINO, Eunice; NOLASCO, Genilson Rosa Severino; PINTO JÚNIOR, José Carlos de Oliveira; ZIMMERMANN, Marcos Aurélio Camara; ARAÚJO, Rosângela Gonçalves de. Arqueologia e Patrimônio – um olhar sobre a história e a cultura dos municípios de Peixe, Arraias, Paranaé e Taguatinga, no Estado do Tocantins. Palmas: Exata Copiadora, 2012.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 MINISTÉRIO DA CULTURA
 INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL
 SUPERINTENDÊNCIA DO IPHAN EM TOCANTINS

Atualmente, na Chapada dos Negros existem ruínas de estruturas que seriam remanescentes da atividade de exploração de ouro no período colonial. Segundo Zanettini² (2012, p. 139)

Na área existem diversas cavas de mineração, com destaque para uma em especial, com cerca de 20 metros de profundidade e aproximadamente 2 km de extensão. Segundo Sr. Valdemar [administrador da fazenda Guanabara onde está localizada a Chapada dos Negros], contam as histórias, que essa cava teria sido escavada ao longo de 155 anos, duração total da exploração de ouro na Chapada. Ainda próximo a essas cavas, existem barragens construídas com as mesmas técnicas de construção dos muros [técnica de encaixe e empilhamento de blocos], chamadas de “fontes de pedra”. Outra construção digna de nota é um cercado em forma de “U”, também de pedras, conhecido como “creche”. Existem ainda várias ruínas de construções, muros, casas, barragens e cavas de garimpo de profundidades diversas por toda a região, que segundo o Sr. Valdemar, há interesse em realizar o tombamento dela devido à forte ligação que esta possui com a formação do município de Arraias.

Na tabela 1 constam as coordenadas UTM de algumas estruturas da Chapada dos Negros registradas em Zanettini (2012).

Tabela 1 – Caracterização de alguns bens patrimoniais em Arraias, Chapada dos Negros. Fonte: Adaptado de Zanettini, 2012, folhas 136 e 137. Datum SAD69.

Coordenada	Descrição
23 L 290492 8572198	Rede de muros construídos durante o período de mineração
23 L 290624 8572171	Rede de muros construídos durante o período de mineração
23 L 291033 8572327	Rede de muros construídos durante o período de mineração
23 L 291254 8572366	Cava de mineração
23 L 291319 8572382	Cava de mineração
23 L 291621 8572237	Construção em pedra, chamada pelos moradores locais de Creche
23 L 291610 8572255	Construção em pedra, chamada pelos moradores locais de Creche
23 L 291613 8572250	Construção em pedra, chamada pelos moradores locais de Creche
23 L 290624 8572178	Estrada dos Bandeirantes, que dá acesso à Chapada dos Negros
23 L 291288 8572393	Construção em pedra, chamada pelos moradores locais de Fonte de Pedra
23 L 291602 8572293	Cava de mineração, chamada de Cava de Teste

² ZANETTINI, Paulo Ednardo. Programa de Resgate Arqueológico. Extração, Infraestrutura Associada e Fabricação de Superfosfato Simples, Itafós Mineração Ltda. Município de Arraias, Estado do Tocantins. Relatório Final – Etapa 1 de Resgate Arqueológico. Julho de 2012.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 MINISTÉRIO DA CULTURA
 INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL
 SUPERINTENDÊNCIA DO IPHAN EM TOCANTINS

Face a reconhecida importância da Chapada dos Negros para a história do município e da região, a sítio foi considerado para um tombamento a nível federal na categoria "Coleções e acervos arqueológicos". O processo de tombamento, aberto em 1989, continua hoje na situação de INSTRUÇÃO (Tab. 2).

Tabela 2 – Dados referentes ao processo de tombamento da Chapada dos Negros.
 Fonte: <http://www.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=4662> acessado em 05/11/2014.

Localização	INFORMAÇÕES SOBRE O BEM				DADOS DO PROCESSO	
	Município	Nome do Bem	Classificação	Situação	Número Processo "T"	Ano da abertura
TO	Arniais	Reserva Arqueológica: Chapada dos Negros	Coleções e acervos arqueológicos	INSTRUÇÃO	1294	1989

Como observou Zanettini (2012), a despeito da sua relevância, a Chapada dos Negros ainda não foi inserida no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos – CNSA/IPHAN.

As terras onde estão as ruínas na Chapada dos Negros teriam pertencido a Igreja Nossa Senhora dos Remédios. Hoje, segundo informações orais, as terras seriam de propriedade de um Deputado Federal cujo nome não conseguimos registrar.

Da vistoria

Tendo por guia o arraiano José Reginaldo Ferreira de Moura, vulgo Mestre Fumaça, visitamos as ruínas da Chapada dos Negros, localizada 3 quilômetros a nordeste da sede do município (Fig. 1). Na ocasião foi possível observar tanto estruturas associadas à atividade de mineração quanto remanescentes de estruturas associadas, aparentemente, à vida doméstica, como moradias, e à vida espiritual, como igrejas e cemitérios.

No tocante às ruínas associadas à mineração, a preservação do complexo de exploração aurífera é notável, sendo possível ao visitante, percorrendo os caminhos construídos à época – como, por exemplo, muros de arrimo erguidos perpendiculares às cavas servindo de "ponte" (Fig. 3) -, refazer o fluxo da cadeia de produção da mina, desde a extração de matéria-prima até o descarte do refugo.

À medida que percorriamos o sítio, nosso guia ia indicando, baseado em interpretações vinculadas à tradição oral, "igreja", "senzalas", "covas", "cemitérios", "cavas", "casa do ouro"³ (fig. 4 a 9). A "casa do ouro" é a mais íntegra das edificações; o esmero dedicado na sua construção, representado pelas espessas paredes de cantaria, - por suas dimensões consideráveis e a compartimentação da planta, seria um indicativo da importância desse imóvel no complexo mineiro. Na tabela 3 apresentamos as

³ As interpretações do que teriam sido as ruínas variam de acordo com o informante. Por exemplo, a cava que segundo Zanettini (2012) é chamada pelos moradores locais de "cava de teste" foi denominada pelo Mestre Fumaça como sendo "buraco do testa". Na interpretação deste, ao saírem das cavas os escravos batiam constantemente a testa numa pedra, dando origem ao nome.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 MINISTÉRIO DA CULTURA
 INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL
 SUPERINTENDÊNCIA DO IPHAN EM TOCANTINS

coordenadas UTM de algumas dessas estruturas nomeadas de acordo com as interpretações descritas pelo Mestre Fumaça.

Tabela 3 – Coordenadas UTM de algumas estruturas observadas durante a vistoria. Aparelho utilizado: GPSMAP 62sc GARMIM. Precisão: 3 metros. Zona: 23 L, Datum: WGS84.

Descrição	E	N	Z
Casa do Ouro	290821,952	8572543,252	851,946
Cava	291186,093	8572344,054	879,643
Buraco do Testa	291560,921	8572253,257	913,949
Cova	291239,663	8573262,394	865,168
Cova	291253,403	8573268,361	865,712
Cemitério	291251,246	8573266,574	864,454
Estrada antiga	291278,576	8573269,767	867,324
Senzala 1	291291,996	8573275,068	866,487
Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos	291384,320	8573223,645	879,271
Senzala 2	291398,499	8573127,598	884,914

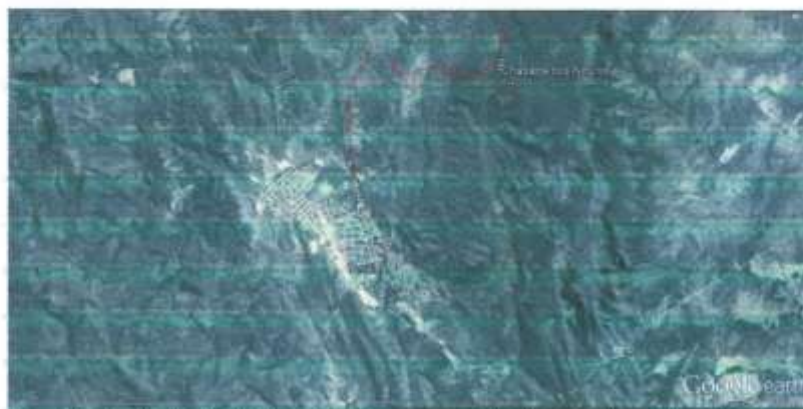


Figura 1 – Localização da Clupada dos Negros em relação a Armaias, com indicação do melhor acesso (linha vermelha). Fonte: Adaptado do Google Earth.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 MINISTÉRIO DA CULTURA
 INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL
 SUPERINTENDÊNCIA DO IPHAN EM TOCANTINS

coordenadas UTM de algumas dessas estruturas nomeadas de acordo com as interpretações descritas pelo Mestre Fumaça.

Tabela 3 – Coordenadas UTM de algumas estruturas observadas durante a vistoria. Aparelho utilizado: GPSMAP 62sc GARMIM. Precisão: 3 metros. Zona: 23 L, Datum: WGS84.

Descrição	E	N	Z
Casa do Ouro	290821,952	8572543,252	851,946
Cava	291186,093	8572344,054	879,643
Buraco do Testa	291560,921	8572253,257	913,949
Cova	291239,663	8573262,394	865,168
Cova	291253,403	8573268,361	865,712
Cemitério	291251,246	8573266,574	864,454
Estrada antiga	291278,576	8573269,767	867,324
Senzala 1	291291,996	8573275,068	866,487
Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos	291384,320	8573223,645	879,271
Senzala 2	291398,499	8573127,598	884,914

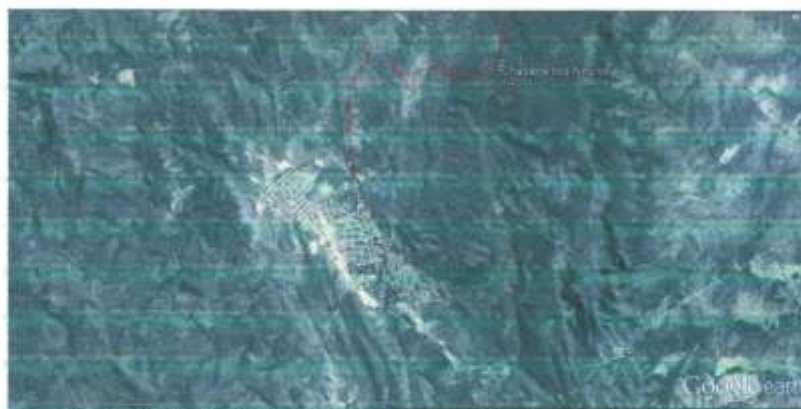


Figura 1 – Localização da Chapada dos Negros em relação a Arraias, com indicação do melhor acesso (linha vermelha). Fonte: Adaptado do Google Earth.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA CULTURA
INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL
SUPERINTENDÊNCIA DO IPHAN EM TOCANTINS



Figura 4 – Ruínas da “Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos”. Fonte: Acervo IPHAN-TO



Figura 5 – Amontoados de pedras interpretados como sendo uma “cova”. Fonte: Acervo IPHAN-TO



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA CULTURA
INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL
SUPERINTENDÊNCIA DO IPHAN EM TOCANTINS



Figura 6 – "Buraco do Testa". Fonte: Acervo IPHAN-TO



Figura 7 – "Buraco do Testa". Fonte: Acervo IPHAN-TO



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA CULTURA
INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL
SUPERINTENDÊNCIA DO IPHAN EM TOCANTINS



Figura 8 – "Casa do Ouro". Fonte: Acervo IPHAN-TO



Figura 9 – "Casa do Ouro". Detalhe para o tronco de madeira agregado na parede à direita. Fonte: Acervo IPHAN-TO



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA CULTURA
INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL
SUPERINTENDÊNCIA DO IPHAN EM TOCANTINS

Pelas evidências materiais observadas acreditamos que na Chapada dos Negros ocorreu, principalmente, uma "mineração de morro", tipo de mineração na qual eram explorados os depósitos primários do minério, ao contrário da "mineração de cascalho", em que eram explorados os depósitos secundários nos leitos dos cursos d'água.

Segundo Reis⁴ (2007), a exploração dos depósitos primários exigia grandes investimentos em infraestrutura e em mão de obra. A duração da atividade permitia o surgimento de povoados, cujo tamanho e densidade populacional eram condicionados pela quantidade de ouro que a mina oferecia. Muitas vezes, o esgotamento da jazida levava ao fim da povoação. Nessa perspectiva, a cultura material presente da Chapada dos Negros corrobora, em parte, os dados históricos e a tradição oral.

Em resumo, podemos pensar nesta sequência de fatos:

- Na década de 1730 foi descoberta na Chapada dos Negros uma rica jazida de ouro;
- Para sua exploração foram mobilizados até 10 mil escravos;
- Toda uma infraestrutura de mineração foi montada para retirar o ouro - cavas, regos de captação de água, muros e barragens de pedra, etc., cujas ruínas pululam na Chapada;
- A atividade de mineração atraiu outras pessoas (comerciantes, religiosos, aventureiros, etc.) e ao redor da mina se desenvolveu o arraial;
- Hipoteticamente, podemos pensar que a transferência do arraial em 1740 para o local onde se situa atualmente a cidade de Arraias não extinguiu totalmente o núcleo populacional que surgiu circunjacente à mina, que continuou se desenvolvendo, extraoficialmente, em paralelo à exploração aurífera. Isso explicaria o número considerável de ruínas de habitações que persistem na Chapada, as quais não poderiam ter sido erguidas no pouco tempo entre a descoberta das minas e a transferência do arraial, um período inferior a uma década;
- O abandono da Chapada dos Negros na segunda metade do novecentos, após um século e meio de exploração, pode ser pensado como resultado do esgotamento da mina.

⁴ REIS, Flávia Maria da Mata. Entre faisqueiras, catas e galerias: exploração de ouro, leis e cotidiano das Minas do Século XVIII (1702-1762). Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG. Belo Horizonte, 2007.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA CULTURA
INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL
SUPERINTENDÊNCIA DO IPHAN EM TOCANTINS

Conclusões

Através da vistoria, das fontes documentais e do convívio com alguns arraianos, constatamos que o sítio Chapada dos Negros é, realmente, um bem de inegáveis valores histórico, arqueológico, arquitetônico, afetivo e pedagógico.

O sítio arqueológico apresenta um bom estado de preservação. Grande parte da população de Arraias parece desconhecer o paradeiro das ruínas – mas não a sua existência - implicando em menores danos antrópicos ao sítio em razão de turismo desordenado.

No passado recente ocorreram alguns fatos alarmantes. Uma matéria publicada no Jornal do Tocantins, datada de 29 de abril de 1996, noticiou uma denúncia da historiadora Joana Eudes Barbosa dos Santos, então coordenadora do Patrimônio Histórico e Cultura da Secretaria de Educação do Estado do Tocantins, de que tratores de esteira que trabalhavam na Chapada dos Negros estavam devastando as ruínas⁵. O Mestre Fumaça nos falou durante a vistoria da abertura recente de estradas no local.

Quando da nossa visita, o maior impacto observado é proveniente de causas naturais, por exemplo, o crescimento de árvores entre e sobre os muros de pedra (Fig. 10).

Contudo, diante da chegada cada vez maior de empreendimentos de grande porte na região de Arraias (mineradoras, por exemplo), é preciso que sejam tomadas as medidas cabíveis para evitar a destruição desse patrimônio cultural, um Bem de União protegido pela Lei Federal nº 3924/1961.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA CULTURA
INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL
SUPERINTENDÊNCIA DO IPHAN EM TOCANTINS



Figura 10 – Árvore que cresceu justaposta à parede da ruína da Igreja. Fonte: Acervo IPHAN-TO

Diante do que foi exposto, recomendo o seguinte:

- Diante do pouco conhecimento produzido até então sobre a Chapada dos Negros, não há, ainda, elementos que justifiquem um tombamento a nível federal do bem. Somente um aprofundamento dos estudos históricos e arqueológicos poderão afirmar ou não a representatividade do bem perante a nacionalidade. Por outro lado, a importância da Chapada dos Negros prevalece perante o cenário regional de ocupação histórica. Por isso, recomendo que o estado do Tocantins seja provocado a tombar a Chapada dos Negros em sua esfera de competência, como já se intencionou fazer em outros momentos;
- Por outro lado, a Chapada dos Negros é, inegavelmente, um sítio arqueológico-histórico, com a presença de um significativo número de ruínas do período colonial. Embora ainda não tenha sido inserido no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA), trata-se de um bem da União protegido pela Lei Federal nº. 3924/1961 e, de acordo com o seu Art. 5º, sua destruição ou mutilação "será considerado crime contra o Patrimônio Nacional e, como tal, punível de acordo com o disposto nas leis penais";



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA CULTURA
INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL
SUPERINTENDÊNCIA DO IPHAN EM TOCANTINS

- Recomendo a realização de prospecções arqueológicas – envolvendo reconhecimento de superfície, métodos interventivos e/ou geofísicos – com o intuito de delimitar o sítio;
- Recomendo a realização de um levantamento planialtimétrico detalhado da área, com a finalidade de registro de todas as estruturas, sejam positivas ou negativas, e determinar suas relações com o relevo;
- Seria prudente que a Prefeitura de Arraias fosse provocada pelo IPHAN para tomba a Chapada dos Negros com base na Lei Municipal Nº 768/2007, de 11 de dezembro de 2007⁶. Além dos benefícios para a sociedade local, esse ato contribuirá para o processo de tombamento na esfera estadual;

Anexa a este Parecer Técnico segue a ficha CNSA do sítio Chapada dos Negros para que seja inserida no banco de dados do IPHAN. Cabe ressaltar que as coordenadas indicadas na delimitação do sítio são baseadas na dispersão espacial das ruínas observadas *en passant* durante a vistoria. Isso não exclui a possibilidade de o sítio ser muito maior, englobando locais ainda não devidamente prospectados. Somente após a realização das ações acima descritas – prospecção e levantamento planialtimétrico – teremos condições de delimitar corretamente o sítio.

Atenciosamente,

RÔMULO MACÊDO BARRETO DE NEGREIROS

Arqueologia

Divisão Técnica Superintendência IPHAN - TO

Mat. SIAPE 2120881

⁶ Lei nº 768/2007 - "Dispõe sobre a preservação do patrimônio natural e cultural do Município de Arraias, Estado do Tocantins, cria o Conselho Municipal do Patrimônio Cultural e dá outras providências."